UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS FLORIANÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA (PPGECT/UFSC)

Bruno Guimarães Queiroz de Castro

Território formativo: o Grupo de Educação Ambiental da Biologia (GEABio) da UFSC construindo identidades

Florianópolis
2026

Bruno Guimarães Queiroz de Castro

Território formativo: o Grupo de Educação Ambiental da Biologia (GEABio) da UFSC construindo identidades

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Científica e Tecnológica.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Brasil Ramos
Coorientadora: Profa. Dra. Cristhiane Carneiro Cunha Flôr

Florianópolis
2026

Castro, Bruno Guimarães Queiroz de
Território formativo: o Grupo de Educação Ambiental da Biologia (GEABio) da UFSC construindo identidades / Bruno Guimarães Queiroz de Castro ; orientadora, Mariana Brasil Ramos, coorientadora, Cristhiane Carneiro Cunha Flôr, 2026.
118 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Educação Científica e Tecnológica. 2. Narrativas (auto)biográficas. 3. Educação Ambiental. 4. Educação não formal. 5. Território formativo. I. Ramos, Mariana Brasil. II. Flôr, Cristhiane Carneiro Cunha. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. IV. Título.

Bruno Guimarães Queiroz de Castro

Território formativo: o Grupo de Educação Ambiental da Biologia (GEABio) da UFSC construindo identidades

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 7 de julho de 2026 pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profª Dr.ª Ana Maria Hoepers Preve
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof. Dr. Marcelo Gules Borges
Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Dr.ª Regina Célia Grando
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Educação Científica e Tecnológica.

GOV.BR
Documento assinado digitalmente
JOSE FRANCISCO CUSTODIO FILHO
Data: 25/08/2026 08:46:04-0300
CPF: ***.573.209-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

ICP-Edu
Documento assinado digitalmente
Mariana Brasil Ramos
Data: 24/08/2026 18:36:47-0300
CPF: ***.586.089-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Profª Drª Mariana Brasil Ramos Orientadora

Florianópolis, 2026.

Dedico este trabalho a todos os seres geabiontes.

Vida longa ao GEABio!

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha família, pelo apoio, pelo cuidado e pelas tantas formas de presença ao longo da minha vida. Às pessoas que me criaram, me acompanharam e me deram condições para chegar até aqui, mesmo quando os caminhos pareciam distantes ou incertos. Muito antes desta dissertação, foram vocês que me ensinaram a olhar para o mundo, para a natureza, para as pessoas e para mim mesmo com curiosidade, sensibilidade e coragem.

Agradeço a todas as pessoas do GEABio, de todas as suas gerações, que construíram e seguem construindo esse coletivo tão bonito, inquieto, contraditório, afetivo e necessário. A cada geabionte que passou pela salinha, pelas hortas, pelos mutirões, pelas formações, pelas viagens, pelas reuniões, pelos cafés, pelas festas, pelas intervenções e pelos tantos projetos que fizeram o grupo existir e resistir ao longo dos anos. Esta pesquisa nasce do desejo de contar uma história que nunca foi minha sozinho, mas nossa, feita por muitas mãos, vozes, corpos, sonhos e sementes.

Agradeço, especialmente, às pessoas que participaram desta pesquisa, oferecendo suas narrativas, memórias, documentos, fotografias e afetos: Nayara, Daniel, Júlia, Raíza, Rinaldo, Anselmo e Vanessa. Obrigado por aceitarem revisitar suas histórias, por confiarem a mim partes tão bonitas de suas trajetórias e por ajudarem a construir este registro coletivo sobre o GEABio. Cada narrativa recebida foi, para mim, um presente, uma responsabilidade e uma confirmação da potência formativa que esse grupo teve e segue tendo na vida de tantas pessoas.

Agradeço às pessoas com quem compartilhei a graduação em Ciências Biológicas, o movimento estudantil, o CABio, o GEABio, as disciplinas, os trabalhos, as greves, as festas, as viagens e os muitos aprendizados que a universidade me proporcionou para além das salas de aula. Foi nesses espaços que aprendi, na prática, sobre autogestão, coletividade, escuta, conflito, amizade, política, educação e esperança. Muito do que sou hoje como professor, biólogo, educador ambiental e pesquisador foi tecido nesses encontros.

Agradeço às amizades que estiveram comigo durante esses anos de mestrado, de perto ou de longe, sustentando conversas, risadas, desabafos, cafés, conselhos, revisões, distrações necessárias e palavras de incentivo nos momentos em que a escrita parecia pesada demais. Agradeço às pessoas que me lembraram que uma dissertação é importante, mas que a vida também acontece fora dela: nos encontros, nas refeições partilhadas, nas caminhadas, nas pedaladas, nas praias, nos bares, nas músicas, nos abraços e nos silêncios compartilhados.

Agradeço à banca desta dissertação: professora Ana Preve, professora Regina Grando e professor Marcelo Borges. Agradeço pela disponibilidade, pela leitura atenta, pelas

contribuições e pela generosidade em participar deste momento tão importante da minha formação. É uma alegria poder compartilhar este trabalho com pessoas cujas trajetórias e olhares ajudam a ampliar os sentidos da pesquisa, da educação e da vida.

Agradeço às minhas orientadoras, professora Mariana Brasil Ramos e professora Cristhiane Carneiro Cunha Flor, pela orientação, pela escuta, pela paciência e pela confiança ao longo deste percurso. Obrigado por acolherem esta pesquisa, suas mudanças de rota, seus atrasos, suas dúvidas e suas insistências. A escrita de uma dissertação é sempre um processo cheio de encontros, desvios, inseguranças e descobertas, e sou grato por ter podido caminhar com vocês nessa travessia.

Agradeço também a todas as pessoas trabalhadoras da UFSC e da UDESC, espaços onde estudei, pesquisei, escrevi e vivi tantas partes deste processo. Às funcionárias terceirizadas dos restaurantes universitários, das bibliotecas, da limpeza, da segurança e dos tantos serviços que sustentam cotidianamente a vida universitária; às professoras, professores, técnicas e técnicos administrativos em educação, estudantes e demais trabalhadoras que tornam possível o ensino, a pesquisa e a extensão. Esta dissertação também existe porque essas pessoas mantêm a universidade funcionando todos os dias.

Agradeço também à todas que, direta ou indiretamente, atravessaram esta pesquisa: colegas de pós-graduação, professoras e professores do PPGECT, estudantes com quem trabalhei, pessoas que leram trechos, ouviram ideias soltas, fizeram perguntas, apontaram caminhos ou simplesmente torceram para que este texto encontrasse seu fim. Em uma pesquisa narrativa, ninguém escreve completamente sozinho. Cada conversa, memória e encontro deixa alguma marca.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pelo apoio financeiro concedido por meio do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX). A bolsa recebida foi fundamental para a realização desta pesquisa e para a continuidade de minha formação acadêmica.

Por fim, agradeço ao GEABio, não como uma instituição abstrata, mas como território vivo de formação, pertencimento, invenção e esperança. Agradeço por ter me dado chão, horta, bicicleta, café, amizade, inquietação, coragem e sentido. Agradeço por ter me ensinado que a Educação Ambiental pode ser vivida no corpo, no afeto, na política, na arte, na terra e na coletividade. Esta dissertação é, de muitas formas, uma tentativa de devolver ao grupo um pouco daquilo que ele me ofereceu. A todas e a todos que, de alguma maneira, fazem parte desta história: muito obrigado.

A semente ensina a não caber em si.
(ANTUNES, 2011)

Resumo

Esta dissertação investiga o papel do Grupo de Estudos em Educação Ambiental da Biologia (GEABio), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na formação pessoal, acadêmica e profissional de educadoras e educadores ambientais. Partindo de uma escrita (auto)biográfica e narrativa, a pesquisa busca compreender como as experiências vividas no coletivo contribuíram para a constituição de identidades docentes, políticas e ambientais, em diálogo com a história do grupo e com diferentes vertentes da Educação Ambiental brasileira. O trabalho se ancora em referenciais da pesquisa narrativa e (auto)biográfica em educação, bem como em discussões da Educação Ambiental crítica e pós-crítica, considerando a formação como um processo atravessado por memórias, afetos, experiências, pertencimentos e práticas coletivas. Metodologicamente, foram mobilizadas narrativas escritas por antigas e atuais participantes do GEABio, apresentadas em sua integralidade e colocadas em diálogo com memórias do pesquisador, documentos do grupo e referenciais teóricos. Organizadas em ordem cronológica de participação no coletivo, as narrativas percorrem diferentes momentos da história do GEABio, evidenciando práticas como reuniões autogestionadas, mutirões, projetos de extensão, atividades na Horta Baudelaire, formações, intervenções artísticas e ações educativas em espaços formais e não formais. A análise permite compreender o GEABio como um território formativo singular, no qual a Educação Ambiental se constitui pela articulação entre agroecologia, política, afeto, autonomia, corresponsabilidade e experimentação. Ao final, a pesquisa reconhece que a participação no coletivo produziu marcas significativas nas trajetórias das pessoas envolvidas, contribuindo para a fabricação de educadoras e educadores ambientais comprometidos com práticas sensíveis, críticas, coletivas e transformadoras, além de compor um acúmulo teórico, histórico e afetivo para o próprio grupo.

Palavras-chave: narrativas (auto)biográficas; formação de educadores ambientais; educação não formal.

Abstract

This dissertation investigates the role of the Biology Environmental Education Study Group (GEABio), from the Federal University of Santa Catarina (UFSC), in the personal, academic, and professional formation of environmental educators. Through (auto)biographical and narrative writing, the research seeks to understand how the experiences lived within the collective contributed to the constitution of teaching, political, and environmental identities, in dialogue with the history of the group and with different strands of Brazilian Environmental Education. The study is grounded in references from narrative and (auto)biographical research in education, as well as in discussions on critical and post-critical Environmental Education, understanding formation as a process shaped by memories, affections, experiences, belongings, and collective practices. Methodologically, the research mobilized narratives written by former and current GEABio participants, presented in full and placed in dialogue with the researcher's memories, documents from the group, and theoretical references. Organized chronologically according to each participant's involvement in the collective, the narratives cover different moments in GEABio's history, highlighting practices such as self-managed meetings, collective workdays, extension projects, activities at Horta Baudelaire, formative processes, artistic interventions, and educational actions in formal and non-formal spaces. The analysis allows GEABio to be understood as a singular formative territory, in which Environmental Education is constituted through the articulation of agroecology, politics, affection, autonomy, co-responsibility, and experimentation. In the end, the research recognizes that participation in the collective produced significant marks on the trajectories of those involved, contributing to the fabrication of environmental educators committed to sensitive, critical, collective, and transformative practices, while also composing a theoretical, historical, and affective archive for the group itself.

Key words: (auto)biographical narratives; environmental educator formation; non-formal education.

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1 - Ata da primeira reunião do GEABio (final de 2008) 45
Figura 2 - Cartaz de divulgação do primeiro encontro de formação do GEABio 46
Fonte: Arquivo pessoal de Nayara

Figura 3 - Carta de apresentação do grupo ao Centro de Ciências Biológicas (CCB) 46
Figura 4 - Cartaz da programação do primeiro encontro de formação no Sítio Çarakura. 47
Figura 5 - Projeto Biodiversidade no Congresso de Brasileiro de Educação Ambiental, em João Pessoa, 2011 50
Figura 6 - Projeto Biodiversidade em 2011 51
Figura 7 - Projeto Biodiversidade no Sítio Çarakura em 2012 51
Figura 8 - Intervenção “Meu MIP, Minha Casa”, em 2010 52
Figura 9 - I Formação do grupo no Sítio Çarakura, no primeiro semestre de 2009 52
Figura 10 - Intervenção do lixo na UFSC em 2012 53
Figura 11 - II Formação do grupo, no segundo semestre de 2009 54
Figura 12 - Trote ecológico no Sítio Çarakura em 2011 54
Figura 13 - IV Formação do GEABio em 2011 55
Figura 14 - Pizzada GEABio 2012 55
Figura 15 - V Formação do GEABio em 2012 56
Figura 16 - IX Formação GEABio - ÇaraKura 2016 57
Figura 17 - Formação Sítio Çarakura 2016 58
Figura 18 - foto sem legenda geabio 2011 61
Figura 19 - II Formação do GEABio em 2009 no Sítio Çarakura em Ratones 62
Figura 20 - Pintura da Caixona do MIP - 2010 63
Figura 21 - Protesto contra a construção do Estaleiro OSX - 2010 64
Figura 22 - Foto de um dos encontros do grupo de estudos livro pedagogia do oprimido, entre 2015-2016. 66
Figura 23 - Foto de formação no Sítio do Instituto Çarakura em Ratones, Florianópolis, meados de 2014 67
Figura 24 - Foto de mutirão no Projeto de horta no CAPS Álcool e Drogas do Pantanal, em meados de 2014 67
Figura 25 - Foto de um dos encontros do Bialogando com temática alimentação e agroecologia, em meados de 2016 69
Figura 26 - Foto de um estande na SEPEX, em meados de 2014. 69
Figura 27 - Dia da despolpa de açaí no Centro Acadêmico de Biologia (CAbio) 70
Figura 28 - Viagem para o EREB- Sul Morretes no Paraná, 2014. 71

Figura 29 - Apresentação no CBA em 2015. 72
Figura 30 - Formação em agroecologia do GEABio, edição 2012. 73
Figura 31 - Formação em agroecologia do GEABio, edição 2015. 73
Figura 32 - Apresentação do GEABio no ERGA-Sul- em Florianópolis 2017 no Rio Vermelho atual terra do Quilombo Vidal Martins 74
Figura 33 - Faixa do GEABio no acampamento 75
Figura 34 - Volta a ilha conexão sul 2015 80
Figura 35 - Bio na Aldeia! Tekoa Itaty (Terra Indígena do Morro dos Cavalos) Outubro de 2016 85
Figura 36 - X Formação do GEABio em 2018 “Buscando paisagens sonoras no centro da cidade”. 90
Figura 37 - Imagem do cartaz de divulgação de um mutirão 92

SUMÁRIO

1. MEMÓRIAS, FORMAÇÃO E PESQUISA 8
1.1. PEIXE DE ÁGUA DOCE 9
1.2. UFSC, GEABIO E EDUCAÇÃO 13
1.3. UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA CHAMAR DE MINHA 17
1.4. A BAGAGEM E O CAMINHO 20
2. CULTIVAR UM ESPAÇO ONDE AS PALAVRAS POSSAM TER LIBERDADE 29
3. EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS ENTRE NARRATIVAS E MEMÓRIAS 39
3.1. Narrativa de Nayara 43
3.2. Narrativa de Daniel 49
3.3 Narrativa de Julia 59
3.4 Narrativa de Raíza 64
3.5 Narrativa de Rinaldo 81
3.6 Narrativa de Anselmo 85
3.7 Narrativa de Vanessa 92
4. TERRITÓRIO FORMATIVO: NARRATIVAS, APRENDIZAGENS E FABRICAÇÃO DE IDENTIDADES AMBIENTAIS 97
5. SEMENTES, CAMINHOS E RETORNOS 104
REFERÊNCIAS 110

1. MEMÓRIAS, FORMAÇÃO E PESQUISA

Visitar o passado por meio das próprias memórias, acessar lugares há muito esquecidos e ressignificar experiências na construção de narrativas como “um instrumento mental de construção da realidade” (Maknamara, 2016) é o movimento que inaugura este texto. Reúnem-se aqui concepções pessoais — algumas ainda atuais e (r)existentes, outras já ressignificadas — que se somam na construção de minha identidade como educador, professor, pesquisador e ser humano em constante processo de constituição. Compreendo essa identidade como mutável e inconstante, aberta às influências, aos deslocamentos e às transformações que atravessam os capítulos seguintes de minha história, em um processo contínuo de produção de si, tecido nas experiências vividas e nas relações, em permanente construção.

Pesquiso, questiono e escrevo com a intenção de compreender melhor algumas perspectivas pessoais sobre o que entendo e pratico no âmbito da Educação Ambiental, buscando também responder a questionamentos sobre a constituição de educadoras e educadores ambientais — mais especificamente daqueles que têm em comum, em suas trajetórias, a participação e a construção do Grupo de Estudos em Educação Ambiental da Biologia (GEABio) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Um grupo criado e gerido desde 2009[1] por estudantes da graduação em Ciências Biológicas, e que teve papel crucial em minha formação como biólogo e educador ambiental, assim como na de tantas outras pessoas que, direta ou indiretamente, atravessam a construção deste texto, desta pesquisa e das histórias aqui apresentadas.

Mas, antes de chegar aos pormenores desta pesquisa, considero fundamental olhar também para quem a escreve: sua história, seus ideais, suas inquietações e as razões que o conduziram até aqui. Ao longo da graduação e da pós-graduação, fui compreendendo a importância de situar uma pesquisa em seu contexto histórico e social, de reconhecer quem fala, de onde fala e para quem fala. Uma perspectiva que se distancia de uma concepção anterior, mais rasa e ingênua, ainda presente em parte da sociedade, sobre a existência de uma ciência neutra e impessoal, supostamente desvinculada de contextos sociais, políticos, culturais e

[1] Informação mencionada na narrativa de Nayara, presente no capítulo 3 e nos documentos recebidos que marcam as primeiras atividades do grupo.

pessoais. Uma perspectiva duramente criticada por diversas vertentes e autores das áreas da educação e filosofia da ciência como Freire (1992, p.78) quando diz que “não há nem jamais houve prática educativa em espaço-tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com ideias preponderantemente abstratas e intocáveis".

É curioso divagar entre memórias ainda vívidas e aquelas que já não sabemos distinguir entre o real e o imaginado; revisitar pessoas, momentos, emoções e sensações que ficaram marcadas no corpo, acompanhadas da nostalgia do que não mais voltará. No entanto, relembrar é também um gesto de cuidado: visitar o passado com olhos de saudade, ressignificar experiências e reconhecer que o tempo revela novas percepções. A vida ensina, e seguimos aprendendo e reaprendendo com ela.

Sou contemplado pelas palavras de Prado e Soligo (2005, p. 6), quando afirmam que “pensar pode ser isso: uma autorreflexão sobre o todo do mundo tal qual se apresenta para nós, um jeito de contá-lo a nós mesmos”. E a forma como contamos está atravessada por nossas escolhas, nossas experiências e nossos contextos — pelas verdades que construímos ao longo do caminho. Pois, assim como diz Conceição Evaristo (2022, p. 7):

> creio mesmo que não devemos desprezar as minúcias de um relato, se quisermos nos aproximar o mais possível da história em sua quase totalidade. E por que digo quase? Porque, por minhas andanças nos caminhos da escuta e do contar, sinto, depois, que pedaços da matéria prima, do relato original, vão se perdendo pelos caminhos.

1.1. **PEIXE DE ÁGUA DOCE**

Lembro de minha infância com muito carinho. Fui uma criança que cresceu na cidade grande, mas que amava estar no meio do mato, algo que se tornou ao longo de minha vida uma necessidade inerente em meu existir. Nasci em Goiânia, no meio de prédios e avenidas, mas desde cedo tive o prazer de vivenciar o cerrado em suas mais belas formas. Estava sempre me aventurando por trilhas, cachoeiras, rios, fazendas e florestas. Durante minha infância, minha família, sendo meu pai, mãe e irmã mais velha, tinha o costume de viajar para lugares mais remotos em meio à natureza e pelo menos uma vez ao ano íamos à praia, geralmente no Nordeste. Mesmo sendo apaixonado pelo cerrado, esse contato com o litoral me trazia

enormes sentimentos de prazer e alegria. Era como se o mar, as ondas, a areia quente da praia, os cheiros da cultura litorânea e todos seus encantos me trouxessem uma nostalgia que eu nunca soube explicar. Parecia que a vida ali era mais viva, que as emoções sentidas realçavam tudo ao meu redor.

Aprendi a equilibrar os dois ambientes e a aproveitar o melhor dos dois mundos conforme fui me desenvolvendo. Enquanto na cidade, rodeado de carros, prédios, barulhos e pessoas, aproveitava para andar de skate, brincar nas áreas de lazer dos prédios, passear por shoppings e desbravar o centro da cidade, sempre acompanhado de amizades. Quando saía do caos urbano me ocupava então de escalar árvores e pular por pedras, nadar em cachoeiras e descobrir trilhas, brincar com cavalos e vacas, plantar e colher hortaliças e aproveitar a solitude, a beleza e o silêncio da natureza. Nas férias de fim de ano meu encontro com o mar era vivenciado com muito entusiasmo, o dia todo com uma prancha de isopor e somente o céu e o mar como companhia. Passava tanto tempo nessa brincadeira que me lembro de olhar para quadros e fotos do mar nas paredes e ver as ondas balançando na pintura, uma ilusão de ótica causada pelas longas horas no balanço do mar.

Essa vida urbana com suas fugas para o mato me fez perceber um apreço enorme pelos momentos fora da cidade, eu amava poder sair da rotina e me aventurar por outros lugares. E esse sentimento foi se tornando cada vez mais claro para mim conforme fui ficando mais velho, obtendo mais responsabilidades escolares e começando a pensar sobre a faculdade. A ideia de poder sair de Goiânia pra viver em outro lugar ocupava em mim um lugar cada vez maior. Era como se fosse, assim como nos filmes de sessão da tarde, o meu bilhete único para me jogar ao mundo em busca de aventuras e desbravar o desconhecido. Mantive esse sonho na estante por alguns anos até realmente chegar o momento de fazer a escolha de um curso superior e para onde iria. Mas antes de falar sobre isso, acho importante voltar um pouco em minha história e refletir sobre o que pode ter me influenciado a chegar até aqui, possíveis razões que me levaram a escolher a biologia, a Educação Ambiental, suas vertentes pós críticas, as cartas e narrativas.

Do ensino infantil até o ensino médio, estudei, ao todo, em seis escolas. A primeira foi onde aprendi a nadar, jogar xadrez, estudar arte, conversar com patos e tartarugas e comer tamarindo do pé. Me mudei de lá no quarto ano e estudei então por três anos no colégio em um colégio enorme, com muitas regras e disciplina, mas

também com aulas de música, judô, e um pátio que usávamos para praticar Parkour[2]. Do quinto ao sétimo ano vivi ali muitas descobertas e aventuras, participei da banda marcial do colégio, cantei em palcos para centenas de pessoas, joguei futsal e handebol em campeonatos escolares, fiz muita bagunça, tive meus primeiros romances e conheci o skate, esporte que moldou toda a trajetória de minha adolescência e me fez enxergar as ruas e a cidade com uma perspectiva diferente. Uma das primeiras de várias mudanças na forma como fui enxergando o mundo ao longo de minha formação.

No oitavo ano mudei novamente de escola e passei a estudar em um bairro mais gentrificado, com crianças de uma classe social diferente das que geralmente estudavam na escola anterior. Lembro que essa mudança de ambiente me fez perceber minúcias nas relações sociais que antes não me eram visíveis. Ali tive meus primeiros choques de realidade sobre preconceitos, falsidade, relações de poder e influência. Creio ter sido o início de uma construção de consciência de classe e percepção mais profunda para a realidade das relações sociais que no futuro viriam a ser decisivas em minhas escolhas pessoais na faculdade.

Uma cena dessa época que me marcou — e que até hoje me faz refletir sobre minha atuação como docente — foi quando, após falar alguma besteira em sala, a professora olhou em meus olhos e disse: “recolha-se em sua própria insignificância”. Na época, não senti plenamente o peso daquela frase, mas hoje, como professor, compreendo a dimensão que palavras como essa podem ter na vida de um adolescente.

Ao final do ano letivo, pedi para mudar de escola, pois não me sentia à vontade nem feliz naquele ambiente. No ano seguinte, fui para uma escola menor, com apenas duas turmas por série, onde os estudantes estavam juntos desde pequenos e cultivavam entre si relações de amizade, respeito e honestidade. Foi um ano muito feliz, marcado por descobertas, conexões e pela conclusão do nono ano com uma viagem de formatura incrível, que fortaleceu laços de amizade que permanecem vivos até hoje. Infelizmente, a escola oferecia apenas o ensino fundamental, e no ano seguinte minha turma se dispersou entre diferentes colégios de ensino médio, que exibiam pela cidade, como troféus, outdoors com rostos de

[2] Parkour é um esporte criado na França nos anos 80 que consiste em usar o próprio corpo como equipamento e tem como objetivo transpor obstáculos urbanos ou naturais das cidades como degraus, rampas, árvores, muros e outros – fazendo movimentos diversos que unem força e velocidade.

jovens — em sua maioria brancos e privilegiados — associados a aprovações em universidades renomadas.

Hoje em dia, sendo professor e geralmente feliz em meu ambiente de trabalho, é curioso relembrar toda essa história e pensar que durante minha infância e adolescência a sala de aula e a escola nunca foram lugares muito queridos por mim. Nunca fui um “aluno exemplar”[3], nem no quesito de notas e muito menos no quesito de comportamento. Estudava o suficiente para não ter problemas em casa e me comportava o suficiente para não ter problemas na escola, dizia com orgulho nunca ter reprovado em nada e não sentia necessidade de tirar notas altas nas disciplinas que não me interessavam. Talvez por isso, hoje como professor, tento sempre me colocar no lugar desses alunos “problemáticos” antes de julgar certas ações com as quais lidamos no dia a dia. A realidade é que é pouco natural uma criança ter que ficar sentada em uma cadeira, dentro de uma sala de aula fechada por metade do seu dia. A educação tradicional, sua estrutura, suas lógicas e seu formato é ultrapassada e não mais compreende – talvez nunca compreendeu - as necessidades e realidades das pessoas que a constroem. Eu ainda me lembro bem como tudo que eu queria quando criança e adolescente era sair da escola para andar de skate, escalar uma árvore ou brincar de soltar pipa na rua. Não se pode culpar uma criança por querer ser criança.

Desde cedo, tive o privilégio de viver tranquilamente, com a única obrigação de ir para a escola, passar de ano, frequentar as aulas extras de inglês e não fazer muita bagunça. Usava meu tempo livre para praticar esportes, assistir televisão, tocar violão, andar de skate, encontrar amizades e me divertir. Minha vida até o nono ano foi relativamente fácil — nunca tive dificuldades na escola — e os últimos anos do fundamental foram me dando experiência e maturidade para evitar, cada vez mais, as confusões e idas à coordenação.

Essa realidade mudou quando comecei o ensino médio e passei a sentir a pressão da chegada iminente do vestibular e da escolha do que eu achava que definiria o resto da minha vida. A rotina despreocupada passou a ser ocupada por sentimentos de ansiedade, estresse e cansaço. No decorrer do ensino médio, transitei por opções de cursos que eu acreditava contemplar meus desejos e sonhos, naquela época ainda pouco nítidos para mim. Fui de Relações

[3] Optei por colocar alguns termos entre aspas no intuito de refletir sobre o significado atribuído a eles. O que entendemos de cada um desses termos e por que os entendemos assim.

Internacionais a Direito, cogitei História, Oceanografia e, por fim, me fixei na ideia de me tornar biólogo marinho. Na época, eu tinha certeza de poucas coisas, mas sabia que amava o mar, a natureza, os animais e as plantas — e também sabia que queria sair de Goiânia para viver uma experiência universitária por completo, assim como me orientava minha irmã, seis anos mais velha, que havia passado por essa experiência há pouco tempo. Ir para a praia e morar no mar foi uma decisão que fazia bastante sentido. Afinal, eu amava o litoral e tinha a impressão de que seria feliz próximo do mar. Sempre fui guiado por uma visão muito racional das coisas: analiso bem todos os fatores que percebo no contexto dado e, só então, decido qual caminho faz mais sentido. Para mim, as coisas sempre precisam fazer sentido. Ou precisavam — já não tenho mais tanta certeza.

Quando chegou o momento do vestibular, tive a chance de colocar em prática aquele sonho antigo de sair da minha cidade natal e me aventurar por outros cantos do mundo. Consegui o apoio dos meus pais e vim para Floripa uma primeira vez, em dezembro, para realizar a prova do vestibular; e uma segunda vez, em fevereiro, para efetivar a matrícula, depois de receber a notícia de que havia sido aprovado. A notícia da minha aprovação surpreendeu minha avó, que, ao descobrir a novidade, perguntou: “Como você passou se nunca te vi estudando?”. Após uma breve explicação irônica de que trinta horas semanais em sala de aula também contam como estudo, ela riu, concordou e me deu parabéns pela conquista.

1.2. **UFSC, GEABIO E EDUCAÇÃO**

A UFSC não oferecia o curso de Biologia Marinha e, dentre as opções possíveis, optei por ingressar na graduação em Biologia e me aproximar dessa área ao longo do curso. Essa era a ideia até então. Porém, no meu primeiro semestre na UFSC, em 2015, os estudantes de Biologia entraram em greve após apenas duas semanas de aula, e aquela movimentação me instigou a compreender melhor seus motivos e, principalmente, quem eram aquelas pessoas que tinham a ousadia de interromper as aulas do curso todo. Com o tempo, fui entendendo que aquele movimento de paralisar as aulas por uma ou duas semanas foi fundamental para que eu — e tantos outros estudantes — tivéssemos a oportunidade de parar, refletir e discutir o contexto político e a situação da educação superior pública em que havíamos acabado de ingressar.

Foi a partir desse movimento que comecei a participar das reuniões do Centro Acadêmico da Biologia (CABio), do Grupo de Estudos em Educação Ambiental da Biologia (GEABio) e a me inserir no movimento estudantil da Biologia[4] e da UFSC. Ali encontrei um grupo de estudantes que construía, de forma horizontal e autogestionada, essas duas instâncias do curso. Eu ainda tinha uma compreensão bem limitada sobre o que significava autogestão, quais eram os princípios que orientavam aquelas pessoas e os motivos por trás dessa escolha organizacional; percebia apenas que havia ali outro modo de se organizar e se relacionar, diferente dos modelos organizacionais que eu conhecia. Percebi que nesses espaços e nesses coletivos a responsabilidade de pensar, propor e decidir era compartilhada de maneira horizontal, deslocando a lógica hierárquica que até então eu tomava como natural na organização de qualquer grupo. Era um posicionamento profundamente diferente de tudo que eu conhecia sobre qualquer forma de gestão e que, aos poucos, foi me ensinando, na prática, sobre compromisso com o coletivo, corresponsabilidade e a importância de sustentar o diálogo como espaço legítimo de construção comum.

O GEABio me chamou atenção por ser a única instância do curso que não tinha um professor ou professora no papel de coordenação. A maneira como as estudantes se organizavam – e ainda se organizam – seguindo princípios da autogestão como horizontalidade, apoio mútuo e uma autocrítica constante como base para construção de propostas e debates era incrível aos olhos de um calouro acostumado a uma vida toda dentro de um sistema educacional que se colocava as estudantes supostamente distante de debates sociais e políticos.

As pautas das reuniões envolviam temas diversos: construção e participação em encontros de estudantes, minicursos em permacultura e agroecologia, elaboração de projetos de extensão, manutenção e expansão da Horta Agroecológica da Bio — que posteriormente viria a se chamar Horta Baudelaire, em homenagem a um estudante que frequentava a horta e faleceu por questões de saúde —, organização de visitas escolares, oficinas de despolpa de açaí juçara, intervenções artísticas dentro e fora da universidade, grupos de leitura em Paulo Freire, entre muitas outras atividades. Todas essas vivências tratavam de temáticas

[4] Para uma melhor compreensão do movimento estudantil da Biologia UFSC, acessar o trabalho de Santos (2025), que retrata o histórico e a importância do movimento estudantil no Brasil e na UFSC, com foco para o Centro Acadêmico de Biologia (CABio-UFSC).

que muitas vezes não eram contempladas pelo currículo formal do curso, e me evidenciaram que as disciplinas eram apenas uma parte do processo formativo da graduação.

Meu interesse pela educação, pelas causas sociais, ambientais e pela biologia como um todo cresceu e floresceu pela constante motivação que eu encontrava nesses espaços, espaços de luta e que eram sempre repletos de muito amor não só pelas causas debatidas, mas também pelas pessoas que se somavam nessas lutas. O reconhecimento de que a participação na construção do GEABio foi fundamental na minha formação como biólogo, educador e cidadão, foi e ainda é um dos principais motivadores desta pesquisa. As experiências que a construção do grupo me proporcionou foram fundamentais para que eu me tornasse o professor-educador que sou hoje e que busca, com este trabalho, poder narrar um pouco da história desse grupo a partir dos relatos de quem participou dele, além de responder a inquietações pessoais que surgiram a partir dessas vivências, como: Qual o papel do GEABio na formação dos estudantes de Biologia na UFSC? De que maneiras a participação no grupo é capaz de influenciar a trajetória acadêmica e profissional de quem o constrói? Qual a importância de contar a história do grupo por diferentes perspectivas em momentos históricos diferentes?...

Nos primeiros quatro anos de graduação participei ativamente do GEABio e de diversas atividades que realizávamos no contraturno das disciplinas curriculares. Desde o primeiro momento em que participei de uma das reuniões semanais do grupo, criei rapidamente uma grande admiração por aquelas pessoas e por sua enorme capacidade de escutar e falar de maneira organizada, respeitosa e contundente, pelas perspectivas de mundo diante de problemáticas do grupo, do curso, da UFSC e da sociedade. Aprendi muito sobre o funcionamento da universidade e do curso de Ciências Biológicas, sobre os movimentos estudantis que reivindicavam pautas comuns e organizavam movimentações em prol delas, sobre como organizar reuniões, escrever atas, redigir documentos burocráticos e projetos de extensão, construir materiais de divulgação e organizar eventos, mutirões de limpeza, de plantio e produção de mudas, dentre várias outras atividades. Era revigorante e quase que revolucionário para mim entender e participar de debates sobre questões educacionais e políticas, conhecer e compartir de referências acadêmicas e artísticas que guiavam aquelas estudantes e

“suleavam”[5] as escolhas e propostas do grupo. Encantei-me com tamanha potência e fiquei ali o máximo de tempo possível para aprender tudo o que podia.

Após alguns meses já me sentia pertencente àquela história e ao que estava sendo construído. A educação ambiental nesse momento do curso ainda não era meu foco acadêmico, visto que a biologia marinha persistia como objetivo principal, mas as ideias e discussões em educação me habitavam cada dia mais e iam moldando minhas perspectivas como biólogo e educador em construção.

As perspectivas e posicionamentos de caráter decolonial e crítico sempre estiveram presentes nas atividades, discussões e posicionamentos do grupo, atravessando o cotidiano da construção dos projetos e das reuniões. No entanto, desde o momento em que ingressei no grupo, foi apenas em 2018 que conseguimos fazer uma pausa nas ações mais práticas e mergulhar com maior profundidade nas teorias e referenciais da Educação Ambiental que buscavam sustentar aquilo que vínhamos construindo.

Eu ingressei na Biologia em 2015 e, após quase três anos de participação no GEABio, já possuía uma compreensão inicial sobre a Educação Ambiental e suas vertentes. Ainda assim, aquele curso representou — para mim e, acredito, para o coletivo como um todo — um momento necessário de reflexão. Foi um tempo dedicado ao estudo de teorias, ao contato com pesquisas, ao diálogo entre diferentes perspectivas e ao tensionamento de nossos próprios olhares, buscando compreender com mais clareza os caminhos que queríamos seguir enquanto grupo.

Lembro vividamente do entusiasmo e da curiosidade que marcaram esse período. Havia ali um acúmulo significativo de experiências práticas, assim como uma bagagem teórica presente nas trajetórias individuais de cada pessoa. Ainda assim, sentíamos a necessidade de aprofundar nossa compreensão sobre a história, os fundamentos e os sentidos do que fazíamos — e do que desejávamos construir. Hoje reconheço que esse curso, em 2018, e aquele momento específico na trajetória do grupo constituem um marco importante no início da minha jornada como pesquisador em Educação Ambiental. Mais adiante, retomarei esse episódio ao longo da história do coletivo.

---

[5] O termo Sulear é “uma proposta político-pedagógica de rebeldia epistemológica” (COSTA, MONTEIRO, SANCHEZ, 2020, p.197), usada aqui no sentido de decolonizar a linguagem e todo o seu entorno. É uma opção contra hegemônica ao verbo Nortear, no sentido de orientar ou guiar numa direção moral, essa agora partindo de perspectivas do Sul global e não mais fazendo referência aos padrões eurocêntricos de moralidade.

1.3. **UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA CHAMAR DE MINHA**

Meu interesse pela educação ambiental e pelas temáticas ecológicas e educacionais que a permeiam vem antes da minha entrada na universidade. Minha mãe, arquiteta e urbanista, sempre foi uma militante da causa ambiental, estudiosa das medicinas alternativas e da sabedoria dos povos tradicionais. Meu pai, assim como eu, também cursou biologia e foi jardineiro e paisagista, sempre atento à biodiversidade ao seu redor. Um grande conhecedor da flora e da fauna do cerrado brasileiro, trazia os nomes científicos na ponta da língua e um olhar atento para cada forma de vida que cruzasse nosso caminho. Fazia questão de nos apontar as belezas vivas que muitas vezes passariam despercebidas aos olhos apressados. O exemplo dos dois, somado à minha própria conexão com os ambientes naturais, foi tecendo em mim, desde cedo, um encantamento profundo pela natureza — e, com ele, uma sensibilidade para as questões ambientais que atravessam o ato político de habitar, construir e pertencer a ela.

Em 2019, depois de vivenciar quatro anos com o GEABio, vivenciando diversos espaços não-formais de formação e passar a ter um contato mais intenso com as disciplinas da educação do curso de licenciatura, estava convicto da ideia de seguir trabalhando e pesquisando sobre educação ambiental, com o objetivo de realizar um trabalho de conclusão de curso que integrasse meus interesses pelo mar e pela pesquisa marítima aos meus interesses pelo ensino e pela educação. Ao procurar meu antigo orientador, ele mencionou um projeto transdisciplinar ainda em fase de planejamento. Conversamos sobre as possibilidades e, rapidamente, me entusiasmei: a iniciativa reunia pesquisadores de diferentes áreas da UFSC e era apoiada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em Santa Catarina. O objetivo era integrar a abordagem de Serviços Ecossistêmicos Costeiros[6], Carbono Azul[7] e Educação Ambiental em atividades práticas, como

[6] Os serviços ecossistêmicos costeiros são benefícios essenciais que ecossistemas como manguezais, restingas, praias e recifes de corais proporcionam, incluindo proteção contra tempestades (redução de erosão), regulação climática (sequestro de carbono), produção de alimentos (pesca) e turismo. Eles sustentam comunidades tradicionais, tratam resíduos e promovem bem-estar físico e mental.

[7] Carbono azul é o dióxido de carbono capturado e armazenado por ecossistemas costeiros e marinhos, como manguezais, sapais (pântanos salgados) e ervas marinhas. Esses ambientes funcionam como "sumidouros" naturais, sequestrando carbono de forma mais eficiente do que florestas tropicais e armazenando-o no solo por séculos, sendo essenciais para mitigar as mudanças climáticas.

aulas, oficinas e saídas de campo realizadas com estudantes de escolas públicas da Grande Florianópolis. Vi ali a possibilidade de aliar educação e meio ambiente em um trabalho elaborado coletivamente, e rapidamente decidimos que eu realizaria meu trabalho de conclusão de curso junto a esse movimento.

O momento parecia perfeito: eu havia encontrado um projeto de pesquisa que envolvia educação ambiental, atividades práticas e a chance de trabalhar com um grupo grande e diverso. Era final de 2019 e eu havia me encantado com a ideia de construir meu TCC ao longo de 2020 junto àquele projeto que tanto me contemplava. Foi emocionante imaginar atividades de pesquisa e extensão em ambientes costeiros marinhos, ações de iniciação científica nas escolas, saídas de campo, discussões sobre educação ambiental com estudantes da rede pública e a análise das relações de diferentes comunidades com esses ambientes — ambientes que, para alguns, são tão conhecidos e essenciais, mas, ao mesmo tempo, tão invisíveis e tão distante para outros. Não é incomum conhecer estudantes de escolas públicas de Florianópolis que nunca foram à praia, por vezes visitando o mar pela primeira vez em saídas escolares.

Infelizmente, o tempo de empolgação e motivação foi curto. A pandemia da COVID-19 chegou ao Brasil, e logo tudo o que tínhamos planejado precisou ser deixado de lado para lidar com a situação terrível em que o mundo se encontrava. O projeto teve de ser repensado e adaptado ao mundo virtual e ao ensino remoto emergencial. Tudo o que eu havia imaginado para meu trabalho de conclusão de curso foi se modificando e se transformando no que veio a ter um desfecho final como uma sequência didática no formato de oficina com uma turma de nono ano: um TCC envolvido por cartas, memórias e distanciamento social, e no final, um livro incrível, repleto de belos relatos criados em um momento histórico nada agradável.

O livro em questão, intitulado "*Escolas à Beira Mar*" (Fonseca et al, 2022)[8], foi desenvolvido a partir de um trabalho colaborativo entre professoras que utilizaram a escrita de cartas pessoais para construir suas aulas de ciências e geografia durante o ensino remoto emergencial. Essa obra serviu como uma grande inspiração para a escrita do meu projeto de ingresso na pós-graduação. Foi ali que surgiram as primeiras fagulhas do desejo de pesquisar sobre o potencial das escritas pessoais no ensino de ciências e na educação ambiental, um interesse que, mais adiante, me impulsionou em direção ao Programa de Pós-graduação em Educação Científica e

[8] link para acesso ao livro online: Escolas à Beira-Mar: Memórias e Percepções

Tecnológica (PPGECT/UFSC), colocando-me diante de novos desafios e da necessidade de ampliar minhas perspectivas.

Ao final da graduação, durante a pandemia de COVID-19 no Brasil e no processo de construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso, encontrei na leitura e na escrita de cartas pessoais uma forma de estruturar meu projeto e minhas produções textuais a partir de uma perspectiva mais sensível e menos burocrática e academicista. O contexto pandêmico desesperador exigia uma estratégia de produção diferente, capaz de minimizar os impactos traumáticos e criar contextos e rotinas mais habitáveis. Nesse sentido, o trabalho com cartas, memórias e afetividades dentro da educação ambiental, que viria a se tornar minha metodologia, também se revelou uma alternativa ao academicismo tradicional, cujo rigor excessivo não me caberia naquele momento. Em minhas buscas sobre o uso das cartas pessoais no ensino de ciências, fui encontrando outras abordagens que dialogavam com meus interesses e enriqueciam minhas estratégias de pesquisa. Encontrei nas narrativas (auto)biográficas (Barzano, 2020; Maknamara, 2016; Josso, 2004) um estilo de escrita possível e agradável; nos trabalhos em Educação Ambiental Pós-Crítica (Preve, 2012; Guimarães et al., 2012; Zanco, 2010), o embasamento teórico necessário para fundamentar minhas práticas pautadas no uso do sensível; e, na criação de uma sequência didática com uma turma de nono ano, a vivência essencial para concluir o projeto com bons frutos e instigantes processos, tanto externos quanto internos (Castro, 2021).

Contudo, ao ingressar na pós-graduação, percebi a necessidade de expandir minha compreensão sobre Educação Ambiental e aprofundar meus conhecimentos nas narrativas (auto)biográficas. Busquei reconhecer as correntes de pesquisa mais atuais, explorar temáticas decoloniais relacionadas e acompanhar novas discussões na área do ensino. Ao mesmo tempo, senti a necessidade de voltar à base, revisitando o percurso histórico e as múltiplas identidades que constituem a Educação Ambiental brasileira. Nas próximas partes do texto apresento esse movimento de resgate teórico, no qual me aventurei pelas diferentes vertentes da área e, ao longo do caminho, fui compreendendo com maior clareza minhas próprias concepções e posicionamentos. Revisitar esses referenciais implicou também retornar aos princípios que estruturam o GEABio, reconhecendo como tais ideais atravessam tanto a construção coletiva do grupo quanto minhas próprias escolhas e práticas como educador.

1.4. **A BAGAGEM E O CAMINHO**

Parti por entender que o termo Educação Ambiental, em suas diferentes vertentes e compreensões, já faz parte do vocabulário da sociedade brasileira atual, mas que essa construção tem uma longa história — no Brasil e no mundo — e foi nos anos 1970 que começou a ganhar força. Foi nessa década que os problemas ambientais e a necessidade de preservar os recursos naturais para as futuras gerações entraram de vez na pauta global. Um marco importante dessa trajetória foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, em 1972.

Ao longo de todo meu percurso, percebi como a discussão sobre a crise ambiental se ramifica em diferentes áreas de estudo, mas todas compartilham um princípio comum: a urgência de compreender e enfrentar os desafios ambientais que afetam o planeta (Brasil, 1998). É interessante observar como, ano após ano, essas discussões ganharam espaço e relevância em agendas políticas, científicas e sociais, permitindo que novas ideias e iniciativas surgissem na Educação Ambiental (EA). No Brasil, esse movimento fez com que a EA fosse se consolidando e ocupando espaços importantes na legislação, na pesquisa, no ensino e dentro da própria sociedade civil (Leal, 2018).

Ao estudar a história da Educação Ambiental no Brasil, percebe-se o quanto o contexto político da época influenciou sua construção. Como aponta Lima (2009), nos primeiros anos, essa relação era muito estreita, e a forma como se pensava e praticava a EA estava diretamente ligada à política dominante. Refletindo sobre isso, me dei conta de que o Brasil, nos anos 70 e na primeira metade dos 80, ainda vivia sob um regime militar ditatorial, um período marcado pela repressão e por uma mentalidade de crescimento econômico a qualquer custo. A ideia de desenvolvimento sustentável não era sequer cogitada. Não me surpreende que, nesse cenário, a questão ambiental fosse vista como secundária — pela população e, principalmente, pelo governo.

Pensando nesse período de liberdades limitadas, fico imaginando o quão difícil deve ter sido levantar críticas e promover debates políticos de forma aberta. A própria abordagem das questões ambientais não escapou desse cenário, sendo

moldada por visões conservadoras e tecnocráticas. O autoritarismo e a censura da época restringiam qualquer avanço mais significativo das discussões ambientais e sociais que viessem no sentido de romper com a dicotomia entre o aspecto ecológico e social. Essa visão limitada não estava presente apenas no governo, mas também em várias instituições e até em setores da própria esquerda brasileira. Isso dificultava ainda mais a convergência entre a agenda ambiental e as pautas sociais no país (Lima, 2009).

Layrargues e Lima (2014) se propuseram a mapear e agrupar os principais tipos de EA da época sob a perspectiva de Campo Social[9]. Os autores definem nas seguintes palavras o que é um Campo Social de acordo com as ideias de Bourdieu:

> Um Campo Social é um espaço relativamente autônomo de forças e posições sociais, dotado de regras próprias e dedicado à produção e reprodução de bens culturais, representações e formas de perceber a realidade. Reúne um conjunto de indivíduos e instituições que estabelecem entre si relações de poder e concorrência pela hegemonia simbólica e material desse universo, fundada na conquista e domínio do capital simbólico legitimado e reconhecido por todos os que dele participam. Por ser um espaço concorrencial, o campo pressupõe relações internas assimétricas derivadas da desigual distribuição de poder entre os grupos dominantes e dominados. Os dominantes são os que definem o capital social legítimo do campo – objeto de disputa entre seus participantes – e, portanto, as regras do jogo. Tendem à ortodoxia e desenvolvem estratégias de conservação; enquanto os dominados tendem à heterodoxia e ao uso de estratégias de subversão da ordem (Layragues e Lima, 2014, p. 26).

A partir da perspectiva de Campo Social, eles dividiram os tipos de EA em três áreas: Conservacionista, Pragmática e Crítica, dentro do que chamaram de Macrotendências Político-Pedagógicas da Educação Ambiental (MPP). A EA brasileira assumiu no período inicial de sua constituição as características do contexto político, sociocultural e pedagógico dominantes da época. A MPP Conservacionista, que compartilhava com o governo regente um perfil conservacionista, tecnicista, conservador e apolítico, tornou-se a vertente dominante das iniciativas em EA. Sob a lógica do “conhecer para amar, amar para preservar” (Layrargues; Lima, 2011, p. 5) e tendo como principais influências o movimento ambientalista e ecológico, que visam uma tomada de consciência para conservação da natureza, o principal meio para chegar a essa tal consciência eram atividades de sensibilização e contato com a natureza.

[9] Campo Social é uma expressão cunhada por Pierre Bourdieu para a ideia de espaço plural de disputa política e conceitual entre agentes sociais para a definição cultural, de valores e de regras (LEAL, 2018).

Foi só a partir da segunda metade da década de 1980 que surgiram no brasil movimentos relacionados ao socioambientalismo que iam de encontro com a ideologia desenvolvimentista, conservadora e tecnocrática vigente durante o regime da ditadura militar brasileira e que começaram a criar uma prospecção mais progressista e crítica dentro da EA, dando surgimento e espaço para tomada da hegemonia da MPP Conservacionista pelas perspectivas Pragmática e Crítica.

A MPP Pragmática, apesar de possuir algumas diferenças em relação à Conservacionista, como por exemplo, o distanciamento das questões afetivas, mantém a mesma perspectiva de responsabilização individual e o não questionamento do modelo de sociedade de consumo nem das consequências do modelo de sociedade capitalista na exploração do ambiente e da vida (Leal, 2018). Sendo chamada também de “ambientalismo de resultados”, essa MPP surgiu mais como uma ação paliativa de “redução de danos” do que uma proposição com transformações profundas na estrutura social, possuindo em sua essência práticas e termos que fazem dela uma adaptação da vertente conservacionista à uma atualidade de tendências neoliberais. Alguns desses termos são economia e consumo verde, ecoeficiência produtiva, responsabilidade socioambiental e desenvolvimento limpo.

Dentro desse contexto de disputa de ideias e ressignificações na Educação Ambiental, percebi também como minha própria caminhada na graduação foi atravessada por essas discussões. Ao estudar sobre a MPP Crítica, por exemplo, me faz olhar para o GEABio e perceber que, de certa forma, sempre estivemos alinhados a essa visão. Desde as primeiras experiências no grupo, fui reconhecendo a problemática dicotomia entre meio ambiente e sociedade, que a luta ambiental também é, e precisa ser, uma luta por justiça social. Assim como bem colocado pela frase “ecologia sem luta de classes é jardinagem”, popularmente utilizada nas redes sociais e associada a Chico Mendes, mas que na verdade é baseada nas palavras de Galeano (2011) ao dizer que “(...) A ecologia neutra, que mais se parece com a jardinagem, torna-se cúmplice da injustiça de um mundo, onde a comida sadia, a água limpa, o ar puro e o silêncio não são direitos de todos – mas, sim, privilégios dos poucos que podem pagar por eles”. Foi nesse espaço coletivo que passei a entender melhor como a educação pode ser um instrumento de emancipação, crítica e transformação social.

Layrargues (2012) nos lembra que a base dessa perspectiva está no pensamento Freireano, na Educação Popular, na Teoria Crítica, no Marxismo e na Ecologia Política. Quando olho para os caminhos que percorri até aqui, vejo o quanto essas ideias já estavam presentes nas nossas práticas no GEABio, mesmo que nem sempre de forma consciente. Estavam ali quando organizávamos mutirões na horta com visitas escolares, construíamos espaços de debate sobre problemáticas políticas ambientais, quando levávamos a EA para além das salas de aula buscando construir espaços de aprendizado mais horizontais e participativos.

Além dos referenciais teóricos, essa abordagem traz conceitos fundamentais como cidadania, democracia, participação, emancipação, conflito, justiça ambiental e transformação social (Layrargues & Lima, 2014). São palavras que não permanecem apenas no campo abstrato da teoria, mas ecoam em experiências concretas que vivi. Elas me fazem refletir sobre os desafios e as possibilidades que encontramos ao longo da trajetória do grupo e sobre como esses princípios se tornam indissociáveis da prática educativa.

Os projetos desenvolvidos ao longo dos anos no GEABio evidenciam a preocupação das pessoas que os construíam com esses ideais. Um exemplo é o projeto Biodiversidade, explicitado mais à frente no capítulo de narrativas recebidas, que inseriu docentes em formação em contextos sociais e comunidades marcados por conflitos, buscando articular educação não formal e práticas emancipatórias, discutir justiça ambiental e possibilitar processos de transformação social.

A reflexão sobre a dicotomia entre os aspectos biológicos/ecológicos e os aspectos políticos e sociais é um dos pontos centrais da abordagem crítica. Ao problematizar não somente os efeitos ecológicos visíveis e enfatizados por pesquisas científicas ao longo das últimas décadas, mas também as questões políticas e éticas que estruturam o modelo civilizatório e social, essa perspectiva coloca em xeque a organização de uma sociedade sustentada por opções políticas e valores éticos predatórios, competitivos e individualistas, nocivos à vida social e natural (Lima, 2009).

Ao me encontrar com esses trabalhos e discussões, vieram-me reflexões que não se limitavam ao campo conceitual, mas encontravam materialidade nas experiências vividas no GEABio: nas reuniões, nos mutirões e nos processos de construção conjunta. Tornava-se possível tensionar, quase como hábito, as lógicas competitivas, individualistas e hierarquizadas que estruturam a sociedade,

substituindo-as pelo cuidado com o diálogo, pela busca por uma escuta horizontal e não autoritária e pelo esforço constante em construir decisões coletivas que revelavam outras formas de relação possíveis, baseadas na cooperação, no apoio mútuo e na corresponsabilidade.

Nesse sentido, a Educação Ambiental, como apontam autores do campo crítico, constitui-se também como prática social e política que se realiza nas relações, nos modos de organização e nas experiências compartilhadas (Layrargues; Loureiro, 2013). No GEABio, essa perspectiva se traduzia na tentativa contínua de construir um coletivo que não reproduzisse as lógicas dominantes, mas que experimentasse, mesmo com suas contradições e desafios, outras formas de viver, aprender e se relacionar, nas quais a cooperação se colocava como eixo estruturante da vida em comum.

Essa crítica às formas dominantes de relação não se restringia às relações entre pessoas, mas também alcançava os modos como compreendemos nossa relação com a natureza. A separação existente entre os conceitos de humanidade e natureza é resultado direto do paradigma científico e dualista da era moderna, que fundamentou grande parte do pensamento ocidental em termos epistemológicos. De base humanista, mecanicista e racionalista, esse pensamento estabelece no centro de suas perspectivas a separação e fragmentação entre homem/cultura e natureza, algo que posteriormente se revela nas dicotomias criadas entre desenvolvimento e meio ambiente, técnica e ética, ciências naturais e sociais, entre outras (Lima, 2009).

Essa dualidade consolidou um pensamento coletivo humanista que coloca a natureza como obstáculo ao desenvolvimento humano, como algo a ser explorado violentamente e reduzido a objeto de apropriação. Essa lógica abre brechas para o fortalecimento de uma racionalidade extrativista, na qual o ser humano abusa e destrói o meio ambiente em busca de um eterno crescimento econômico, sem se dar conta de que é parte integrante daquilo que destrói.

Para Grun (1996, p.35):

> É na base dessa cisão radical entre sujeito e objeto que se pautará praticamente todo o conhecimento científico subsequente. O sujeito é o cogito (a razão) e o mundo, seu objeto. É na base desse dualismo que encontramos a gênese filosófica da crise ecológica moderna, pois a partir dessa cisão a natureza não é mais que um objeto passivo à espera do corte analítico. Os seres humanos retiram-se da natureza. Eles olham a natureza como quem olha uma fotografia. A natureza e a cultura passam a ser duas coisas muito distintas. Aliás, este é o novo ideal da educação: distinguir-se o mais possível da natureza, tornar-se humano.

A partir dessa visão, é possível compreender que, ao nos retirarmos da natureza e a olharmos somente como Fonte de recursos para construção de riquezas materiais, o fizemos e ainda fazemos de maneira a construir riquezas que foram e são construídas com base no modelo capitalista de competição, individualismo, exploração e mais valia.

Pelacani et al (2021) argumenta em seu texto sobre como o modelo de sociedade capitalista faz uso da necropolítica na manutenção de sua estrutura e sobre como essa política de morte e prevalência da elite sobre todas as demais classes produz também o que Kassiadou (2020) chama de necropedagogia. Enquanto a necropolítica se manifesta como uma forma de apropriação territorial em prol do capital, na qual relações de poder dominantes matam através de políticas que flexibilizam leis ambientais, trabalhistas e previdenciárias, reduzem as taxas fiscais, dentre outras ações, a necropedagogia surge sob a prevalência de tais estruturas e políticas letais e opressoras, que se revelam na compreensão e construção de processos pedagógicos, cenários, intenções e ideologias que levam à impossibilidade de *ser mais* - de humanizar-se (Freire, 2014), colocando a necropedagogia como desafio aos processos de emancipação humana dos sujeitos oprimidos. Kassiadou (2020) resgata e dialoga um pouco mais com o discurso de Freire sobre a desumanização existente nos processos educacionais ao dizer que:

> Somos levados a fortalecer a necessidade dos debates ontológicos na EA em seus sentidos amplos, de maneira que possam oxigenar este campo da educação a partir de uma perspectiva popular, buscando sempre a interlocução com os sujeitos e grupos encobertos pelo sistema hegemônico (p. 5).

A EA Crítica como campo social possui em sua constituição diferentes setores sociais e um conjunto de relações de força, de conflito e interesse os quais estabelecem entre si alianças e estratégias no objetivo de conquistar o objeto em disputa no campo (Lima, 2009). Essa disputa de discursos traz à tona a importância da diversidade de debates e concepções sobre o tema, no sentido que fortalece e legitima as discussões e contribui cada vez mais em sua construção. Loureiro e Layragues (2013) explicam um pouco mais:

> Isso posto, longe de defendermos uma educação ambiental única em seu entendimento de mundo e forma de agir, partimos do pressuposto de que sua natureza conflitiva, na diversidade e na disputa de concepções e espaços na sociedade, fortalece-a e a legitima nas institucionalidades

> acadêmicas, nas políticas públicas e nos movimentos sociais que buscam a garantia de direitos, a afirmação das diferenças, a superação das desigualdades de classe e a construção de outro patamar societário (p. 3).

Diante deste contexto político econômico, é preciso também pensar a EA no sentido de fortalecer e incrementar as discussões que prezam pela relevância de perspectivas decoloniais, criando mais relações entre a EA e áreas como a ecologia de saberes, ecologia política e justiça ambiental, colocando conhecimentos, saberes e autoras e autores latino-americanos como base de concepções epistemológicas a serem criadas e discutidas. Necessita-se levantar a questão que muitas culturas originárias e tradicionais já fazem, assim como a ecologia política e a perspectiva crítica de forma geral: de que a natureza é vista não somente como Fonte de recursos, mas como ontologicamente prioritária para a existência humana. É tudo o que nos antecede e que de nós independe, cuja dinâmica ecológica, mesmo que por nós mediada e transformada, precisa ser conhecida e respeitada a fim de que o modo de produção seja compatível com sua capacidade de suporte e de regeneração (Foladori, 2001).

É importante que cada vez mais iniciativas e compreensões sobre EA se voltem para a necessidade de enfrentamento direto da necropedagogia que invisibiliza saberes, estigmatiza populações e desvalida movimentos sociais, dentro da lógica de uma necropolítica que instrumenta e normaliza a morte de sujeitos, territórios e saberes e na urgência de se pensar a pluralidade dos mundos e das formas de ser, existir, viver, pensar e conviver (Pelacani et al., 2021).

Na tentativa de continuar estabelecendo discursos e iniciativas em EA que busquem por caminhos contra hegemônicos e emancipatórios, a Educação Ambiental de Base Comunitária (EABC) surge no Brasil na segunda década do século 21 e vem se mostrando uma abordagem muito condizente com as necessidades que se colocaram evidenciadas no âmbito da EA brasileira. De acordo com Pelacani et al. (2021 p.5) a EABC tem como “objetivo promover uma sociedade ambientalmente e socialmente mais justa que incorpore a ecologia de saberes para promover o reconhecimento de outras epistemologias e visões de mundo”.

Trata-se de uma EA que, estabelecida em meio a conflitos, busca compreender a materialidade-histórica do território em que se faz presente e considera o papel dos sujeitos históricos na sua atuação socioambiental, pedagógica e política. É uma perspectiva que surge do diálogo entre a abordagem crítica da

educação ambiental e o "legado das lutas sociais da América Latina", que engloba elementos como a educação popular, a pedagogia freiriana, a investigação-ação participante de Fals Borda, entre outros, resultando em “uma importante chave para pensar um ‘que fazer’ comprometido e atento às vozes dos territórios” (Camargo, 2017, p. 184).

Se a vertente crítica da Educação Ambiental foi decisiva para deslocar a questão ambiental de um registro apenas naturalista para o campo dos conflitos sociais, econômicos e políticos, as vertentes pós-críticas podem ser compreendidas como um movimento que radicaliza a suspeita sobre verdades, sujeitos e formas estabilizadas de educar. No campo educacional brasileiro, Paraíso (2004) mostra que as teorias pós-críticas, influenciadas pelo pós-estruturalismo, pelo pós-modernismo e pela filosofia da diferença, utilizam ferramentas conceituais e processos investigativos que as distinguem tanto das teorias tradicionais quanto das críticas. Em vez de procurar fundamentos universais, narrativas totalizantes ou modos “corretos” de ensinar, elas se voltam para o local, o parcial, a invenção, a problematização e a diferença, interrogando os efeitos de poder produzidos pelos discursos educativos e os processos pelos quais certos saberes, sujeitos e práticas se tornam legítimos.

No campo específico da Educação Ambiental, Iared et al. (2021) propõem que a perspectiva pós-crítica não abandona a dimensão política da formação, mas questiona a centralidade quase exclusiva da racionalidade cognitiva e da linguagem prescritiva que, por vezes, também atravessam práticas críticas. As autoras definem a Educação Ambiental pós-crítica como aquela que mobiliza capacidades criativas, reflexivas e corporais, assim como a emergência da afetividade e do diálogo, valorizando o sentir, o vínculo e a alteridade como dimensões constitutivas do educar. Trata-se, portanto, de uma inflexão que se articula à chamada virada corporal e à virada ontológica, questionando dualismos como razão/emoção, mente/corpo e sociedade/natureza, e afirmando que não há separação entre estética, ética e política no processo educativo. Em vez de tomar a sensibilidade como uma dimensão secundária, a EA pós-crítica a reconhece como condição de produção de sentido, de engajamento e de reconfiguração das formas de estar no mundo.

É justamente por isso que as vertentes pós-críticas se aproximam das vertentes críticas ao recusarem a neutralidade da educação e ao preservarem o

horizonte transformador, mas delas se diferenciam ao desconfiar de explicações totalizantes, de sujeitos previamente dados e de pedagogias excessivamente normativas. Se as vertentes tradicionais tendem a tratar o ambiente como objeto externo a ser conhecido, preservado ou manejado, frequentemente por meio da transmissão de informações e da mudança individual de comportamento e, se as vertentes críticas deslocam o foco para as injustiças socioambientais, os conflitos territoriais e a atuação ecopolítica dos sujeitos, as vertentes pós-críticas acrescentam a esse debate a atenção às subjetividades, às identidades, às diferenças, aos afetos, às experiências estéticas e aos modos pelos quais os corpos aprendem com os lugares, com os encontros e com os não humanos. Nesse sentido, elas não anulam a crítica, mas a tornam menos rígida, menos antropocêntrica e menos presa à oposição entre denúncia racional e transformação social, abrindo espaço para outros focos da produção de sentidos e dos processos de formação.

Em minha trajetória no GEABio, percebo que essa discussão encontrava materialidade no modo como o coletivo construía sua vida cotidiana. As reuniões, os mutirões, o trabalho na horta, os projetos em comunidades e a organização autogestionada não eram apenas atividades organizativas ou operacionais; eram também experiências formativas que tensionavam, no próprio fazer coletivo, lógicas competitivas, individualistas e hierárquicas. Havia ali uma busca por sustentar o diálogo horizontal, a escuta não autoritária, a corresponsabilidade, o apoio mútuo e uma relação mais sensível com as pessoas, com os territórios, com a terra. Por isso, entendo o GEABio como um coletivo em que essas matrizes críticas e pós críticas coexistiam, dialogavam e se tensionavam: havia denúncia das opressões e compromisso com a transformação social, mas também forte valorização do afeto, da convivência, da arte, da experimentação e da pluralidade dos modos de aprender. É nesse cruzamento que reconheço minhas próprias intenções como pesquisador e educador: assumir a Educação Ambiental pós-crítica não para abandonar a crítica, mas para complexificá-la, incorporando ao meu trabalho a sensibilidade, a corporeidade, a diferença e a dimensão estética da vida em comum.

Estas leituras permearam o meu primeiro ano de mestrado, quando fui convidado a compreender mais da história da EA no Brasil e conhecer outras vertentes atuais que poderiam contemplar, ou não, meus interesses e princípios como educador-pesquisador. Essa imersão proporcionada pela revisão bibliográfica

e pelas disciplinas cursadas, para além da ampliação da minha visão sobre este campo, me levaram novamente às vertentes pós-críticas de EA. Instigado pela saudade das práticas de leitura e escrita do meu TCC e do meu antigo grupo de pesquisa em EA da graduação (GEABio), em um processo de autoconhecimento e agora com sensação de pertencimento.

As vertentes pós-críticas de EA me colocam em um outro universo, me dão a oportunidade de buscar objetivos que contemplam meus interesses como pesquisador e educador ambiental, mas que também preenchem minhas vontades como indivíduo e artista, que enxerga no sensível e na arte uma das grandes razões para a vida e da luta a partir dela. As vertentes pós-críticas enfatizam a importância dos processos sensíveis, do afeto, da ternura e profundidade das relações humanas e não humanas, não por esquecer-se das lutas sociais, de classe, políticas, mas colaborando no sentido de alcançar, atingir e mover aqueles que por outros modos não se uniriam nesse caminhar (Iared et. al, 2021).

É nesse caminho que me encontro no escrever deste texto, movido pelo sensível, ancorado nas reflexões e práticas das EA pós-críticas, buscando construir um trabalho que possa fazer refletir aqueles que somam em sua construção e aqueles que se encontrarem com a leitura dessa dissertação. Busco construir diálogos entre as bases teóricas de EA, suas vertentes históricas e mais atuais, resgatar a história de um grupo de educação ambiental que constitui a história de diversas pessoas educadoras, docentes e biólogas, e entender como se deu essa constituição de educadoras e educadores ambientais, entendendo principalmente as potências na emergência de uma EA pós-crítica em um processo de virada ontológica pautada na sensibilidade como base para construção de novos sentidos.

2. CULTIVAR UM ESPAÇO ONDE AS PALAVRAS POSSAM TER LIBERDADE

Desde o início da graduação em Biologia, sempre tive um olhar crítico sobre a forma como, geralmente, artigos e demais textos acadêmicos são escritos. Palavras rebuscadas, frases longas e de difícil compreensão, muitas vezes para tratar de temáticas que não carregavam tamanha complexidade assim. Sentia que aquelas ideias eram moldadas para um público muito específico, como se tivessem nascido já destinadas a permanecer entre as paredes da academia, sem o desejo de alcançar outras pessoas, especialmente aquelas fora daquele círculo. Mais tarde, já

mais íntimo das discussões na área da educação, encontrei eco para esse incômodo em trabalhos que também criticavam a dificuldade da academia em dialogar com a sociedade, sobretudo com as classes marginalizadas e estruturalmente afastadas do ambiente gentrificado das universidades públicas brasileiras (Souza, 2022).

Diante desse posicionamento, e com o desejo de escrever de modo a não reproduzir aquele formato que tanto me incomodava, as narrativas surgiram em diferentes momentos e contextos, a partir de vivências que se acumularam ao longo do meu percurso na graduação e na pós-graduação. Revelaram-se como um caminho possível: uma via para a construção de um texto mais pessoal e íntimo, que dá palco e voz às memórias e histórias que viriam a ser contadas — pelas minhas palavras e por outras vozes que se somam à narrativa do grupo GEABio e desta pesquisa.

Logo no início do curso, em espaços de formação que transbordavam os limites da sala de aula — como nas reuniões e debates dos grupos GEABio e CABio — comecei a me aproximar de outras formas de fazer ciência. Produções que escapavam, com ousadia e afeto, daquele marasmo linguístico que tanto me incomodava nas inúmeras leituras obrigatórias das disciplinas do curso. Ali, fui aprendendo na prática que a pesquisa também pode se construir em intervenções e oficinas, dançar ao som da música e da poesia, que pode se desenhar em cartas e poemas, se pintar em telas ou se encenar em performances corporais. Entendo hoje esses espaços não-formais de educação como um dos principais pilares de minha formação acadêmica como educador, biólogo e ser humano.

Me utilizo aqui das discussões presentes nos trabalhos da autora Maria da Glória Gohn (1999, 2006a, 2006b) pois esses ajudam a explicar algo que, naquele momento, eu ainda compreendia mais pela experiência do que pela teoria. Ao diferenciar os espaços de educação formal, informal e não formal, Gohn compreende a educação não formal como aquela que se aprende no “mundo da vida” (Gohn, 2006b, p.28), nos processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas, marcadas pela participação, pela intencionalidade e pela construção conjunta de saberes. Diferente da educação formal, organizada em instituições regulamentadas, com conteúdos previamente definidos e processos certificadores, a educação não formal acontece em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e dos indivíduos, em espaços onde o outro, aquele com quem interagimos, torna-se também educador.

Ao olhar para minha trajetória e para as características desses coletivos, reconheço o GEABio como Santos (2025) reconhece o CABio: como espaço não-formal de educação. Na construção do coletivo aprendia-se pela presença, pela escuta, pela participação nas reuniões, pela organização de eventos, pela escrita de projetos, pelas intervenções políticas, pelas oficinas, pelos mutirões e pelas disputas cotidianas de sentido dentro da universidade. Como aponta Gohn (2006a), a educação não-formal pode contribuir para a formação cidadã, para a leitura crítica do mundo, para a organização comunitária e para práticas voltadas à justiça social, à liberdade, à igualdade, à democracia e ao enfrentamento das discriminações. Nesses espaços, a formação acontecia no exercício vivo de participar, propor, negociar, discordar, criar e assumir responsabilidades coletivas.

Foi nesse cotidiano que aprendi outras formas de fazer ciência. Pesquisa, arte, política, afeto e participação se misturavam na construção de uma maneira própria de estar na universidade. As ementas das disciplinas dificilmente alcançavam aquilo que se produzia nesses encontros: uma formação atravessada por problemas concretos do curso, da universidade e da sociedade, feita no contato com outras pessoas e com os desafios de construir coletivamente. A educação formal seguia importante, mas era ampliada, tensionada e deslocada por experiências que davam corpo, conflito e sentido à formação.

Serei eternamente grato pelas oportunidades de redescobrir a ciência que esses dois grupos — e as pessoas que os faziam vivos — me proporcionaram. Esses e outros espaços de formação, fora dos muros e quadros tradicionais, me mostraram que ser pesquisador não exige, necessariamente, o rigor de uma linguagem sempre formal, distante, fria e neutra. Existe ciência, também, na arte e no sensível — e isso transformou profundamente o meu modo de existir como pesquisador.

Para além dessas experiências vividas no GEABio e no CABio, essa mudança de perspectiva em relação às maneiras de produzir ciência também foi influenciada pelo contato com as disciplinas da licenciatura no campo das Ciências da Educação e pelas novas possibilidades de trabalhos avaliativos que eram propostas. Por várias vezes tive a opção de criar e analisar arte para discutir os temas educacionais abordados nas aulas. Pude criar paródias biológicas, tocar e discutir letras de músicas de John Lennon como “Working Class Hero” em aulas de Didática, expor e discutir resultados de estágios na criação de um podcast, realizar

em grupo a construção de videoclipes[10] de músicas autorais minhas para discussões em Psicologia Educacional, criar roteiros teatrais para encenar cenários da vida docente e discussões advindas das diversas problemáticas dessa profissão, dentre várias outras expressões artísticas que surgiram a partir desse entendimento.

Lembro de uma oficina de escrita criativa em uma semana acadêmica do curso de Biologia, algo entre 2016 e 2018, que me despertou para minha própria escrita. Desde pequeno tenho o hábito de escrever músicas, mas ali fui apresentado a outro aspecto de minha escrita, dessa vez sem estrutura definida, sem um padrão rítmico, sem a necessidade da rima e da métrica. Na mesma época desse episódio tive meus primeiros encontros com as cartas quando um comentário de um colega sobre um livro na estante do corredor do prédio em que estudávamos me levou até as cartas de Fritz Muller para suas filhas, que descreviam paisagens, histórias e personagens de Florianópolis ou, de como muitos preferem se referir, da Ilha de Santa Catarina (Castro, 2021). Mais tarde, nas aulas de Metodologia de Ensino com o professor Leandro Belinaso Guimarães e, participando do grupo Escolas à Beira Mar (EABM) me reaproximei das cartas pessoais e vi novamente a beleza de se poder envolver memória e afeto na pesquisa. Esse reencontro com as cartas nessa época acabou se tornando um ponto decisivo na minha escolha por trabalhar com narrativas na construção de minhas pesquisas, com as cartas no TCC e com as narrativas (auto)biográficas na constituição de educadoras(es) no mestrado.

Assim sendo, em busca de construir uma pesquisa, um texto e uma história que se faça dentro das perspectivas e expectativas criadas no percorrer do caminho até aqui, a Pesquisa Narrativa em Educação se coloca diante da necessidade de construir um projeto que busque responder questões sociais complexas, que dizem respeito a perspectivas pessoais do pesquisador, das pessoas participantes, do grupo, de sua história e relevância. Inspirando-se em autores como Bolívar (2002), Nóvoa (1992), Passeggi (2011), Benjamin (1994), Souza (2012), que ampliam a compreensão de processos educativos e formativos quando nos trazem percepções como em Sousa (2012, p. 46) que diz que “[...] narrar histórias e contar a vida caracteriza-se como uma das possibilidades de tecer identidade, de compreender como nos tornamos professores e das configurações que nos são forjadas nos nossos percursos de vida-formação”.

[10] Videoclipe música "Que voo" ; Videoclipe "Em cima de um mirante"

A ideia de tentar resgatar memórias e narrativas que somariam na construção conjunta de uma história sobre um grupo tão dinâmico, mutável e expressivo desde o início me pareceu e segue sendo um grande desafio. Porém, entendendo que as narrativas (auto)biográficas, sendo produzidas no contexto da pesquisa ou em práticas formativas, têm como foco as vivências, os caminhos percorridos e as experiências dos sujeitos, acredito nessa metodologia como a melhor maneira de realizar esse feito. Voltando em minha incessante necessidade de que tudo faça sentido, aqui vejo sentido em escrever, narrar e discutir com e a partir de narrativas que se entrelaçam a dimensões históricas e subjetivas, ganhando forma a partir das reflexões individuais que surgem no ato de lembrar, contar e escrever sobre si mesmo e sobre um coletivo (Souza; Cabral, 2015). Possibilitar, no convite à escrita, uma imersão na subjetividade do indivíduo, captando os significados atribuídos às suas vivências e experiências ao longo de sua participação no grupo, e compreendendo como esses momentos são essenciais para a formação de sua identidade profissional e pessoal.

Como bem ressalta Josso (2007), as biografias e histórias de vida propiciam um processo de autoformação, permitindo que cada pessoa reconheça, em sua própria trajetória, os momentos formativos que a moldaram. Narrar a própria história torna-se, assim, um meio de tecer identidade, compreender o caminho percorrido para se tornar educador e identificar as influências que marcaram esse percurso (Souza, 2014). Sinto-me igualmente inspirado novamente pelas palavras de Sousa e Cabral (2015), que afirmam: "acreditamos que a narrativa, como opção metodológica de pesquisa e de formação de professores, insere-se na vertente investigação-formação, ao proporcionar aprendizagens, reflexão, revisitação ao passado e questionamentos sobre o presente". Essa perspectiva convida à reflexão e ao resgate de experiências que, quando compartilhadas, podem transformar o entendimento sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Partindo dessas premissas, acredito na utilização de narrativas (auto)biográficas como uma ferramenta poderosa, capaz de promover não apenas um resgate histórico, mas também de impulsionar a reflexão e o entendimento de uma construção de identidades no grupo em estudo. Por meio dela é possível construir uma visão coletiva do GEABio que vai além do aspecto formal, dando voz às experiências pessoais daquelas cujas trajetórias – tanto pessoais quanto

profissionais – foram profundamente marcadas pela convivência e pelas vivências partilhadas ao longo do tempo.

Pessoalmente, admiro a forma artesanal com que as narrativas se constroem, muitas vezes permeadas pelo íntimo, pela arte e pela subjetividade. Essa abordagem dialoga proximamente com a maneira como o grupo sempre se organizou – como bem sintetiza Benjamin (1994, p.205):

> narrativa é uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o 'puro em si' da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

O mergulhar da coisa na vida do narrador e que em seguida se retira dali, como que busca no fundo alcançar a forma pessoal presente naquela história. Para que as narrativas consigam carregar essa essência de quem as escreve e do grupo que as inspira, é preciso mais do que um simples convite à escrita — é necessário cultivar um espaço onde as palavras possam ter liberdade. Um ambiente que acolha memórias, desperte sentimentos e convoque lembranças, onde cada pessoa se sinta motivada a mergulhar em suas histórias, com o cuidado e a entrega que esse tipo de partilha merece. Para isso, propomos um convite à escrita por meio de uma carta pessoal do autor desta dissertação, enviada à gestão do grupo, que foi responsável por encaminhá-la aos participantes. Aqueles que aceitaram participar da pesquisa tiveram seus dados retornados pela gestão ao pesquisador, garantindo um processo organizado e respeitando a privacidade dos integrantes. Essa carta também assumiu o caráter de uma narrativa (auto)biográfica, relatando trechos da trajetória do pesquisador como educador ambiental antes, durante e depois da construção do GEABio e incentivando as pessoas participantes a fazerem o mesmo. Era esperado que essa iniciativa inspirasse as convidadas a compartilhar suas histórias com esmero e significado, resultando em um conjunto de relatos que honrasse a trajetória do grupo e permitisse uma análise profunda e sensível de sua história.

Destaco que essa forma de ler os textos é baseada também nos trabalhos de Poirier et al. (1999), que destaca possibilidades diversas de análise interpretativa e compreensiva das histórias de vida e Bolívar (2012) quando teoriza sobre aspectos teórico-metodológicos da investigação narrativa e desafios postos no processo de análise das narrativas. O processo, assim, não se limita a um método

analítico, mas propõe um encontro com as experiências contadas, permitindo que elas dialoguem entre si e revelem sentidos muitas vezes escondidos nas entrelinhas.

Para garantir a diversidade entre os participantes, alguns critérios de inclusão e exclusão foram considerados. Caso o número de interessados ultrapassasse o máximo previsto, seria priorizada a participação de pessoas com maior tempo de envolvimento no GEABio e, de diferentes épocas. Se, por outro lado, houvesse menos adesões que o esperado, o convite seria reforçado no grupo de WhatsApp, com um intervalo de uma semana entre os envios, podendo se estender até três meses antes do prazo final para o envio do texto à banca, ou até que o mínimo de três participantes enviasse suas escritas.

O convite que que foi enviado à coordenação do GEABio, e que o encaminhou ao grupo de WhatsApp com cerca de 45 integrantes continha a seguinte mensagem:

"Olá, pessoal! Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre a história do GEABio e como o grupo contribuiu para a formação da galera da Biologia ao longo dos anos. Gostaria muito de contar com a participação de quem fez parte dessa história. Se você tem interesse em compartilhar suas experiências e contribuir com esse registro coletivo, entre em contato comigo pelo e-mail brunogqc@gmail.com! Seus relatos serão fundamentais para esse trabalho. Qualquer dúvida, estou à disposição. Vamos juntos construir essa memória!"

Quem demonstrou interesse recebeu por e-mail um breve texto explicando a pesquisa, junto com dois anexos: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e uma carta-convite com orientações para a escrita. O prazo para envio das narrativas foi de três semanas após o recebimento do e-mail. A falta de retorno foi entendida como desinteresse em participar.

Esta pesquisa foi registrada na Plataforma Brasil com o número de registro nº 84931324.2.0000.0121, tendo sido submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH - UFSC), em 25 de Agosto de 2025, pelo parecer de nº 7.791.954. O Comitê, de acordo com sua página digital, é um:

> órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões. Ele foi criado para defender os interesses das pessoas participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos (CEPSH, 2023).

Os relatos foram identificados pelo primeiro nome ou pseudônimo escolhido pela própria pessoa. Se houvesse o desejo de manter total sigilo, os textos seriam tratados com o cuidado necessário para evitar qualquer possibilidade de identificação, com alterações em nomes, locais e outros detalhes sensíveis. Alguns trechos poderiam ser citados literalmente ao longo da dissertação, sempre respeitando o compromisso com a confidencialidade. Todos os materiais ficaram armazenados de forma segura, acessíveis apenas ao pesquisador responsável.

Mais do que somente uma técnica, essa abordagem abre espaço para que as vozes ganhem corpo e se encontrem. As histórias passam a dialogar entre si, revelando não apenas fragmentos de memórias pessoais, mas também um mosaico de experiências que, juntas, ajudam a compor a identidade coletiva do GEABio. Narrativas (auto)biográficas configuram-se então como corpus de pesquisa, visto que são recolhidas de forma oral e/ou escritas pois, como afirmam Poirier et. al., o corpus pode ser entendido como “[...] um material qualitativo constituído por um conjunto de histórias de vida, de sujeitos saídos de um universo populacional nitidamente definido e dos fins que se procura atingir [...]” (1999, p. 108).

Com essa estratégia de análise, espero não apenas compreender o universo de significados das narrativas, mas também contribuir para uma reflexão que vá além dos textos, alcançando novos olhares sobre as experiências vividas pelos participantes. Pretendo por meio das narrativas (auto)biográficas, oferecer um olhar sensível e profundo sobre as trajetórias individuais e coletivas que compõem a rica história do GEABio, transformando experiências pessoais em um valioso registro de identidade e memória educacional.

Estima-se também levantar reflexões de diferentes sujeitos acerca do papel formativo e da história do coletivo GEABio da UFSC, tanto de pessoas leitoras, quanto das participantes do trabalho. Que o processo de pesquisa seja enriquecedor para a formação das pessoas pesquisadoras envolvidas. Além disso, através da escrita final da dissertação buscamos provocar as pessoas leitoras e participantes para a importância de espaços outros, para além dos currículos formais dos cursos, na formação de pessoas educadoras ambientais e na constituição da identidade desses indivíduos nos âmbitos pessoais e profissionais. Também entendemos que este trabalho fica como um acúmulo teórico e histórico para o próprio GEABio, podendo utilizá-lo em espaços formativos para o coletivo.

Como parte importante do processo metodológico de produção dos materiais

do corpus de análise, a carta-convite à escrita foi construída respaldada de informalidade e saudade. Quis com ela alcançar o íntimo daquelas que assim como eu vivenciaram a construção do grupo de maneira enérgica, intensa e memorável. Dessa maneira, enviei-a aos atuais e antigos participantes no intuito de inspirá-los a também escrever comigo sobre a história do GEABio.

"Olá, queridos geabiontes,

Escrevo este texto com a mente recheada de lembranças que se somam como pedaços de uma colcha de retalhos, um amontoado de histórias e experiências que fazem de mim quem sou, compondo minha constituição como professor e educador ambiental. Esta referência a uma colcha de retalhos, inspirado pelas palavras de Shaula Sampaio (2005), é uma forma bonita e interessante de se pensar sobre todas as possíveis experiências e narrativas que moldam a constituição e identidade de educadoras e educadores ambientais. Esses pedaços de vida que quando relembrados, e ainda mais quando narrados, são tão potentes e relevantes na criação de identidades pessoais e coletivas. Venho aqui lhes convidar para me ajudar no processo de uma construção coletiva, quero poder contar sobre a história do GEABio e a relevância desse grupo em nossa formação e em nossas vidas, e gostaria muito de poder fazer isso em muitas mãos, assim como sempre buscamos fazer na construção do próprio grupo.

Me lembro bem do início da graduação. Eu, recém-chegado do cerrado pra mata atlântica, maravilhado com a beleza da Ilha da magia, surfando na empolgação coletiva de início da faculdade, conhecendo pessoas e lugares como uma grande aventura. E lembro bem, que logo nas primeiras semanas, um lugar e algumas pessoas, em específico, me chamaram a atenção. Levado pelas movimentações de uma paralisação estudantil, cheguei a, como era chamado na época, o Grupo de Estudos em Educação Ambiental da Biologia (GEABio), uma instância do curso criado e gerido por estudantes, que estudavam e discutiam educação ambiental fora da sala de aula, realizavam projetos envolvendo agroecologia e permacultura, transformavam a paisagem do campus ao redor, andavam de bike pela cidade e até entre cidades, criavam intervenções artísticas como forma de protesto e também pela pura necessidade de se expressar. Entendi um tempo depois que essas e outras diversas atividades eram engajadas por estudantes que se viam insatisfeitas com as disciplinas oferecidas no currículo do curso e que sentiam a necessidade de criar espaços outros de formação e discussão, buscando preencher lacunas pessoais e coletivas que o curso e a universidade não eram capazes de oferecer.

Percebi que ali conviviam seres humanos políticos, potentes de uma energia questionadora, rebelde e antissistêmica, de uma beleza inspiradora que me brilharam os olhos quase que instantaneamente. Era construído ali, em uma salinha isolada conquistada com muita luta, um espaço cativante, de pessoas sorridentes, cada uma com diferentes histórias e motivações, mas unidas por um objetivo comum: criar juntas um espaço de reivindicação e luta ambiental dentro do curso. Logo de cara entendi que o grupo contemplava ideais que eu cultivava desde a infância, e que ao mesmo tempo se apresentavam de forma completamente nova para mim. Desde o primeiro momento em que me aproximei do grupo fiz dele morada, refúgio e base para o alçar de voos dentro da educação. Ali, logo no meu primeiro semestre de graduação, encontrei o que se tornaria o mais importante espaço de formação em minha trajetória como educador ambiental.

Ao longo de quatro anos vi e vivi cenas incríveis como a despolpa do açaí juçara e formações no sítio Çarakura. Tive aprendizados que me marcaram para sempre nas reuniões semanais, grupos de leitura e projetos de extensão. E senti emoções memoráveis em viagens de bike, eventos estudantis, tardes na horta agroecológica e fins de semana de companheirismo, arte e boas risadas. Relembro hoje de vivências como estas, e muitas outras, que não estão no currículo dos cursos, mas que foram e são tão necessárias e importantes em minha formação como professor e educador.

Esta carta vem como um pedido e uma oportunidade para aquelas pessoas que, assim como eu, fizeram do GEABio um espaço imprescindível em suas vivências ao longo da graduação. Quero com a ajuda de vocês, reunir e construir narrativas de vivências pessoais que darão vida à essa minha vontade de contar a história desse grupo tão especial, e que, a meu ver, merece ter sua história relembrada e registrada em um trabalho acadêmico. Quero poder tecer essa narrativa em conjunto, somando várias vozes na construção da história do grupo, com diferentes perspectivas de diferentes épocas, diferentes sentimentos e relatos, em um trabalho feito à várias mãos, assim como o GEABio sempre teve o costume de fazer.

Espero que este chamado as encontre bem e que suscite em vocês a vontade de escrever, contar suas histórias com o grupo, de refletir e relatar como essas vivências influenciaram em sua formação como educadoras, profs e quaisquer outros rumos tomados por todas nós que fazemos parte da história do GEABio.

Desde já, muito obrigado e um forte abraço!
Bruno Castro"

Após ser feito o convite, um total de 12 pessoas, entre membros atuais e antigos, demonstraram interesse. O e-mail com orientações e a carta-convite foi enviada e um total de 7 pessoas enviaram suas narrativas, documentos e materiais que encontraram em seus arquivos pessoais e coletivos do grupo. As narrativas enviadas entraram como parte da construção de um diálogo sobre uma história sobre o coletivo, construída a partir de minhas perspectivas pessoais, somadas aos relatos dessas pessoas que enviaram suas próprias experiências e perspectivas. Materiais como fotos, vídeos, projetos, e-mails, dentre outros arquivos, assim como o acesso ao drive antigo do grupo entram como outras fontes para ajudar a criar um olhar mais detalhado e visual para o que é contado.

3. EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS ENTRE NARRATIVAS E MEMÓRIAS

Quando comecei a matutar ideias sobre uma dissertação e sobre um projeto que pesquisasse e narrasse o GEABio, interessava-me contar a história do grupo a partir dos contos e causos de quem o vivenciou em seus diferentes momentos e contextos. Interessava-me, também, compreender sua importância na formação de tantas pessoas impactadas por sua existência e por seu modo de (r)existir, além de abrir espaço para outras perspectivas que pudessem surgir e se tornar tema nesse longo, intenso e corrido processo de escrever uma dissertação.

Desde o início já havia a certeza de que esse trabalho não poderia ser construído individualmente. Não existia a possibilidade de tentar contar uma história feita por várias mãos sem que outras vozes também aparecessem nela, de uma maneira que, como veremos mais à frente na narrativa do colega Daniel, fosse de certa forma “vivida e sentida em coletividade, em autêntica comunhão”.

E esse é um sentimento que me habita quando construo minhas memórias sobre o GEABio: desde o momento em que pela primeira vez me aventurei em uma reunião semanal do grupo e comecei a entender um pouco do que se falava dentro daquela pequena sala, cheia de pequenos objetos, fotos e pôsteres de trabalhos acadêmicos, cada um contando uma história e representando algum momento especial, alguma conquista ou luta. Também me habita quando lembro da primeira manhã em que fui para a horta encontrar colegas, fazer mutirão agroflorestal e me embrenhar naquele pequeno e, ao mesmo tempo, gigantesco pedaço de mato que

produzia de tudo: ramos, frutos, flores, oficinas, criações artísticas, revoltas e fortes laços de amizade. Até mesmo quando viajei de bike pela primeira vez de uma cidade para outra, fomos juntos entre bicicletas, mochilas, caixas, vontades, sonhos e cooperação, um total de três dias, duas noites, trinta e oito pessoas e dois cachorros. Minhas memórias destes e de tantos outros momentos são recheadas por essa sensação de coletividade e pertencimento.

Apesar de eu acreditar que a maioria das pessoas que viveram e vivem o grupo compartilha desse sentimento de coletividade, as experiências individuais são sempre vivenciadas de maneira singular. Cada pessoa vive, sente e cria suas próprias perspectivas diante do experienciar de situações similares. As narrativas criadas a partir desta pesquisa são amostras dessa tecitura de histórias, percursos e significados resultantes das vivências individuais e coletivas de cada uma. É diante disso que, mais do que tentar analisar essas narrativas, neste capítulo busco conversar com elas e traçar uma espécie de diálogo com cada uma. Cada história é apresentada em sua inteireza, com reflexões que entrelaçam memórias, documentos do grupo e experiências pessoais, compondo uma conversa. Assim, procuro escutar essas vozes e reconhecer, no gesto de cada narradora e narrador, o eco de um mesmo movimento formativo que o GEABio semeou em todas nós.

As narrativas trazidas aqui uma por uma, em sua integridade, refletem diferentes contextos de um grupo que viveu diversas fases, cada qual com suas características e peculiaridades dentro da universidade e em contextos nacionais e internacionais. Esses contextos dizem muito sobre como as pessoas experienciavam suas vivências: como estudantes de graduação em Ciências Biológicas, viventes da Ilha de Santa Catarina, brasileiras, artistas, ciclistas, militantes, locais, imigrantes, inconformadas, entusiasmadas, em movimento, entre tantas outras facetas que afetam nosso olhar sobre o mundo. Todas essas vozes, e tantas outras contempladas nestes dizeres, são um retorno e uma ode às vozes que me antecederam, às que caminharam ao meu lado e às que hoje mantêm o grupo existindo e resistindo.

Escrever sobre o GEABio é tocar em camadas de um tempo que não é só cronológico, é um tempo afetivo, um tempo que pulsa em mim e em outras. É memória viva. É, algo como diria Benjamin (1994), uma experiência que se transmite de boca em boca, mas que aqui se transmite também por escrito, pela generosidade das pessoas que aceitaram lembrar. E lembrar não é um gesto neutro. Para além de

recuperar fatos, lembrar é recolher sentidos, revisitar emoções, reorganizar aquilo que fomos e somos ou, como me lembrou um dos participantes da pesquisa em sua narrativa[11]: é realizar uma “arqueologia de si mesmo”.

A força do GEABio nunca esteve concentrada somente nas atividades realizadas, nas formações no Çarakura, nos mutirões, na horta Baudelaire, na autogestão, nas intervenções, nos cursos e nas viagens. Ela também habitava aquilo que essas atividades produziam em nós, no encontro. Havia sempre um movimento que permeava tudo isso, como as raízes de uma agrofloresta: encontros que se enroscavam, relações que iam desenhando quem éramos e quem nos tornávamos. A materialidade das ações era importante, e o que nos formava era também essa tecitura invisível entre corpo, pensamento, prática e afeto. É por isso que apresentar as narrativas em sua integralidade faz tanto sentido aqui. Ao lado da homenagem às pessoas que dedicaram seu tempo, energia e parte de si ao grupo, há o reconhecimento de que cada narrativa é um território formativo. Cada história contém um modo próprio de ver o mundo, de habitar o GEABio, de construir a si mesmo dentro e a partir desse espaço. E, ao colocar essas histórias lado a lado, emerge uma paisagem coletiva, múltipla, polifônica, viva.

A escolha metodológica de escutar uma voz por vez, de respeitar seu tempo, seu ritmo e sua poética interna, nasce justamente dessa constatação. Não quero transformar essas experiências em categorias rígidas, como se a complexidade das vidas pudesse caber em tabelas. Quero caminhar com elas. Quero deixá-las deslocar olhares. Quero permitir que cada narrativa respire e se expanda antes que eu tente dialogar com ela.

Este capítulo se organiza, portanto, como uma caminhada com as narrativas recebidas. Trata-se de um percurso que acompanha, em ordem cronológica, diferentes momentos da história do GEABio, em que uma narrativa dá início à próxima. Começo pela narrativa de Nayara, que nos aproxima dos primeiros movimentos de criação do grupo, e sigo pelas vozes de Daniel, Júlia, Raíza, Rinaldo, Anselmo e Vanessa, acompanhando as transformações, permanências, deslocamentos e reinvenções do coletivo ao longo dos anos e os afetamentos propiciados pela imersão nesse coletivo tão único. Cada narrativa abre uma espécie de trecho do caminho: apresenta um tempo, um modo de habitar o grupo, uma paisagem afetiva e política que me permite dialogar com documentos, memórias e

[11] A narrativa completa de onde tirei este excerto é a de Daniel, localizada no capítulo 3.

vivências pessoais.

Caminhar com essas narrativas não significa conduzi-las a um destino previamente definido. Significa acompanhá-las em seus próprios ritmos, deixando que cada voz indique os temas, as tensões e os sentidos que emergem de sua experiência. Ao final de cada narrativa, minha escrita aparece como uma pausa nesse percurso antes de partir para a próxima, um momento de respiro e diálogo em que busco aproximar minha própria história daquilo que foi narrado, para encontrar ressonâncias, confluências de sentidos, e por que não, também dissonâncias e pluralidades. Ao fazer isso, estou também me alinhando ao que Galvão (2005) descreve como o modo narrativo de existir com o outro. Estar com o outro, não sobre o outro, é o que sustenta a escrita que se segue. Por isso, minha intenção é habitar junto o chão por onde essas histórias passam e coexistem.

Há uma responsabilidade ética envolvida nisso. Ao lidar com memórias que não são minhas, preciso estar atento ao risco de distorcer, simplificar ou romantizar a fala do outro. Também por isso, escolho apresentar as narrativas integralmente e na forma em que foram escritas, preservando a língua portuguesa, as escolhas de escrita, as fontes e a formatação dos textos enviados, para que o leitor tenha acesso direto à voz de cada pessoa, sem filtros, cortes ou resumos. Minha escrita surge como diálogo, como tentativa honesta de acompanhar.

E acompanhar significa também reconhecer diferenças. Como escrevi no início, embora muitos de nós compartilhemos essa sensação profunda de comunhão, cada pessoa viveu o GEABio de um jeito singular. As histórias falam de lugares em diferentes épocas, dinâmicas, projetos, afetos e experiências distintas. São trajetórias que se tocam, às vezes se misturam, e em outros momentos apenas se esbarram. Por isso, é tão importante respeitar a singularidade de cada narrativa e não buscar somente convergências.

Por fim, ao apresentar e dialogar com essas sete vozes, Nayara, Daniel, Júlia, Raíza, Rinaldo, Anselmo e Vanessa, também vou compondo uma linha que me constitui. Em cada uma delas encontro alguma pergunta, lembrança ou aprendizado que reverbera na minha própria história de formação com o grupo. E sei que, ao final desse percurso, não chegarei a uma conclusão definida, mas a um lugar de sentido, um reconhecimento da relevância do GEABio como espaço de formação, pertencimento, invenção e esperança.

Assim, convido quem lê a entrar comigo nessas histórias, não como quem

analisa à distância, mas como quem caminha e vive uma travessia. Que possamos, juntos, acompanhar cada narrativa como quem acompanha o brotar de uma semente: com cuidado, atenção e respeito ao seu próprio tempo de germinação.

3.1. **Narrativa de Nayara**

Fico muito feliz em fazer esse depoimento. Sinto por soar narcisista, mas como a ideia começou dentro do meu âmago, não haveria como falar do GEABio sem usar a palavra "eu". E aqui uso o "eu" com o máximo de humildade em relação a quem apenas plantou essa sementinha, mas com o coração cheio de gratidão por todos aqueles que a regaram, e com a alma imersa em felicidade por saber que tive a sorte de construir algo que pode contribuir aos demais e à nossa sociedade.

O GEABio surgiu de uma sensação de falta de pertencimento. Eu, desde que me via por capaz, sempre me envolvi em voluntariados ou questões ambientais. Na época o CABio tinha discussões focadas em festas e alguns assuntos políticos. Eu queria me conectar à natureza e possibilitar que as futuras gerações vivessem isso também. Troquei ideia com as meninas com quem eu morava, a Thatá e a Bar, e o apoio delas foi essencial para que convidássemos alguns amigos com boas ideias para um encontro na nossa casa. Isso foi em dezembro, muitos já haviam viajado para as férias. Mas meu coração não aguentava esperar o próximo ano. Apesar de não me lembrar ao certo quais os rostinhos que ali estavam, o momento foi inesquecível. Lembro que não tínhamos sofá, nos sentamos em colchões e almofadas no chão da sala da entrada da Casa da Flor, e ali começou a nossa tempestade de ideias. Fizemos a dinâmica de construção de grupo de afinidade e, dali em diante, passamos a nos sentir um "uno".

Depois disso aquele vazio do não pertencimento se exauriu. No ano seguinte, muitos que não puderam estar nesse primeiro encontro se uniram a nós. Em seguida vieram os calouros daquele semestre, e rapidamente o nosso grupo foi crescendo. Um dos momentos mais lindos que vivi foi nossa primeira formação, no Çarakura. Quem viveu sabe, e espero que o GEABio tenha tido mais momentos como esse. Mas ali pudemos despertar em nós e nos que a nós se juntaram a essência da nossa existência, a conexão com o Natural, o Sagrado. E ali foi possível despertar em todos a necessidade de propiciar essa conexão aos demais. E assim seguimos, com encontros, projetos e outras formações.

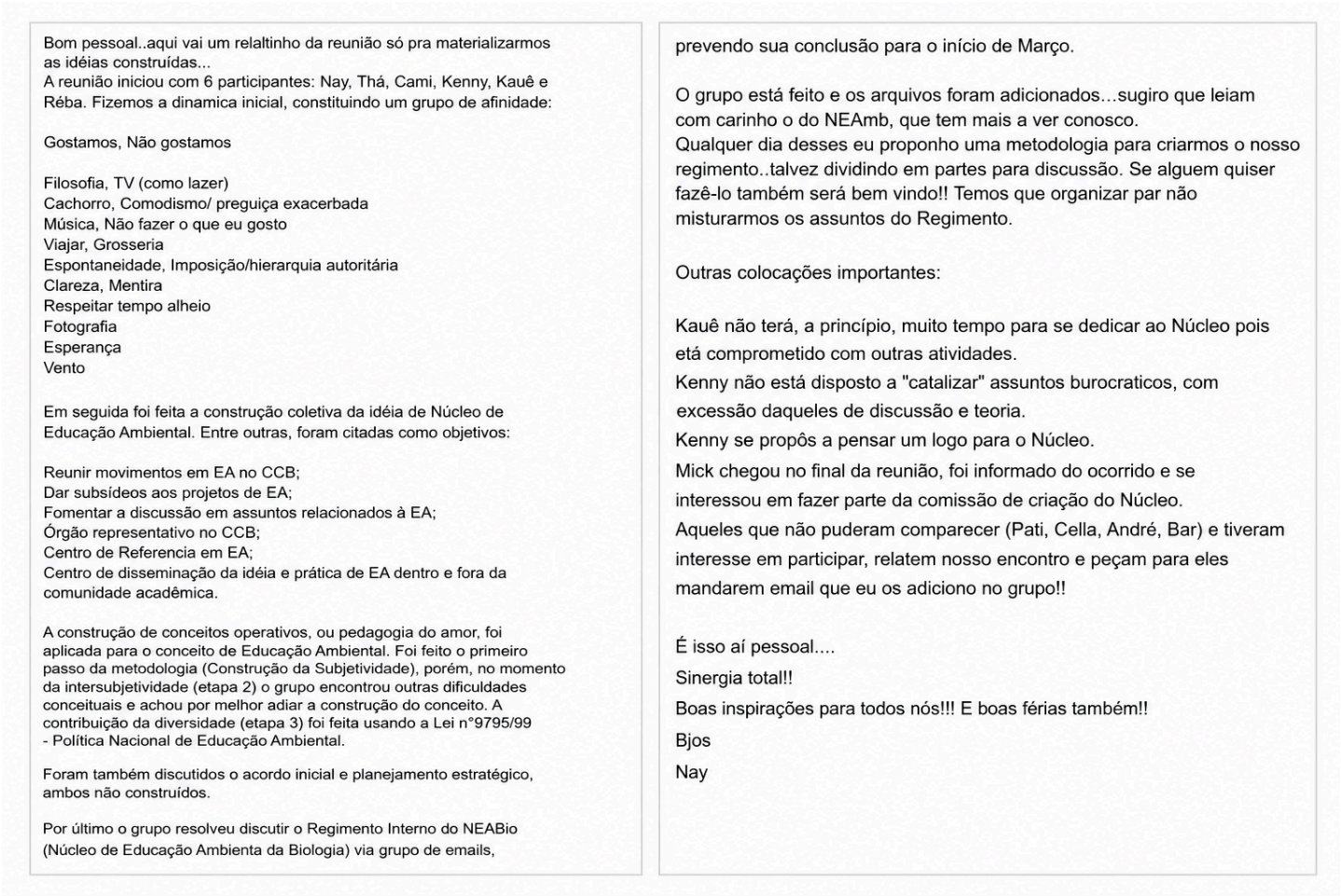
Em setembro de 2009 eu precisei me ausentar. Saí para um intercambio. Meu maior receio era que o grupo se encerrasse. Sabe aquele sentimento maternal de que seu recém-nascido não sobreviveria sem você? Mas quando eu voltei (nossa! indescritível a sensação), não só ele estava vivo, como ele havia mudado e tinha a carinha daqueles que naquele momento o compunham. Isso foi lindo de ver. Porque era isso que eu queria, criar um ambiente dinâmico, sem

autoritarismo e regrado no respeito e amor, onde todos com os mesmos valores pudessem se sentir pertencentes e o construíssem momentaneamente com os seus objetivos.

Bem.. confesso que, como geminiana e dinâmica que sou, me aproveitei da oportunidade. Eu sabia que o GEABio não precisava mais de mim, e que eu queria viver outra faceta na universidade. Assim, passei a acompanhar mais de longe o grupo e me dedicar à pesquisa científica. E o grupo foi persistindo, ganhando corpo com todos aqueles que em algum momento contribuíram para que ele fosse autônomo, independente de qualquer parte, mas composto por um coletivo.

Felicidade foi ver que anos depois ele havia sido incorporado como núcleo do CCB e que anos e anos depois ele se mantém vivo, inclusive, com alguém escrevendo a sua história.

Figura 1 - Ata da primeira reunião do GEABio (final de 2008)



Bom pessoal..aqui vai um relaltinho da reunião só pra materializarmos as idéias construídas...
A reunião iniciou com 6 participantes: Nay, Thá, Cami, Kenny, Kauê e Réba. Fizemos a dinamica inicial, constituindo um grupo de afinidade:

Gostamos, Não gostamos

Filosofia, TV (como lazer)
Cachorro, Comodismo/ preguiça exacerbada
Música, Não fazer o que eu gosto
Viajar, Grosseria
Espontaneidade, Imposição/hierarquia autoritária
Clareza, Mentira
Respeitar tempo alheio
Fotografia
Esperança
Vento

Em seguida foi feita a construção coletiva da idéia de Núcleo de Educação Ambiental. Entre outras, foram citadas como objetivos:

Reunir movimentos em EA no CCB;
Dar subsídeos aos projetos de EA;
Fomentar a discussão em assuntos relacionados à EA;
Órgão representativo no CCB;
Centro de Referencia em EA;
Centro de disseminação da idéia e prática de EA dentro e fora da comunidade acadêmica.

A construção de conceitos operativos, ou pedagogia do amor, foi aplicada para o conceito de Educação Ambiental. Foi feito o primeiro passo da metodologia (Construção da Subjetividade), porém, no momento da intersubjetividade (etapa 2) o grupo encontrou outras dificuldades conceituais e achou por melhor adiar a construção do conceito. A contribuição da diversidade (etapa 3) foi feita usando a Lei n°9795/99 - Política Nacional de Educação Ambiental.

Foram também discutidos o acordo inicial e planejamento estratégico, ambos não construídos.

Por último o grupo resolveu discutir o Regimento Interno do NEABio (Núcleo de Educação Ambienta da Biologia) via grupo de emails,

prevendo sua conclusão para o início de Março.

O grupo está feito e os arquivos foram adicionados...sugiro que leiam com carinho o do NEAmb, que tem mais a ver conosco.
Qualquer dia desses eu proponho uma metodologia para criarmos o nosso regimento..talvez dividindo em partes para discussão. Se alguem quiser fazê-lo também será bem vindo!! Temos que organizar par não misturarmos os assuntos do Regimento.

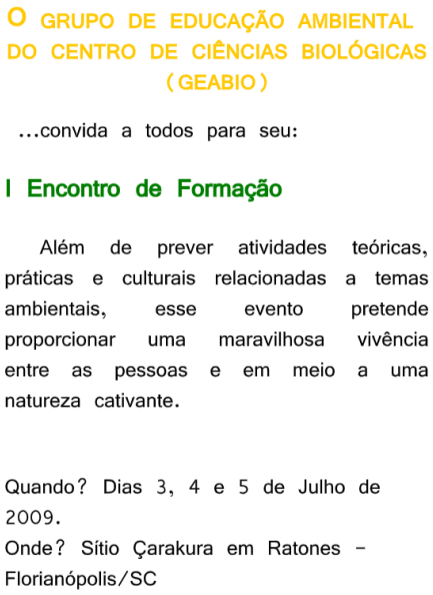
Outras colocações importantes:

Kauê não terá, a princípio, muito tempo para se dedicar ao Núcleo pois etá comprometido com outras atividades.
Kenny não está disposto a "catalizar" assuntos burocraticos, com excessão daqueles de discussão e teoria.
Kenny se propôs a pensar um logo para o Núcleo.
Mick chegou no final da reunião, foi informado do ocorrido e se interessou em fazer parte da comissão de criação do Núcleo.
Aqueles que não puderam comparecer (Pati, Cella, André, Bar) e tiveram interesse em participar, relatem nosso encontro e peçam para eles mandarem email que eu os adiciono no grupo!!

É isso aí pessoal....
Sinergia total!!
Boas inspirações para todos nós!!! E boas férias também!!
Bjos
Nay

Fonte: arquivo pessoal de Nayara.

Figura 2 - Cartaz de divulgação do primeiro encontro de formação do GEABio


O GRUPO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (GEABIO)

...convida a todos para seu:

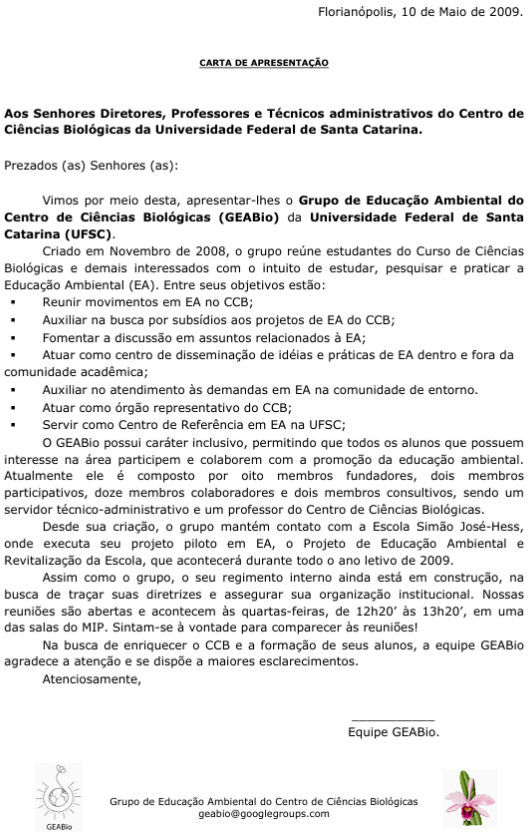
I Encontro de Formação

Além de prever atividades teóricas, práticas e culturais relacionadas a temas ambientais, esse evento pretende proporcionar uma maravilhosa vivência entre as pessoas e em meio a uma natureza cativante.

Quando? Dias 3, 4 e 5 de Julho de 2009.
Onde? Sítio Çarakura em Ratones – Florianópolis/SC

Fonte: Arquivo pessoal de Nayara

Figura 3 - Carta de apresentação do grupo ao Centro de Ciências Biológicas (CCB)


Florianópolis, 10 de Maio de 2009.

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Aos Senhores Diretores, Professores e Técnicos administrativos do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prezados (as) Senhores (as):

Vimos por meio desta, apresentar-lhes o **Grupo de Educação Ambiental do Centro de Ciências Biológicas (GEABio)** da **Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**.

Criado em Novembro de 2008, o grupo reúne estudantes do Curso de Ciências Biológicas e demais interessados com o intuito de estudar, pesquisar e praticar a Educação Ambiental (EA). Entre seus objetivos estão:

- Reunir movimentos em EA no CCB;
- Auxiliar na busca por subsídios aos projetos de EA do CCB;
- Fomentar a discussão em assuntos relacionados à EA;
- Atuar como centro de disseminação de idéias e práticas de EA dentro e fora da comunidade acadêmica;
- Auxiliar no atendimento às demandas em EA na comunidade de entorno.
- Atuar como órgão representativo do CCB;
- Servir como Centro de Referência em EA na UFSC;

O GEABio possui caráter inclusivo, permitindo que todos os alunos que possuem interesse na área participem e colaborem com a promoção da educação ambiental. Atualmente ele é composto por oito membros fundadores, dois membros participativos, doze membros colaboradores e dois membros consultivos, sendo um servidor técnico-administrativo e um professor do Centro de Ciências Biológicas.

Desde sua criação, o grupo mantém contato com a Escola Simão José-Hess, onde executa seu projeto piloto em EA, o Projeto de Educação Ambiental e Revitalização da Escola, que acontecerá durante todo o ano letivo de 2009.

Assim como o grupo, o seu regimento interno ainda está em construção, na busca de traçar suas diretrizes e assegurar sua organização institucional. Nossas reuniões são abertas e acontecem às quartas-feiras, de 12h20' às 13h20', em uma das salas do MIP. Sintam-se à vontade para comparecer às reuniões!

Na busca de enriquecer o CCB e a formação de seus alunos, a equipe GEABio agradece a atenção e se dispõe a maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

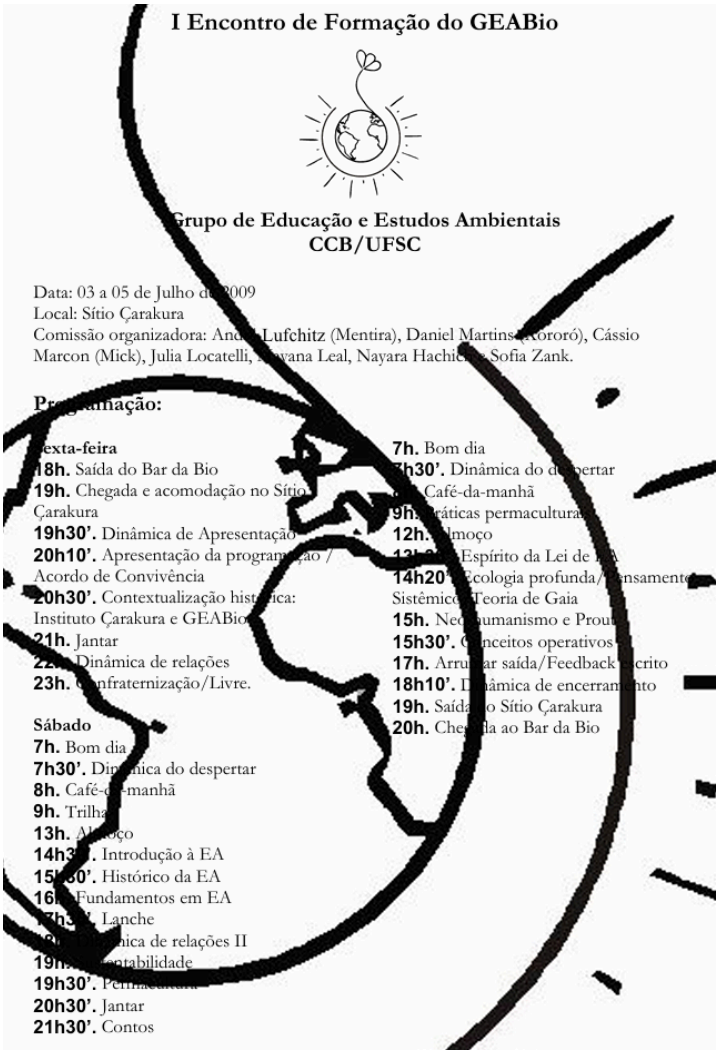
Equipe GEABio.

GEABio

Grupo de Educação Ambiental do Centro de Ciências Biológicas
geabio@googlegroups.com

Fonte: Arquivo pessoal de Nayara

Figura 4 - Cartaz da programação do primeiro encontro de formação no Sítio Çarakura.



Fonte: Arquivo pessoal de Nayara

A narrativa da Nayara, apesar de ser cronologicamente a primeira história do GEABio apresentada aqui, não foi a primeira narrativa recebida. Eu já havia lido algumas narrativas de contextos próximos ao dela, relatos de um tempo posterior ao que ela narra, aquilo que viria a ser a continuação celebrada no final de seu texto. Ainda assim, quando li seu relato, fui pego de surpresa. Eu já tinha escutado várias histórias sobre os tempos de criação do grupo, assim como sobre personagens daquela época que nunca cheguei a conhecer. Criei, em minha memória, uma imagem desse início a partir de fotos, vídeos antigos e falas de quem conviveu comigo entre 2015 e 2020. Mas ler em primeira pessoa a narrativa da Nayara fez essas fotos ganharem movimento. Foi como entrar nos vídeos antigos que eu já

havia assistido e sentir que também estava naquela primeira reunião, sentado no chão, matutando possibilidades e dando voz à inquietação inicial e ao sentimento de falta que move tantas pessoas que chegam ao GEABio e são contempladas pelo que o grupo construiu e ainda constrói.

É muito bonito pensar que naquele fim de ano, já quase de férias, naquela roda de poucos colegas sentados ao chão, surgiu o que viria a ser um coletivo capaz de ajudar tantas estudantes a sentir menos esse vazio de pertencimento que Nayara comenta. O sentimento de se tornar e se sentir um “uno”, de “materializar ideias construídas coletivamente”, “fomentar discussões em Educação Ambiental”, “formar um centro de referência dentro e fora da comunidade acadêmica” e até mesmo “gostar de filosofia, música e vento; não gostar de hierarquia autoritária, grosseria e mentira” são ideias e sentires que permaneceram enraizando o grupo. Existia naquela reunião a semente de uma ética e de uma linguagem própria do coletivo. Ali já se delineava o desejo de autonomia, respeito e diálogo, um modo de existir junto que rejeitava hierarquias autoritárias e cultivava a horizontalidade. E vejo que o GEABio carregou essas premissas até os dias de hoje.

Hoje, conversando com pessoas que ainda mantêm vínculos com o grupo, é gostoso perceber que aqueles valores iniciais — autonomia, horizontalidade, diálogo, respeito, amor, o gosto por vento e por filosofia — não ficaram presos àquela primeira reunião. Eles se enraizaram e floresceram em outras gerações. Fizeram parte de mutirões, reuniões, formações, cafés e viagens. Reapareceram em descobertas e aprendizados, em novas amizades, desabafos, redes de apoio e abraços no meio da horta. Sobreviveram à ausência, às mudanças de cada época, às crises, aos silêncios, às várias turbulências políticas no país e na universidade, até mesmo a uma pandemia, e permanecem fortes atualmente.

Ler a narrativa da Nayara é, para mim, entender melhor o que sustentou o GEABio durante todos esses anos. Projetos, atas e documentos formais são importantes, mas a permanência do grupo também se explica por essa ética inaugural, pela vontade de criar um lugar onde as pessoas pudessem existir com mais inteireza e liberdade de se expressar. A vontade de fazer junto. De não deixar ninguém caminhar sozinho. A vontade de construir algo que pudesse ser um lar, um lugar para sentir menos falta. E percebo agora que, mesmo sem ter vivido o início, reconheço esse começo na minha própria chegada ao grupo. Reconheço nos encontros na horta, nas conversas entre café e terra, nos corpos cansados depois

de um mutirão e até mesmo nos documentos recebidos, que trazem em si o perfil do grupo naquela época em que tudo começou. Reconheço nas discussões sobre autogestão, nos conflitos, nos abraços, nas pedaladas, nas festas. Reconheço os meus próprios sentimentos de pertencimento e comunhão. É como se aquela primeira semente lançada no chão da Casa da Flor continuasse germinando, atravessando o tempo e enraizando fundo em diferentes lugares.

3.2. **Narrativa de Daniel**

"A semente ensina a não caber em si – Por Daniel Ganzarolli Martins

A frase acima, retirada da música "O Buraco" do Arnaldo Antunes, uma vez estampou uma camiseta que fizemos para o GEABio, o Grupo de Educação e Estudos Ambientais da Biologia. Considero ela uma boa síntese do que foi viver a experiência com esse grupo.

Recebi com alegria esse convite do Bruno, que me possibilitou recordar — Do latim "re-cordis", voltar a passar pelo coração, como lembra Eduardo Galeano no seu Livro do Abraços — memórias do período em que participei desse coletivo. Eu e Bruno vivenciamos o GEABio em períodos diferentes nas nossas trajetórias acadêmicas, por isso não chegamos a nos conhecer muito bem.

Fico contente em perceber que desde sua fundação, no final de 2008, o coletivo seguiu influenciando diferentes gerações de biólogos formados na UFSC. Estive muito presente no grupo principalmente entre começo de 2009, quando tinha acabado de entrar na graduação em Ciências Biológicas, até o final de 2012. Em 2013 realizei um intercâmbio que me afastou do grupo, apesar de haver participado de forma pontual nos anos de 2014, 2015 e até mesmo numa atividade em 2018.

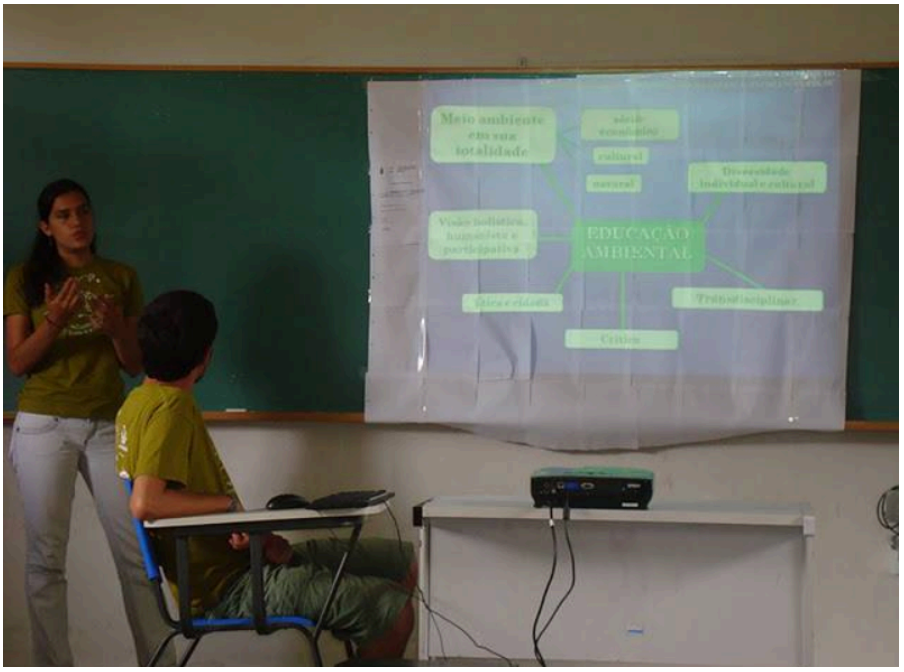
Reativar essas memórias da graduação em Biologia é também ensaiar uma "arqueologia de si mesmo", do que me motiva, do que me enraíza, do que me faz sentido, dos meus porquês enquanto ser pensante e atuante no mundo.

É resgatar um momento em que anseios e sonhos se misturavam com uma construção de identidade que não era somente um fenômeno individualizado, mas também vivido e sentido em coletividade, em autêntica comunhão. Memórias de luta, afeto, dedicação, perseverança, entusiasmo. Um coletivo que ama e defende a vida. Que transbordava vida e literalmente a semeava nas suas intervenções agroecológicas.

Através do GEABio, junto com colegas daquela época, criamos e desenvolvemos juntos um projeto de extensão no ano de 2009, o Projeto Biodiversidade[12], que foi minha primeira experiência formal como educador na vida. Numa parceria com a ONG Casa da Criança, que fica no Morro da Penitenciária, realizamos inúmeras atividades de Educação Ambiental com as crianças atendidas pelo projeto. Organizamos com elas saídas de campo para a Lagoa do Peri, o Parque do Córrego Grande, o Projeto TAMAR, os laboratórios da UFSC e o Sítio Çarakura. Trouxemos muitas experiências diferentes na vida daquelas crianças. Organizar com autonomia e liberdade um projeto de extensão provocou transformações inegáveis nas nossas consciências de jovens adultos em formação.

[12] Link de um vídeo sobre o Projeto Biodiversidade: https://www.youtube.com/watch?v=iWlP8HC5FP8&t=250s

Figura 5 - Projeto Biodiversidade no Congresso de Brasileiro de Educação Ambiental, em João Pessoa, 2011



Fonte: Facebook do GEABio

Figura 6 - Projeto Biodiversidade em 2011



Fonte: Arquivo pessoal de Daniel

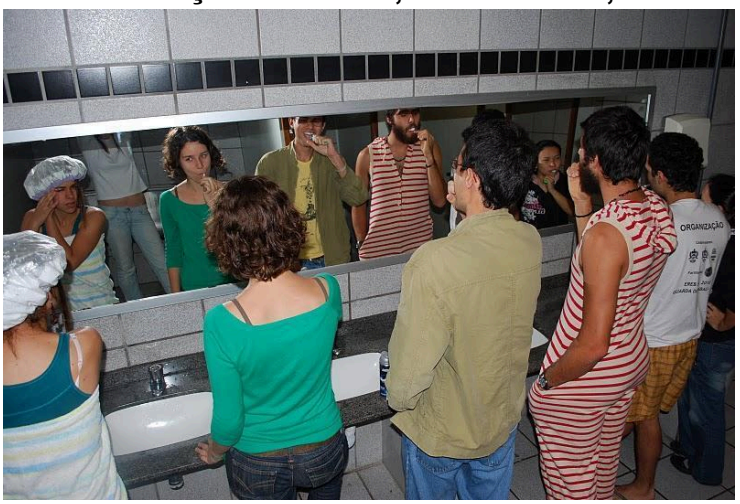
Figura 7 - Projeto Biodiversidade no Sítio Çarakura em 2012



Fonte: arquivo pessoal de Daniel

O projeto agroecologia e seus cursos que organizamos nos trouxeram um contato com a terra e uns com os outros numa experiência singular[13]*. Ao longo desses anos fizemos juntos intervenções artísticas e políticas icônicas como o "Meu MIP, Minha Casa", o protesto teatralizado contra a instalação do estaleiro da OSX*[14]*, além intervenções com o lixo coletado em mutirões pela UFSC. Realizamos inúmeros "trotes ecológicos" com os calouros e cine-debates. Organizamos uma viagem do grupo até a Rio+20 e a Cúpula dos Povos. Apresentamos na SEPEX da UFSC os projetos do GEABio e fomos inclusive premiados numa das suas edições. As viagens de bicicleta organizadas junto com o Centro Acadêmico da Biologia serão lembranças eternas. Íamos de encontro ao mundo, numa busca de encontro com outras realidades e contextos fora do meio acadêmico tradicional.*

Figura 8 - Intervenção "Meu MIP, Minha Casa", em 2010



Fonte: arquivo pessoal de Daniel

As formações que organizávamos junto a equipe do Sítio Çarakura mudavam nossa forma de conceber a universidade. Era a mente e o corpo, a ação e a reflexão, a teoria e a

[13] Vídeo do projeto de Agroecologia: https://www.youtube.com/watch?v=WhhbzgLUggw&t=1s
[14] Vídeo da intervenção contra o estaleiro da OSX: https://www.youtube.com/watch?v=_9tR56eqxUI&t=110s

prática, tantas dualidades coexistindo numa sincronia vibrante, algo que dificilmente encontraríamos em qualquer disciplina da graduação. O formato auto-gestionado do grupo trazia desafios, mas também muitas possibilidades. Estimulava a proatividade e empenho de cada integrante nos seus movimentos dentro do grupo, e dava uma organicidade maior a ele.

Figura 9 - I Formação do grupo no Sítio Çarakura, no primeiro semestre de 2009



Fonte: arquivo pessoal de Daniel

Essas experiências tão intensas me constituíram de forma muito definidora, que posso afirmar e testemunhar que são parte de mim, num emaranhado tecido em afeto, sonho e luta. Sou eternamente grato por essas vivências, e fico extremamente feliz em saber que o grupo segue existindo e resistindo, mesmo que passando por períodos de "dormência". Como uma semente que germina, cresce, floresce, frutifica, dispersa sementes, resseca e depois morre. Para depois renascer com suas sementes em outros espaços, com novos sentidos.

Figura 10 - Intervenção do lixo na UFSC em 2012



Fonte: arquivo pessoal de Daniel

Hoje sou professor de Ciências concursado nas redes municipais de Niterói e Maricá, no Estado do Rio de Janeiro. Em Maricá, estou atualmente como coordenador da Área de Ciências da escola onde atuo, e organizo projetos, saídas de campo e muitas

atividades que têm plena sintonia com os tempos de GEABio. Realizei minha pesquisa de mestrado na Universidade Federal Fluminense no campo da Educação Ambiental, e minha tese de doutorado também nessa universidade foi realizada junto a povos indígenas Mbya Guarani que vivem na cidade de Maricá. Mesmo morando agora em outro Estado, em um contexto bastante diferente, vejo como essas experiências do GEABio seguem ecoando, ressoando, semeando nos meus trabalhos e movimentos atuais... E certamente na crença de uma educação que pulsa com a vida, que transborda sentido e sentimento.

Para finalizar essa narrativa, compartilho um poema que escrevi numa Formação do GEABio no Sítio Çarakura, no ano de 2012:

Amor a terra
Amor ao humano
Ao pássaro que canta sem saber que canta
Àquele sonho que esquecemos sem querer
À vida borbulhante acima e abaixo de ti e mim
Aos nascimentos, infinitos
À possibilidade de delírio num mundo esgotado
Aos amigos, entrelaçados
À família que te fez o ninho
Aos corais, florestas, cavernas e cordilheiras
À pessoa que canta onde é proibido cantar
À semente, ao barco, ao pife, à pipa, à paz
À solidariedade, ao altruísmo e à justiça
Aos erros e às aprendizagens
A quem se dá o direito de ainda imaginar
Ao carinho, ao riso, ao abraço e ao choro
Ao cosmos, às crianças e aos velhos
Ao mistério, aos ciclos
À arte que brinca com o mistério
A tudo aquilo que transcende o vazio e a desunião
Amor a própria possibilidade de poder amar."

Figura 11 - II Formação do grupo, no segundo semestre de 2009



Fonte: arquivo pessoal de Daniel

Figura 12 - Trote ecológico no Sítio Çarakura em 2011



Fonte: arquivo pessoal de Daniel

Figura 13 - IV Formação do GEABio em 2011



Fonte: arquivo pessoal de Daniel

Figura 14 - Pizzada GEABio 2012



Fonte: arquivo pessoal de Daniel

Figura 15 - V Formação do GEABio em 2012



Fonte: arquivo pessoal de Daniel

Quando recebi o e-mail do Daniel, senti um frio na barriga. Foi a primeira narrativa recebida, a primeira resposta depois de vários dias de certa angústia,

esperando alguma nova mensagem na caixa de entrada que indicasse que meu convite para a participação nesta pesquisa seria bem recebido e respondido em número suficiente para tornar possível contar essa história sem que ela fosse apenas minha. Ao começar a ler suas palavras, nesse texto lindo, de escrita leve e carregada de nostalgia e emoção, o frio na barriga deu espaço a uma sensação alegre, de conexão e reciprocidade. Era um marco de um novo momento na pesquisa.

Na minha jornada de formação como educador ambiental, os trabalhos do Daniel já existiam como referência e inspiração há bastante tempo. Meus encontros com seus textos e menções eram frequentes, desde sua tese, dissertação e TCC até suas atividades e projetos junto ao GEABio em anos anteriores à minha chegada. O que encontrei nesses trabalhos ressoa de forma intensa com sua narrativa. É fácil perceber uma relação de sentido e sentimento entre seu caminho de vida, suas produções, seus projetos e as experiências vividas com o GEABio, uma sintonia entre o que era cultivado dentro do coletivo, entre afetos, sonhos e luta, e que hoje reverbera de forma tão bonita em sua docência, pesquisa e extensão.

Apesar de termos convivido pouco, devido à distância temporal em que vivenciamos a graduação, a leitura de sua narrativa, junto aos vídeos e fotos enviados, novamente me fez perceber conexões que transcendem o tempo e aproximam experiências vividas no GEABio ao longo dos anos. As fotografias dos anos de 2010 a 2012 se assemelham de maneira incrível aos registros em que eu estou presente, entre 2015 e 2019. É como se eu pudesse ver meu rosto e o de outras pessoas nessas imagens, reconhecer as pessoas que caminhavam comigo por aqueles espaços em outros tempos, como se as fotografias mais antigas retratassem gerações diferentes de uma mesma família, nos mesmos lugares, experienciando histórias parecidas, passando bastões de uns para os outros, no ir e vir de ondas que se tocam e se misturam.

Figura 16 - IX Formação GEABio - ÇaraKura 2016



Fonte: Facebook do GEABio

Figura 17 - Formação Sítio Çarakura 2016



Fonte: Facebook do GEABio

A narrativa de Daniel expressa de maneira bonita essa relação entre agroecologia, arte e formação. O Projeto Biodiversidade foi sua primeira experiência formal como educador, uma vivência que não nasceu de um estágio supervisionado obrigatório, mas de uma escolha coletiva, construída com autonomia dentro do GEABio. Levar crianças do Morro da Penitenciária à Lagoa do Peri, ao Sítio Çarakura e aos laboratórios da UFSC era já uma forma de afirmar que a Educação Ambiental se faz no território, no corpo e no encontro, e não apenas nos textos e nas salas de aula. Mas talvez o documento mais revelador que Daniel compartilha não seja o relato das atividades, e sim o poema que escreveu durante uma formação no Çarakura, em 2012. Escrito no calor da experiência, ele funciona como um registro do que o GEABio produzia naquele momento: uma linguagem própria, feita de terra, afeto e imaginação. A lista de amores que o poema tece a terra, o humano, o pássaro, a semente, a solidariedade, as crianças, os velhos, o mistério, a arte que brinca com o mistério, é quase um mapa afetivo dos valores que o grupo cultivava. Nele, agroecologia e sensibilidade aparecem juntas, sem hierarquia, como dimensões de uma mesma forma de estar no mundo. O poema não é ornamento da narrativa: é, ele mesmo, um fruto do território formativo que o GEABio constituía.

Acredito que essa sensação de proximidade e conexão, de tamanha semelhança ao compartilharmos vivências tão únicas, mas que ao mesmo tempo são marcas registradas da experiência geabionte, algo que cria um pertencimento para além daqueles que dividem o mesmo tempo-espaço com você, um sentimento que transcende a contemporaneidade. Talvez por isso fui tão bem recebido ao enviar meu convite para ex geabiontes, que mesmo de tão lugares tão longínquos, em momentos de vida tão diferentes, foram tão solícitos e dedicados no realizar dessa “arqueologia de si mesmo”. Esse gesto de escavar a própria história, que não é apenas uma contribuição acadêmica e individual, é também um gesto de cuidado consigo, com o grupo e com as memórias coletivas que nos atravessam. Talvez porque, no fundo, exista uma compreensão sensível de que o GEABio nunca foi apenas um coletivo. Foi, e ainda é, um lugar de formação de vida, uma casa que seguimos habitando, mesmo quando já não estamos mais lá, sementes que plantamos mesmo sabendo que não seremos nós a colher os frutos.

3.3 **Narrativa de Julia**

"Olá Bruno, grata pelo convite e por instigar essa reflexão. Nesses últimos dias tenho pensado no que te escrever e quais lembranças eu guardo sobre o Geabio, a partir disso nasceu também uma gratidão por ter tido a oportunidade de fazer parte desse grupo (fazem tantos anos, às vezes tudo fica meio longe que esqueço que isso fez parte de mim).

Desde cedo no curso me envolvi com as reuniões do CA e tentava participar das atividades extraclasse do curso. Em algum momento em 2009 encontrei a Nay pelos corredores e ela me chamou para ir a uma reunião. Inicialmente não tinha noção do que se tratava. Lembro bem das formações e encontros no Çarakura, e como parecia que estávamos todos buscando algo além, aprendizados que não teríamos em sala de aula, interações que aconteciam somente em espaços de abertura e troca, fora das paredes da instituição. As experiências no Çarakura sempre pareciam ampliar o olhar a outras referências, outros modos de viver, e formas de se relacionar com o entorno. E acho que todos saíam de lá maravilhados pela acolhida, pela comida deliciosa da Déia e pelas atividades sempre interativas e momentos com muita música.

Analisando essas memórias, hoje parece que eu buscava um sentido, de fazer a diferença em algo que acreditava, pois sentia que a graduação em biologia ia muito além dos conteúdos que aprendíamos e das pesquisas realizadas. O grupo era para mim um aprendizado constante sobre nossas interações e pensar em como promover mudanças positivas. Interagíamos com pessoas de diferentes fases do curso, discutimos diversos assuntos, trazíamos pessoas, filmes, tudo para enriquecer cada um de nós e possibilitar questionamentos, além de construir amizades que perduram ao tempo.

Também sentia que no grupo havia espaço para expressar nossos diferentes interesses, eu sempre gostei de artes, então me preenchiam nossos momentos de intervenções e invenções. Me recordo bem quando reunimos os amigos do geabio e pintamos caixas muito grandes que continham equipamentos de pesquisa, mas por algum motivo ficaram meses parados nos corredores do MIP.

Outro momento muito especial para mim foi a viagem de bike para a Ilha do Mel. Eu estava com muito receio pois nunca tinha feito algo assim, tantos kms, tanta gente junta, tanta entrega ao que viria, mas de alguma forma com o grupo e sabendo que meus amigos estavam comigo, que tudo daria certo. Essa viagem foi muito especial, e penso que o grupo influenciou meu crescimento pessoal de uma forma visceral, auxiliando no meu autoconhecimento. Posteriormente migrei para o PIBID e me embrenhei mais na educação formal. Hoje, provavelmente eu estar plantando mudas por aí, cultivando minha horta, criando os filhos em contato com o mato, fazendo eles experimentarem e aprenderem sobre a natureza, deve-se muito pelas experiências no geabio. É com um tanto de nostalgia que visito essas memórias, mas muito feliz também. Desejo para você tudo de bom na sua pesquisa, e qualquer coisa estou aqui.

Abraços"

Ao longo de minhas buscas por trabalhos que abordassem ou citassem o GEABio, encontrei a maior parte das referências ao grupo nas seções de agradecimento. Além de alguns artigos sobre projetos e trabalhos apresentados em congressos, esses agradecimentos não traziam muitos detalhes sobre a atuação do coletivo. Às vezes havia alguma menção a um projeto ou atividade específica, mas em todos os trabalhos aparecia um forte sentimento de gratidão e carinho pelo que o grupo proporcionou àquela pessoa. Lembrei desse fato ao ler a narrativa da Julia. Ela, assim como várias outras, fala sobre gratidão, sobre o GEABio como espaço de crescimento, busca por sentidos, questionamentos e experimentações; um lugar de interação com o outro e com o entorno, de aprendizado para além das paredes do currículo e da instituição.

A escrita da Julia traz na memória um reconhecimento de momentos e experiências que se dão como fundantes no construir de si mesma, em aprendizados constantes, na busca por promover mudanças positivas. Quando ela diz que buscava “um sentido”, o GEABio funcionava como um desses espaços raros onde os sentidos se fabricam no encontro com o outro, no encontro com a natureza, com a arte, no encontro consigo.

O sítio Çarakura é eternizado em várias gerações de geabiontes como um local especial. Na história construída pelo conjunto destes relatos, ele se torna um espaço onde, como diz Julia, “aprendizados que não teríamos em sala de aula” se faziam possíveis. O modo como ela descreve o lugar, as rodas, a comida da Déia, a música e o ar de descoberta transformam o sítio em um território formativo onde as fronteiras entre formação acadêmica e formação humana se desfaziam. Ali, o que nos acontece nos transforma porque somos afetados por algo que toca nosso corpo, nosso olhar e nossa percepção de mundo.

A Educação Ambiental que busco aqui relatar é profundamente marcada por essa perspectiva de formação. O GEABio conseguiu e consegue transcender a sala de aula formal, de forma transcurricular, transdisciplinar e com singularidades coletivas, tecendo processos formativos que se constroem na experiência compartilhada, na sensibilidade, no afeto e na implicação ética com o mundo. Nesse movimento, o coletivo se torna um espaço onde aprender é, ao mesmo tempo, viver, sentir e transformar-se com os outros.

A história das caixas pintadas no corredor do MIP, algo que muitas vezes vivemos e enxergamos de forma tão simples e cotidiana, ganha, na narrativa dela,

uma dimensão afetiva. A intervenção artística ocupava o espaço universitário com cor, vida e presença, reivindicando outros olhares para nosso entorno. Esse diálogo com a arte, com a invenção e com a sensibilidade aparece como uma característica marcante da vivência da Julia, e certamente ecoa no que outras pessoas também trouxeram em suas narrativas. É como se o GEABio tivesse sido, para muitas e muitos, um lugar em que ciência e arte puderam coexistir sem hierarquia, sem fronteiras rígidas, alimentando-se mutuamente.

Figura 18 - foto sem legenda geabio 2011



Fonte: Facebook do GEABio

Figura 19 - II Formação do GEABio em 2009 no Sítio Çarakura em Ratones



Fonte: Facebook do GEABio

Figura 20 - Pintura da Caixona do MIP - 2010



Fonte: Facebook do GEABio

Figura 21 - Protesto contra a construção do Estaleiro OSX - 2010



Fonte: Facebook do GEABio

3.4 **Narrativa de Raíza**

Memórias do GEABio - Raíza Padilha Scanavaca

"Vou vivendo como sou e vou sendo como posso, jogando meu corpo no mundo, andando por todos os cantos e pela lei natural dos encontros eu deixo e recebo um tanto e passo aos olhos nus (...)" Esse verso dos Novos Baianos, grupo que marcou a música brasileira ao misturar liberdade poética, experimentalismo e uma maneira muito própria de viver o mundo, nos fala sobre o mistério de existir: caminhar sem roteiros rígidos, permitindo que a vida aconteça no encontro com o outro. A canção carrega o sopro de uma geração que ousou inventar outros modos de estar no mundo: mais livres, abertos ao inesperado e aos mistérios.

É justamente essa sensação que ecoa em mim quando penso no Grupo de Educação e Estudos Ambientais da Biologia (GEABio). Foi nesse coletivo que aprendi a me mover com o que sou, com o que tenho e com quem caminha ao meu lado. Um espaço de descobertas e invenções, onde a força estava menos nas certezas e mais na potência dos encontros, no que se cria quando o propósito não está previamente traçado.

Escrever sobre o GEABio é revisitar uma história de afetos, lutas, aprendizagens e experimentações coletivas que moldaram profundamente quem sou e quem sigo sendo. A canção "Mistério do Planeta" fazia parte da playlist das festas do grupo que chamamos carinhosamente de "Hora Feliz" do Geabio. E, assim como a canção dos Novos Baianos, o

grupo me ensinou que viver também é confiar no ritmo dos passos, das encruzilhadas, nos laços e nas transformações que nascem do encontro.

Faz mais de uma década que conheci o GEABio, eu era estudante da licenciatura em biologia do noturno da UFSC. Florianópolis -SC está a mais de 12 horas de distância da minha cidade natal, Piracicaba - SP. E eu vivia um momento de descobertas, da vivência na partilha com pessoas novas, de conhecer a realidade, também, a partir do olhar de colegas curiosos sobre o conhecimento do que é vida em suas múltiplas formas.

Foi a partir de uma divulgação sobre os mutirões de agroecologia no Centro de Ciências Biológicas (CCB) que conheci o GEABio e os veteranos que articulavam o grupo autogestionado de estudantes engajados em questões socioambientais. Em uma tarde de mutirão, percebi que a prática de plantio, colheita e manejo do solo poderia me ensinar tanto, ou até mais, sobre plantas e ecologia do que horas de leitura de livros da área. Aos poucos, fui me aproximando do grupo e, ainda em 2012, ano em que ingressei na graduação, comecei a participar dos projetos de extensão articulados coletivamente.

Para além dos mutirões na horta agroecológica, integrei o projeto ***"Quatro Elementos"****, que planejava e desenvolvia atividades com estudantes do contraturno de uma escola municipal de São José, localizada em uma comunidade. Esse foi meu primeiro contato com o contexto escolar pelo ângulo da docência, e também o primeiro grande aprendizado que o grupo me proporcionou. O primeiro de muitos.*

O coletivo me ensinou teoria, prática, cognição e afeto; sensibilidade e respeito. Ensinou-me sobre apoio mútuo, sobre o poder dos vínculos afetivos no enfrentamento das mazelas socioambientais e sobre a urgência de construir, coletivamente, aquilo que Paulo Freire chamaria de inédito viável.

Figura 22 - Foto de um dos encontros do grupo de estudos livro pedagogia do oprimido, entre 2015-2016.



Fonte: Arquivo pessoal de Raíza

Foram aprendizados que circularam entre diferentes campos: a biologia, a profissão docente, a compreensão da crise socioambiental e da emergência climática a partir da sociologia e da ecologia. A agroecologia, nesse percurso, se apresentou como um caminho possível e necessário, oferecendo-me um arcabouço teórico e prático sobre as questões agrárias no Brasil, e técnicas de plantio, além da dimensão de aprendermos a viver de formas mais solidárias e compatíveis com a valorização da biodiversidade.

No meu tempo ativa no GEABio, entre 2012 e 2016, tive a oportunidade de conhecer, construir e reconstruir o grupo em diferentes projetos e configurações. Realizávamos reuniões semanais, nas quais compartilhávamos informes, discutíamos pautas e estruturávamos a nossa agenda de atividades. Eram encontros em que ideias eram fomentadas, projetos ganhavam forma e sonhos coletivos se tornavam possíveis.

A partir de um movimento de revivificação coletiva, conquistamos uma sala que se tornou a nossa sede: um espaço simbólico e prático de encontro, planejamento e acolhimento. Alguns projetos perduraram por anos (e talvez ainda existam), outros tiveram duração de alguns semestres. Mas todos, sem exceção, expressavam a diversidade de ideias e desejos que, no coletivo, eram acolhidos e transformados em realidade. Dentro do GEABio, eu me sentia acolhida, ouvida e respeitada. Sem dúvidas, essa vivência fortaleceu minha

autoestima e me deu uma enorme potência, que repercute até hoje nas minhas conquistas, tanto pessoais, quanto profissionais.

No meu período de GEABio, a articulação do grupo se dava p or meio de múltiplas ações. Desenvolvemos projetos de extensão com bolsistas e voluntários, como o ***"Quatro Elementos"****, o* ***projeto de agrofloresta no CCB*** *e o* ***projeto de horta no CAPS Álcool e Drogas do Pantanal****. Realizamos também* ***formações anuais no sítio do Instituto Çarakura****, com quem mantínhamos uma parceria sólida e afetuosa.*

Figura 23 - Foto de formação no Sítio do Instituto Çarakura em Ratones, Florianópolis, meados de 2014



Fonte: Arquivo pessoal de Raíza

Figura 24 - Foto de mutirão no Projeto de horta no CAPS Álcool e Drogas do Pantanal, em meados de 2014



Fonte: Arquivo pessoal de Raíza

Além disso, promovemos ações pontuais para dar visibilidade a pautas socioambientais como, por exemplo, o ***manifesto contra o fechamento da composteira do campus universitário****. Organizamos* ***grupos de estudo****, como a leitura coletiva de Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, e atividades de* ***cine-debate****, que chamávamos carinhosamente de Bialogando: tardes com exibição de documentários, rodas de conversa temática e café coletivo.*

Figura 25 - Foto de um dos encontros do Bialogando com temática alimentação e agroecologia, em meados de 2016



Fonte: Arquivo pessoal de Raíza

*Também montamos estandes na **Semana de Extensão da UFSC (SEPEX)** e em escolas, por meio do projeto **"Bio na Escola"**, com o objetivo de dialogar com a comunidade sobre temas socioambientais.*

Figura 26 - Foto de um estande na SEPEX, em meados de 2014.



Fonte: Arquivo pessoal de Raíza

Um dos momentos mais marcantes do nosso calendário era a ***colheita e despolpa anual do açaí da Mata Atlântica,*** *a Juçara (Euterpe edulis). O projeto tinha como propósito apresentar aos estudantes de Biologia o açaí nativo da Mata Atlântica, promovendo tanto a degustação quanto a quebra de dormência das sementes para, em seguida, realizar grandes plantios de Juçara em diferentes terrenos da Ilha de Florianópolis.*

Figura 27 - Dia da despolpa de açaí no Centro Acadêmico de Biologia (CAbio)



Fonte: Arquivo pessoal de Raíza

Outro projeto duradouro que marcou profundamente minha trajetória no GEABio foi o ***Conexão Sul****, no qual organizávamos cicloviagens até o* ***Encontro Regional dos Estudantes de Biologia (EREB)*** *da região* ***Sul****. Essas cicloviagens eram, ao mesmo tempo, deslocamento e manifesto: um posicionamento crítico contra a normalização do trânsito violento, da pressa, dos acidentes, da dependência do combustível fóssil e de uma lógica de mobilidade que fere nossa relação com o tempo, com o espaço e com o próprio ato de estar no caminho.*

Pedalar até os encontros era uma forma de reivindicar outra maneira de viver e transitar mais conectada com o percurso, com as interações, com os encontros e com os desafios que o trajeto nos oferece. Esse projeto me atravessou de forma profunda, especialmente após um acidente em 2013, quando fui atropelada enquanto andava de bicicleta e corri um real risco de morte.

Depois desse episódio, o Conexão Sul ganhou ainda mais sentido para mim. Pedalar passou a ser também uma afirmação de vida, resistência e liberdade. Compreendi de forma intensa a mensagem compartilhada por quem acredita na bicicleta como o meio de transporte mais inteligente do mundo: a endorfina de chegar aos lugares pedalando, sentindo o morro, a descida, a sede, a adrenalina e, sobretudo, a potência de estar em

movimento. Fiz três viagens com o grupo, Floripa para Morretes no Paraná (2014), Floripa para Antônio Prado no Rio Grande do Sul (2015) e Floripa para Imbituba em Santa Catarina (2016). Guardo as memórias mais bonitas dessas viagens regadas de dificuldades do percurso, mas de partilhas carinhosas.

Figura 28 - Viagem para o EREB- Sul Morretes no Paraná, 2014.



Fonte: Arquivo pessoal de Raíza

Foi a partir da escrita dos projetos de extensão do GEABio que conheci várias regiões do Brasil. Escrevíamos para eventos como o Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) e congressos da Educação.

Figura 29 - Apresentação no CBA em 2015.



Fonte: Arquivo pessoal de Raíza

A partilha nos congressos ia muito além da chance de conhecer uma nova cidade. Era um mergulho em territórios, onde os contextos socioambientais pulsavam com outras cores, outros ritmos e uma biodiversidade que, para nós, era descoberta viva. Esses encontros eram férteis: trocávamos experiências, fortalecíamos ideias, semeávamos possibilidades em outros coletivos e aprendíamos com histórias que nos atravessavam e transformavam.

Em 2015, o Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) nos levou a Belém do Pará. Naquele ano, conseguimos organizar e levar três relatos de experiência para partilhar com os congressistas. Eu era bolsista do projeto "Semear agroecologia: fortalecendo a produção limpa de alimentos nas comunidades", que se tornara um verdadeiro guarda-chuva do grupo, abrigando ações diversas. Na horta, recebíamos estudantes das escolas municipais com trajetos temáticos que contavam histórias de plantas: reconhecíamos espécies, apresentávamos a vermicompostagem, falávamos dos ciclos e do plantio como quem partilha um segredo antigo com novas gerações. Fizemos mutirões para tratar as águas cinzas do Centro Acadêmico de Biologia com a técnica da ***Bacia de Evapotranspiração****: nosso círculo de bananeiras que, além de purificar a água, enfeitava a paisagem com a Musa paradisiaca.*

O GEABio também realizava diversas edições de ***formações em técnicas de agroecologia****, espaços intensos de aprendizado coletivo e experimentação prática. Foi como caloura que participei da minha primeira formação, um mergulho inaugural nesse universo, e depois ajudei a estruturar uma edição de quatro dias, uma vivência imersiva em que a teoria e prática se entrelaçam.*

Figura 30 - Formação em agroecologia do GEABio, edição 2012.



Fonte: Arquivo pessoal de Raíza

Figura 31 - Formação em agroecologia do GEABio, edição 2015.



Fonte: Arquivo pessoal de Raíza

Levamos essas vivências, e também o evento de despolpa do Açaí Jussara para o CBA, onde tudo ganhou nova força. Era como ver a semente germinar novamente em outros

solos. A partilha não era apenas relato: era combustível para seguir criando, resistindo e cultivando.

A partir desse projeto, passamos a integrar a ***Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA)****, uma trama de vínculos e saberes que se encontrava a cada dois anos junto ao CBA. Ficamos hospedadas no acampamento da rede, na Universidade Federal Rural do Pará, onde o chão batido, conversas ao redor das panelas, os banhos coletivos e rodas de música se tornavam também espaço de formação e encantamento.*

Após a experiência em Belém, somamos forças na construção do ***Encontro Regional dos Grupos de Agroecologia do Sul (ERGA-Sul)****, ampliando os laços que nos uniam a outros coletivos e projetos espalhados pelo país. A REGA foi, e continua sendo, um elo de conexão e fortalecimento da agroecologia do país, costurando sonhos, práticas e resistências em escala nacional.*

Figura 32 - Apresentação do GEABio no ERGA-Sul- em Florianópolis 2017 no Rio Vermelho atual terra do Quilombo Vidal Martins



Fonte: Arquivo pessoal de Raíza

Escrever este relato sobre minhas memórias com o GEABio é como abrir janelas que iluminam a potência que esse grupo teve, e ainda tem, na minha formação pessoal e profissional. Hoje, enquanto finalizo o doutorado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Programa de Ensino, Filosofia e História da Ciência (PPEFCH), percebo com nitidez o quanto muitas das minhas indagações e confiança na capacidade de transformação floresceram no encontro com o coletivo.

Minha pesquisa entrelaça a questão indígena e a filosofia da biologia, campos que começaram a germinar na minha história quando ainda caminhava pelos espaços vivos que o GEABio ajudou a criar. Sou também professora, atualmente substituta na Faculdade de Educação da UFBA, lecionando os estágios supervisionados. A cada início de semestre, ao

olhar para uma nova turma, retorno mentalmente à minha própria trajetória na Biologia: lembro das relações e partilhas, da esperança que se constrói no comum e da importância de tecer, com outras mãos, um projeto de transformação social possível.

A confiança no coletivo e a crença em um tecido social forte para mudanças socioambientais radicais são sementes plantadas pelo GEABio. Sinto gratidão profunda por tudo que esse grupo me ensinou e desejo, na mesma medida, que tenha vida longa, multiplicando encontros, sonhos e potência de vida.

Figura 33 - Faixa do GEABio no acampamento



Fonte: Arquivo pessoal de Raíza

Me lembro que nas primeiras vezes que me aventurei nas reuniões semanais do GEABio, a Raíza, ou Rá como a gente a chamava, era uma das principais vozes que se somavam na construção do coletivo. Fico grato por ter tido a chance de conviver e aprender com ela, e triste por de certa forma ter sido uma convivência tão curta. Eu, na época como calouro, deslumbrado com as novidades da vida universitária, tentava me encontrar em meio a aulas paralisadas, debates de conjuntura política e rodas de conversa, conhecendo pessoas de vários lugares e com diversas ideias diferentes, aprendendo sobre o funcionando do curso, das instâncias, laboratórios, grupos e festas. Confesso que nas primeiras reuniões, ainda não entendia muito bem como as coisas funcionavam ali dentro. Assistia tudo com atenção, geralmente em silêncio e curioso para saber mais sobre o que aquelas pessoas tão interessantes construíam juntas. A proatividade e a inteligência das falas da Rá, junto de sua energia e bom humor cativantes foram certamente fatores que muito me motivaram a voltar nas próximas semanas, na busca de tentar entender mais do que era discutido, dos projetos que eram construídos e das ideias e ideais que ali existiam.

O coletivo naquele momento era formado por pessoas que já estavam ali há alguns anos construindo diversos projetos incríveis, como os citados anteriormente na narrativa da Raíza, e também alguns citados por Daniel. Era um contexto de diversas movimentações, com reuniões que se enchiam de gente ocupando todos os sofás e cadeiras da salinha conquistada com muita luta, vinham trazendo notícias dos mais variados tópicos, com os integrantes se organizando entre as funções de escrever a ata, repassar informes, passar um café pra galera, elencar pautas e organizar encaminhamentos. Tudo acontecia de forma tão orgânica, natural e agilizada, horizontal. Frutos de uma prática aprendida na repetição, de erros e acertos, numa autogestão baseada no acolhimento, na escuta e no respeito, na qual, assim como Raíza diz “a diversidade de ideias e desejos que, no coletivo, eram acolhidos e transformados em realidade”.

Da maneira que ali cheguei, ali fiquei. Após algumas semanas e já mais bem integrado nos assuntos debatidos, comecei a participar de forma mais ativa do coletivo. Engraçado pensar que alguns anos depois, seria eu uma das vozes mais velhas na sala, ajudando a puxar as reuniões e encaminhar práticas sobre novos projetos que surgiriam das minhas próprias mãos e das mãos de colegas que chegariam ao grupo nos próximos semestres. Os semestres que se seguiram foram

palco de várias novas descobertas pessoais. Um marco importante em minha formação como educador, que aconteceu pouco tempo depois da minha chegada, foi a participação no grupo de estudos sobre o livro Pedagogia do Oprimido, como mostra a primeira foto da narrativa da Rá (eu sou o jovem de cabeça raspada e camisa azul na parte de cima da foto). Foi um dos meus primeiros contatos com Paulo Freire, com seus trabalhos e seus ideais de uma educação libertadora, uma construção coletiva do conhecimento, pelo diálogo, pela escuta e pela compreensão de que ensinar não é depositar conteúdos em alguém, mas criar possibilidades para que sujeitos leiam criticamente o mundo em que vivem e possam agir sobre ele. Freire (2014, p.79) defende que uma educação libertadora, deve ser sustentada pelo diálogo e pela compreensão de que "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo".

As palavras da Raíza rememoram de forma belíssima ações e projetos que eram realizados no coletivo, e trazem também sentimentos e ideias que, para muitos, podem dizer ainda mais sobre o que é, o que significa e como o GEABio forma quem passa por sua construção. Quando ela fala "sobre apoio mútuo, sobre o poder dos vínculos afetivos no enfrentamento das mazelas socioambientais e sobre a urgência de construir, coletivamente, aquilo que Paulo Freire (1992) chamaria de inédito viável", essa frase concentra algo muito importante da experiência com o coletivo.

O inédito viável, em Freire, não diz respeito a uma utopia abstrata, distante das condições concretas da vida, nem a um sonho individual de superação. Como discutem Paro, Ventura e Silva (2020), trata-se de uma construção que emerge de um processo pedagógico, atravessado pelo estranhamento da realidade, pela percepção crítica das situações-limites[15] e pela possibilidade de criação de projetos coletivos capazes de orientar a ação. Os autores compreendem o inédito viável justamente no sentido de "projeto coletivo", articulado às ideias freireanas de práxis, esperança, utopia, sonho e futuridade.

Essa compreensão ajuda a olhar para a narrativa da Raíza e para as

[15] Para Freire, as "situações-limites" são condições históricas concretas que, em determinado contexto, aparecem aos sujeitos como obstáculos à transformação da realidade. No entanto, não se tratam de limites absolutos. Quando percebidas criticamente, podem ser enfrentadas por meio de "atos-limites", isto é, ações capazes de romper com aquilo que parecia dado ou impossível de modificar. É nesse horizonte que se articula o "inédito viável": uma possibilidade histórica ainda não realizada, mas construída pela práxis coletiva e esperançosa dos sujeitos. Ver Freire (1992, 2014) e Paro, Ventura e Silva (2020).

vivências do GEABio. O inédito viável não estava apenas no resultado final dos projetos, mas no processo de perceber que certas formas de viver a universidade, a cidade, a educação e a relação com a natureza não precisavam continuar sendo como eram. Ele aparecia quando um grupo de estudantes conquistava uma sala e transformava aquele espaço em sede, lugar de encontro, planejamento e acolhimento. Aparecia quando o projeto Quatro Elementos levava atividades para uma escola em São José e fazia do contraturno escolar um espaço de experimentação, ciência e afeto. Aparecia também nos mutirões da Horta Baudelaire, nas formações no Instituto Çarakura, nos cine-debates do Bialogando, nas leituras coletivas de *Pedagogia do Oprimido*, nas colheitas e despolpas do açaí juçara e nas tecnologias sociais que o grupo experimentava pelo campus. Eram ações pequenas diante da imensidão dos problemas socioambientais, mas não eram menores por isso. Juntas, elas ensaiavam práticas concretas de outro mundo possível, mais solidário, mais agroecológico e mais atento à vida.

O Conexão Sul talvez seja uma das expressões mais intensas desse inédito viável em movimento. Quando Raíza narra que as viagens de bike eram “ao mesmo tempo deslocamento e manifesto”, ela mostra como a travessia de Florianópolis até Morretes, Antônio Prado ou Imbituba não era apenas uma escolha logística. Era também uma forma de estranhar a naturalização da cidade feita para carros, da pressa como regra e da dependência dos combustíveis fósseis como se não houvesse alternativas. Pedalar, nessas condições, era afirmar que outra mobilidade é possível, que outros ritmos de vida são desejáveis e que o corpo também pode ser lugar de denúncia, resistência e criação.

Quando ela conta do atropelamento em 2013 e de como, depois disso, o Conexão Sul passou a ser ainda mais significativo, uma “afirmação de vida, resistência e liberdade”, fica evidente que não se tratava apenas de chegar ao EREB-Sul. Tratava-se também de reivindicar o direito de existir no caminho.

A bicicleta se tornou uma companheira constante em minha vida quando ingressei no curso de Ciências Biológicas. Quando me mudei de Goiânia para Florianópolis, trouxe comigo minha bicicleta com o intuito de ser meu transporte na cidade, me levar de casa para a universidade, para o mercado e até para a praia. Eu não sabia ainda que ela me levaria a tantos outros lugares, outras cidades e outras compreensões do mundo.

Vejo e penso o GEABio como um coletivo que sempre foi construído em duas rodas. Não à toa, em muitas de nossas reuniões, a porta da salinha se transformava praticamente em um bicicletário. A bike era o transporte padrão da galera da Bio. Nos movíamos do sul da ilha, do centro e até da parte continental para a UFSC diariamente, assumindo uma identidade de bicicleteiros[16] e usando a bicicleta não só como meio de transporte, mas também como símbolo de luta na disputa pelo espaço da cidade, em constante tensão com a centralidade dos carros. Era comum observar grupos de estudantes da Biologia se movendo de bicicleta pelo campus e arredores, com caixas de feira presas nas garupas, cheias de materiais e adesivos de lutas populares.

O Conexão Sul me cativou ainda mais para essa vivência a partir da bicicleta. Ler essa parte da narrativa da Rá me toca também pelo lugar de quem, alguns anos depois, pedalou com o grupo até Imbituba. Embora eu não estivesse na viagem para Antônio Prado no meu primeiro ano de graduação, reconheço, nas palavras dela, sensações que vivi no ano seguinte, na ida de Florianópolis até os Areais da Ribanceira. Éramos trinta e oito pessoas e dois cachorros atravessando a Baía Sul no barco de pescadores da Caieira, passando por dunas à beira-mar, vento e areia no rosto, acostamentos apertados, vilas que eu nunca havia ouvido falar, pessoas curiosas nas esquinas e paisagens que iam surgindo no ritmo do pedal.

Havia medo e empolgação no começo, alegria ao ver a fileira de bicicletas ocupando a pista, pausas para respirar e rir, corpo cansado e, ao mesmo tempo, desperto. Reconheço hoje ainda mais a potência de dormir cada noite em um acampamento novo, dividir comida, consertar bicicleta, cuidar das dores uns dos outros e compartilhar a vida por três dias nesse misto de fragilidade e força que só o caminho revela. O Conexão Sul, assim, torna-se também um território formativo: um espaço móvel em que corpo, política, afeto e Educação Ambiental se entrelaçam.

É ali, no esforço do pedal, na negociação com o grupo, no cuidado mútuo e na superação das situações-limites, que o inédito viável deixa de ser apenas um conceito e se faz experiência concreta. Não como uma solução pronta para os problemas da mobilidade urbana, mas como ensaio coletivo de outra forma de

[16] Uso aqui o termo bicicleteiro para me afastar da concepção mais comum de “ciclista”, muitas vezes associada ao estereótipo do atleta, com roupas coloridas, bicicletas caras, pouca bagagem e uso da bicicleta apenas como hobby ou esporte. A ideia de bicicleteiro que tento construir está mais próxima de uma identidade: alguém que utiliza a bicicleta como meio de transporte diário, mas também como símbolo de luta na disputa pelo espaço da cidade, em constante tensão com a centralidade dos carros, algo que era muito presente na história do GEABio e dos geabiontes.

ocupar a cidade. Uma forma que denuncia a violência do trânsito, questiona a pressa dos carros, recusa a dependência dos combustíveis fósseis e afirma a bicicleta como presença legítima no espaço público. Nesse sentido, o Conexão Sul não apenas transportava estudantes até um encontro. Ele ensinava, no próprio caminho, que a transformação começa quando aquilo que parecia impossível passa a ser experimentado coletivamente como possibilidade.

Figura 34 - Volta a ilha conexão sul 2015



Fonte: Facebook do GEABio

Outro aspecto que me chama atenção na narrativa da Raíza é como ela costura o GEABio com redes mais amplas: a REGA, o CBA, o ERGA-Sul, a articulação com outros grupos pelo Brasil. Ela descreve as viagens para o Congresso Brasileiro de Agroecologia, as apresentações de relatos, o acampamento de chão batido, os banhos coletivos e as rodas de música. Esses trechos mostram o GEABio como um nó em uma rede maior de resistência e criação. Ao levar suas experiências para outros territórios e trazer de volta ideias, tecnologias sociais e modos de organização, o grupo alimentava e era alimentado por uma teia mais ampla de agroecologia e educação ambiental.

Para mim, que cheguei em uma fase em que parte dessa história já estava construída, a narrativa da Rá funciona como um ponto de encontro. Ela me ajuda a entender por que, quando me aproximei do grupo, ele já carregava tanta densidade: aquela sala cheia, aquela horta viva, aquele jeito de fazer reunião, aqueles projetos

múltiplos não tinham surgido por acaso. Eram fruto de anos de trabalho de diversas estudantes como ela, que foram incorporando referências, ampliando vínculos e apostando em ações que pareciam pequenas, mas que, somadas, criavam outra forma de estar na universidade e no mundo.

Ao comentar sua narrativa, sinto que também faço um movimento de reconhecimento e de agradecimento. Reconheço na Raíza uma das pessoas que ajudaram a pavimentar o caminho sobre o qual eu e tantas outras pessoas pudemos caminhar. E agradeço por ela ter aceitado, agora, revisitar essas memórias, reorganizar suas experiências e partilhar, comigo e com quem lê, essa espécie de arqueologia de si e do grupo. Seu texto é um lembrete vivo de que o GEABio continua germinando, tanto nas trajetórias individuais — como a dela, hoje doutoranda e professora — quanto na memória coletiva que continuamos a construir, um encontro de cada vez.

3.5 **Narrativa de Rinaldo**

“Cheguei a um universo totalmente novo. Pela primeira vez morando sozinho em uma cidade grande, fui estudar Ciências Biológicas. O ano era 2011, eu tinha 20 anos e estava deslumbrado com o novo conhecimento que era apresentado diariamente durante as aulas. Eu estudava no curso noturno, para licenciatura.

Achava tudo muito provocativo e interessante. Não conhecia quase nada do que estava sendo passado, e isso era transformador. Não sabia muito bem o que queria, apenas me permitia seguir o proposto na grade curricular. O tempo foi passando e fui conhecendo mais pessoas que também faziam o curso, através das aulas, das "horas felizes" (nossas festas semanais) e de outros espaços, conheci meus veteranos, que eram outros jovens assim como eu, porém, já estavam há mais tempo na universidade e tinham uma postura mais ativa no que diz respeito às suas buscas e concepções de formação universitária, principalmente sobre seu caráter público e o dever para com a sociedade.

Essas pessoas falavam sobre organização estudantil, busca por uma formação emancipatória e contextualizada com a necessidade da sociedade. Todos esses assuntos me pareciam muito ousados e empoderados. Eu ficava pensando: "Como elas sabem dessas coisas? Como têm coragem de propor o que querem estudar e de contrapor o que a faculdade

nos oferece?". Achava isso muito distante da minha personalidade ou capacidade intelectual e, de canto, ficava admirando essas pessoas.

Um dia, fui convidado a participar de uma oficina, um tal de mutirão, para estabelecer uma agrofloresta seguindo os preceitos da Agroecologia. Nunca tinha ouvido falar em nenhum desses nomes, mas como sempre gostei de plantas e entendi que teria alguma coisa a ver, eu fui. Chegando lá, estavam várias pessoas curiosas para participar e três anfitriões que conduziam a atividade: Ana, Xitão e Mentira.

Eles me explicaram que, juntos, faziam parte do Grupo de Estudos Agroecológicos dos Estudantes de Biologia (GEABIO), um grupo formado exclusivamente por alunos que gostariam de aprender mais sobre agroecologia. Esse conceito tinha sido descoberto em um evento rural que um deles tinha ido conhecer por conta própria. Lá, eles ganharam sementes e mudas, bem como um caminho a seguir. Como na universidade não tinha nenhuma discussão sobre o assunto, e eles achavam que precisavam discutir e se aprofundar nos estudos e práticas da agroecologia, decidiram formar esse grupo. Como nenhum professor se interessou, eles mesmos organizaram tudo. Depois, com algum apoio, conseguiram autorização para ocupar um cantinho do Centro de Ciências Biológicas e ali cultivar seus experimentos, conhecido como Agrofloresta do GEABIO e, depois, batizado como Espaço Baudelaire, em homenagem a um estudante angolano que frequentava os mutirões e que, por questões de saúde, veio a falecer. Esse era um espaço que recebia pessoas de todo o campus e de fora dele. Lá, aprendi tudo que sei sobre agroecologia, cultivávamos plantas, saberes e amizades.

Nesse lugar, tive a coragem e a vontade para começar a direcionar minha formação, buscando desenvolver novos conhecimentos de forma ativa, propondo espaços e projetos, discutindo métodos e resultados, sempre de forma coletiva, horizontal e acolhedora.

Me formei em 2019, e durante todo esse tempo fiz parte do GEABIO. A partir dele, pude praticar a tal da prática docente que o currículo tanto falava, mas que na prática pouco me oferecia. Pude dar oficinas, palestras, aulas, minicursos, e rodas de conversa, tanto para alunos, como professores e sociedade civil. Nas atividades do GEABIO, pensadas, organizadas e aplicadas por estudantes, preenchi inúmeras lacunas na minha formação, tanto em agroecologia, que é o alicerce das nossas reflexões, mas também como agente ativo da construção de uma universidade transformadora, que identifica e busca solucionar problemas, olhando para o passado, e se permitindo conhecer o novo.

O GEABIO me mostrou que sim, podemos buscar conhecimentos por conta própria, que eles existem em diferentes formas e com diferentes propósitos, e que temos que estar

atentos e ser críticos sobre o que receber e o que fazer com esses conhecimentos. O biólogo não é só aquele especialista em generalidades, que sabe um pouquinho de muitas coisas e vários nomes estranhos. O biólogo é um agente transformador da sociedade, que conhece a natureza do vivo e do não vivo, os processos de abundância e de escassez, e que consegue enxergar o mundo para além da visão antropocêntrica.

Esse lugar nos dá poder, e assim, temos que ter responsabilidade e altruísmo no agir. O GEABIO me mostrou isso de forma amorosa, coletiva, autogerida, ousada e paciente, pois assim como as estações do ano, os processos de transformações precisam de tempo e condições para acontecer. Respeitando e trabalhando junto a elas, é possível viver com prosperidade e igualdade, manejando, consumindo e multiplicando a biodiversidade, provocando e organizando a coletividade, enraizando e eternizando a compaixão pelo bem viver.

É impossível descrever tudo que o GEABIO representou e acrescentou na minha formação e na minha vida, pois isso é imensurável. Mas, para além do intangível, o coletivo deixou muitos legados, desde plantas que seguem vivas até hoje, personalidades que continuam atuando e educando, e também materiais didáticos, informativos e visuais que estão espalhados por aí, mas muitos deles podem ser encontrados aqui:

https://drive.google.com/drive/folders/0B3sv1EBxZX2-VXpQYjhVU0dTWkU?resourcekey=0-9HVGFI1fFJJHuFVg8cr5fg&usp=sharing

AHahHAbraços Geabiontes !”

O prazer de cultivar plantas, saberes e amizades. Do muito que li, vivi e experimentei imerso na agroecologia, o pouco que hoje sei carrega, em grande medida, a influência e a presença de Rinaldo. O seu relato sobre o ingressar na graduação carrega semelhanças com minha própria trajetória inicial na biologia. Além dessas semelhanças iniciais, que vieram em sua narrativa como uma novidade para mim, ao longo do tempo fomos descobrindo que também compartilhamos outros posicionamentos, atitudes e ideais diante da vida e do mundo. Não por acaso, nos tornamos grandes amigos, mantendo essa proximidade até os dias de hoje.

Quando entrei na Biologia, em 2015, Rinaldo era uma das pessoas que, assim como a Raíza, ocupava a salinha do GEABio e circulava por ali entre reuniões, projetos e mutirões. Sempre foi muito comum encontrá-lo descalço, com algum objeto aleatório debaixo do braço e um plano em mente — ora envolvendo temas artísticos, ora “gambiarrísticos”, muitas vezes, as duas coisas. Até porque toda gambiarra pode ser uma forma de arte. Entre histórias, piadas, risadas e provocações, ele parecia transformar qualquer espaço em lugar de encontro, descontração e invenção. Às vezes irritava alguns, sempre fazia rir a todos, dono de um grande coração e de uma personalidade única. Receber sua narrativa foi, para mim, motivo de alegria, não apenas pela possibilidade de dialogar com suas ideias, mas pela oportunidade de inserir sua trajetória e presença nesta história.

Assim como eu, e acredito que várias outras pessoas, Rinaldo também chegou ao grupo como um observador curioso, julgando-se distante da realidade ali existente, preferindo ficar de “canto, admirando essas pessoas”, para depois descobrir novos olhares e possibilidades de se colocar e construir junto ao grupo. Ao olhar para uma formação pessoal e profissional a partir da participação no GEABio, acho bonito pensar o coletivo como território formativo de emancipação: um espaço que torna possível a passagem do calouro observador e curioso ao sujeito ativo na construção coletiva, atento às responsabilidades compartilhadas, capaz de somar forças ao grupo e criar novas perspectivas sobre si, sobre agroecologia, sobre projetos e sobre as educações ambientais possíveis no contexto sócio-histórico em que se está inserido. Um processo de errar, acertar, aprender, permitir-se ser, conhecer-se e formar-se na prática. Raíza exemplifica muito bem esse sentimento em sua narrativa, ao colocar o GEABio como um espaço que lhe permitiu se expressar livremente e ser acolhida, ouvida e respeitada. Permitiu autorizar-se como sujeito ativo da própria formação, da emancipação de si mesma. Algo que, mais

tarde, permitiu a ela, a mim, ao Rinaldo e a outras pessoas geabiontes nos colocarmos no mundo com mais autoestima e confiança, possibilitando conquistas pessoais e profissionais.

Esse início de um processo de emancipação de si mesmo parte também do que Rinaldo comenta sobre o GEABio ser um espaço que preenche diversas lacunas na formação, oferecendo para muitos de nós uma primeira oportunidade de lecionar, formal ou informalmente. A tal da prática docente, que, assim como ele aponta, aparece de forma tão presente no currículo, muitas vezes pouco se concretiza no cotidiano dos graduandos e graduandas do curso. A vivência no GEABio, nesse sentido, se configura como um laboratório vivo de ensino e aprendizagem, um espaço onde errar, experimentar, planejar e conduzir atividades educativas integra o processo formativo do grupo. Foi nesse contexto que várias primeiras experiências de docência ganharam corpo. Raíza e Daniel puderam desenvolver, nos projetos em que atuaram ao longo de suas trajetórias no coletivo, suas primeiras experiências como professores e educadores, nos projetos Biodiversidade e Quatro Elementos. Experiências marcadas pelo fazer, pela escuta e pela responsabilidade pedagógica compartilhada, em um ambiente que possibilitava aprender ensinando e ensinar aprendendo.

Paralelamente a esses projetos, a Horta Baudelaire se consolidou como um espaço potente de encontro entre o coletivo, a universidade e a comunidade, articulando educação ambiental, agroecologia e extensão universitária em diversos projetos, encontros e atividades ao longo dos anos. A horta veio a se tornar território de formação profissional, humana e política; uma agrofloresta como pedagogia viva, onde ensinar e aprender se misturavam constantemente, e onde compartilhar experiências, saberes e cuidados com a terra também formava educadoras e educadores. Para muitos que passaram pelo GEABio, essas vivências foram marcantes e decisivas na construção de suas identidades docentes, deixando marcas profundas que continuam reverberando em suas práticas profissionais até hoje.

Figura 35 - Bio na Aldeia! Tekoa Itaty (Terra Indígena do Morro dos Cavalos) Outubro de 2016



Fonte: Facebook do GEABio

3.6 **Narrativa de Anselmo**

“Querido amigo, Bruno.

Escrevo para você em uma manhã de sábado, fresca e ensolarada, com algum atraso. Na verdade, quando seu convite chegou, não me atentei para a data limite e posterguei o exercício de revisitar os meus arquivos de 2018 (período em que estive mais intensamente ligado ao GEABio). Quando, enfim, o fiz, fui tomado por emoções fortes, em uma mistura de nostalgia e mistério, alegria e beleza. Deixei esses sentimentos circularem em mim, no meu corpo, durante esta semana, pensando na melhor forma de redigir esta carta. Decidi que gostaria de escrevê-la diretamente aqui, na paisagem do gmail, e arriscando alguma brevidade, inspirado no que encontrei em meus arquivos.
Na última terça-feira, após voltar do Rio de Janeiro, onde pratico meu doutorado em educação - como você sabe -, mergulhei nos e-mails que redigia insistentemente para o grupo, quando atuava nele como bolsista; percebi que os textos estavam sempre povoados de detalhes, de um cuidado com narrar o vivido, de espalhar um pouco com os colegas (e você era um deles!) o universo sensível que experimentava com a nossa querida horta, e com os encontros que tramávamos na nossa salinha desterrada no meio da UFSC. Envio para você os e-mails que encontrei, em ordem cronológica, pois penso que eles registraram, sem ter essa pretensão, uma parcela bastante significativa das minhas experiências com o grupo. Nestes e-mails, as plantas são as principais protagonistas. Cafés, ananás, chás, ervas, gramíneas, boldos povoam as histórias que vivi com o GEABio. Afinal, como bolsista, uma de minhas tarefas principais foi a de ajudar na gestão coletiva e participativa da horta Baudellaire Pierre-Charles. Pelo menos uma vez por semana, durante os dois semestres de 2018 e o início do ano de 2019, estive lá fazendo uma espécie de "plantão para o mutirão". Encontrei aqui, e te envio também anexada a esta carta, a divulgação que fiz para anunciar esse plantão: um cartaz que tem ao fundo uma foto da horta, tomada ao rés do chão, e sobre ela uma colagem anunciando a proposta, além de uns versinhos de Manoel de Barros. Aliás, quanta poesia encontrei nesses arquivos! Notei com algum espanto que, muito nutrido pela relação com os colegas do GEABio e dos demais espaços em que participava neste que foi meu último ano de graduação, proliferavam nos dias um desejo vivo pela boniteza, pelo carinho, pelos gestos de atenção e de cuidado, pela magia e pela poesia de fazer juntos. Digo "com espanto" porque sinto que algo desses hábitos alegres, dessa esperança, dessa leveza suave, parece ter se tornado mais custosa; talvez porque a experiência formativa que vivemos na UFSC seja mesmo singular e, portanto, irrepetível; talvez porque o mundo tenha mesmo se embrutecido, para além de nossa vontade, como pareço antever em um dos últimos e-mails que escrevi ao grupo, registrando a sensação de sufocamento diante da violência que foi a eleição do ex-presidente.

Plantas e poesia; só com essas duas forças vivas consigo refletir sobre o sentido dos encontros que vivi no GEABio. Encontros entre humanos, entre nós, entre os colegas do grupo e os visitantes que, sempre inesperadamente, apareciam na horta. Estudantes do curso de biologia, funcionários terceirizados da UFSC, moradores em situação de rua, técnicos administrativos em educação, que vinham buscar folhas para fazer um chá, um espaço de descanso e repouso entre as ervas, por pura curiosidade, por interesse nesse lugar estranho que, comprimido entre prédios antigos, deixava crescer uma pequena floresta (já, ela mesma, à época, algo antiga). Seu caráter de ocupação, penso agora, de canteiros insistentes entre o córrego, a estufa e as salas de aula, sua rebeldia verde, espalhando-se sem compromisso com a ordem dos demais canteiros da UFSC, esse caráter de ocupação vibrava em nós, em nosso curso e em quem a conhecesse. Encontros também que vivi com outros que humanos, sobretudo essa vastidão de seres vegetais, cujas manias fui aprendendo a conhecer, a melhor forma de plantar batatas-doces, a distância boa entre um pé de milho e outro, a ligeireza das ramas do boldo em rebrotar, a certeza de que todo abandono abriria caminhos para um florescimento intenso, robusto e desordenado. O tempo de plantar, colher, torrar, moer e passar o próprio café, em gambiarras improvisadas pelos amigos cabeludos que andam, sempre que podem, com os pés descalços. Essa temporalidade da horta, que o GEABio me ofereceu, e que pude revisitar graças ao seu convite, e graças a ele percebo, foram muito importantes em meu percurso formativo, na vida que venho tramando desde então. Aliás, fico a sentir um gosto de saudade, querendo encontrar novamente espaços como esse para habitar e praticar os encontros.

A horta foi, para mim, o coração da experiência com o GEABio. Dela fluíam os impulsos para pensar e praticar a educação ambiental e a agroecologia. Para ela, voltavam os efeitos dessas experimentações. Ali, realizamos oficinas na ESPÍCULA para compor parangolés; experimentamos transformar um cupinzeiro abandonado em forno de barro; e foi também ali que encerramos o ciclo de formação em educação ambiental que realizamos no segundo semestre de 2018. Quero falar um pouco mais sobre esse curso, sobre o qual envio também alguns materiais anexados (plano do curso, carta-convite aos participantes). Em 2018, me aproximei do GEABio após a descontinuação de minha experiência no PIBID e no momento em que realizava minha pesquisa de conclusão de curso, junto ao coletivo Tecendo: arte, cultura, educação e meus estágios obrigatórios. Estava radicalmente ocupado de novas leituras, de novos estudos, fervilhando ideias e um desejo imenso de conversar sobre. Na época, meus estudos rondavam sobretudo textos que me ajudavam a tensionar e rasurar as educações ambientais, pelo encontro com os estudos culturais, as filosofias da diferença e outros campos teóricos difusos interessados nas artes, na antropologia, na estética e na educação. Logo no meu primeiro semestre como bolsista no GEABio propus a criação de um ciclo de oficinas compositivas, e vocês toparam. Durante meses elaborei essa proposta, selecionando artefatos literários e audiovisuais, armando parcerias com a FLORAM e o SESC na tentativa de fazer um curso itinerante pela cidade, estruturei ementas e

planejamentos para cada oficina. Coletivamente, escolhemos destinatários para nossos convites, buscando ampliar a participação no curso para outros grupos interessados nos temas espalhados pela UFSC (o grupo NEAmb, do CTC, os projetos de educação ambiental dos Colégio de Aplicação e NDI, o BROTAR do PET). Hoje observo esse movimento como um gesto bastante corajoso, não só de minha parte, mas de todos nós que decidimos embarcar nesse percurso, criando um tempo e um espaço de liberdade para estudar - além de todas as demandas acadêmicas e da vida que já nos exigiam bastante. Um dos encontros, o mais audacioso não aconteceu: a ideia era acamparmos em algum canto de mata da cidade, contando histórias fantásticas e refletindo sobre as extinções para além dos viventes; a ideia inicial seria, a partir dessa discussão, compor pequenos audiovisuais que registrassem existências ameaçadas (tecnologias obsoletas, hábitos que tomaram chá de sumiço, boitatás, bruxas e lobisomens). Os outros, sim, foram colocados em prática. O primeiro, em que nos reunimos no Parque do Córrego Grande, para perfurar imagens e discursos catastrofistas, através de colagens com figuras, textos impressos e materialidades efêmeras (terra, papelão, folhas, peças de um relógio, café, remédios). No segundo, a partir de um curta do diretor Gabriel Mascaro (que prontamente respondeu ao meu e-mail autorizando o uso do filme para a oficina), ocupamos o centro da cidade para pensar as sonoridades das diferenças. Partimos do SESC da Prainha, onde falamos sobre os sons da cidade, dos movimentos da vida, do silêncio, dos silenciamentos, em um exercício de caminhada na cidade, coletando sons com nossos celulares (não lembro exatamente do convite que fiz, mas acredito que a ideia era de que cada participante coletasse "um silêncio", "uma diferença" e "uma vida em movimento). Na calçada de um prédio público paramos, ao final, para ouvir o resultado. No encontro final, já com um grupo reduzido de participantes, voltamos à horta para fazer dela uma oficina de escrita. Entre os canteiros, enterrei palavras impressas no papel; na estufa, a brincadeira era construir um dicionário para a horta; cartazes com poesias foram presos nas árvores; com livros de literatura, nos tornamos pequenos copistas, copiando e reinventando trechos literários entre os canteiros. Gosto muito de rememorar esses momentos, pois eles estão vivos em mim; repletos de humor, riso e brincadeiras com a educação ambiental. Mais do que isso, penso que esse ciclo de oficinas funcionou para mim como um brotamento, o exercício de querer nascer para o imenso.

Bruno, querido. Vou ficar devendo parcelas importantes da memória. Não falei do açaí, de quando fomos coletá-lo da Lagoa e o pneu do carro furou porque caímos na vala. Não falei de quando fui ao Çarakura, ainda calouro, com apenas 17 anos, e me apaixonei por um pedaço grande da cidade que não conhecia - e que fui conhecer graças ao GEABio. Da noite que dormi no GEABio esperando a hora de ir buscar um ingresso para o show do Milton Nascimento. Não falei de tantas coisas. Elas ficaram guardadas nas entrelinhas, no silêncio que essa carta guarda, com respeito e admiração pelo que o GEABio simboliza no curso de Biologia da UFSC. Acredito que sua pesquisa encontrará registros belos, variados, alegres,

tão coloridos e saborosos como uma pitanga madura. Obrigado por me convidar a revisitar os cheiros e texturas desses arquivos. Eles seguem vibrando comigo.

Há braços,
e uma vasta vida espraiando
suas raízes úmidas e curiosas
por todos os lados."

O GEABio, ao longo de seus anos de existência e de suas múltiplas formações, foi se moldando conforme a personalidade e as ideias de quem o construía. Em alguns momentos assumia um caráter mais objetivo, prático e direto ao ponto, com vários projetos acontecendo simultaneamente e muitas mãos envolvidas; em outros, tornava-se mais reflexivo, mais teórico, reunindo um grupo menor, porém profundamente implicado nas discussões. Por diversas vezes buscávamos resgatar ideais que haviam guiado o coletivo em formações passadas; em outras, se sentia a necessidade de criar novas identidades e seguir adiante. O coletivo nunca foi estático. Foi sempre processo.

Essa mutabilidade diz muito sobre o modo como o GEABio se constitui: não como estrutura fixa, mas como organismo vivo, atravessado pelas subjetividades que o habitam. Nesse movimento, 2018 marca uma inflexão importante em minha própria trajetória no grupo, especialmente com a participação de Anselmo como bolsista. Sua presença trouxe ao grupo uma tonalidade distinta: mais poesia, mais pausa, mais escuta. Trouxe reflexão, diálogos outros e trouxe também um modo particular de estar que nos convidava a desacelerar para perceber outros olhares possíveis.

Figura 36 - X Formação do GEABio em 2018 “Buscando paisagens sonoras no centro da cidade”.



Fonte: Facebook de GEABio

Aliás, quando se pensa na pessoa de Anselmo, uma das principais forças que vem à mente é a beleza presente em seu existir, no modo como enxerga o mundo e interage com suas peculiaridades. Anselmo é poesia ambulante, é abraço e cheirinho de café recém passado por onde passa. Digo isso na certeza de que compartilho esses sentimentos com outros colegas que também foram agraciados com sua amizade. E essa poesia não era apenas traço de personalidade, era também prática pedagógica. Havia, em sua forma de conduzir diálogos e propor reflexões, uma pedagogia da delicadeza, uma política do afeto que deslocava certezas e ampliava modos de compreender a Educação Ambiental.

O curso de 2018 foi, para mim, um divisor de águas nos meus interesses em Educação Ambiental. Os estudos voltados às EAs deixaram de ser apenas um campo teórico e se tornaram curiosidade e conexão pessoal com outras perspectivas pós-críticas e com estudos culturais. Pude perceber como esses referenciais atravessavam minhas próprias experiências. Josso (2004) aponta, nesse sentido, para como a formação se dá a partir da experiência que nos transforma e reorganiza nossa maneira de estar no mundo. Foi isso que começou a

acontecer ali: a teoria deixou de ser algo externo e passou a ser lente para reler minha própria trajetória e meus próximos passos.

A narrativa de Anselmo, ao descrever seus vínculos com a horta e com os sujeitos que a habitavam, explicita algo que Sampaio (2005) também destaca em seu trabalho, que a formação acontece no entrelaçamento entre experiência, narrativa e construção de si. Ao narrar, não apenas recordamos; produzimos sentidos sobre o vivido. E, ao produzir sentidos, nos refazemos, individualmente e também coletivamente, quando esses sentidos são produzidos por várias mãos. A horta Baudelaire, nesse contexto, não era apenas cenário de práticas extensionistas, mas território de subjetivação (Sampaio, 2005).

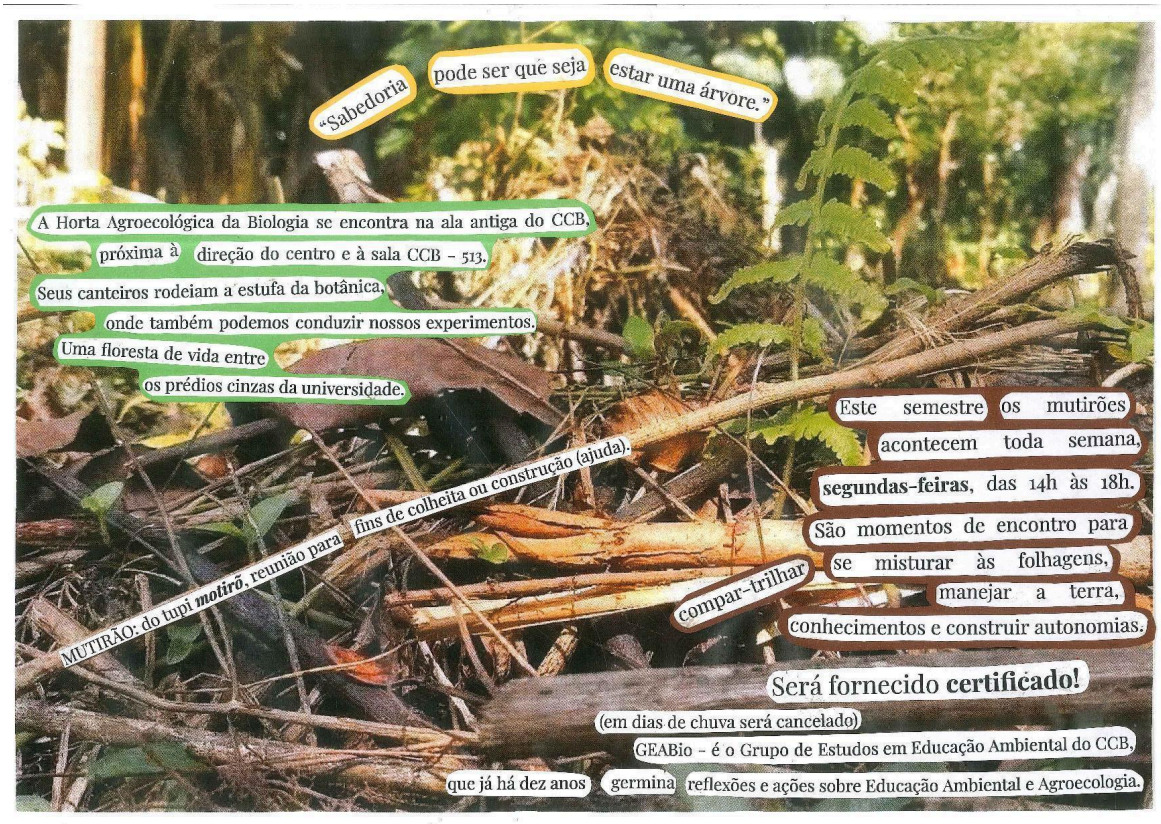
Durante aquele período, em torno de um ano de bolsa, todas as vezes que existia em mim a vontade de ir até a horta Baudelaire, para uma visita, um respiro, um momento de conexão ou uma atividade de mutirão, a ida à horta era também uma visita ao Anselmo. Em meus olhares, firmou-se uma noção de pertencimento e interconexão entre um espaço, um território e um ser vivo, um geabionte. Era como se a presença dele estivesse entranhada no solo, nas plantas, nas estruturas e nas atividades construídas coletivamente. A experiência da horta ensinava que os lugares são feitos de gente, e que as pessoas também podem se tornar território de formação.

Essa percepção dialoga com Krenak (2019) quando nos convida a “colocar o corpo na Terra” e a reconhecer que somos parte dela, que precisamos gerar afetos e criar laços de parentesco com as montanhas, rios e florestas, antes de tentar padronizar o mundo. Ali, éramos convocados a vivenciar afetos, a criar laços de parentesco com a terra, com as plantas, com os ciclos. A horta nos ensinava o tempo da germinação, da espera, do abandono fértil — um tempo muitas vezes esquecido no contraste com a cobrança pungente de um ideal acadêmico produtivista que nos tapa os olhos para as pequenezas do caminho. Ali aprendíamos que nem tudo se mede por produtividade; algumas formações acontecem no silêncio, na repetição do cuidado, na paciência de acompanhar o crescimento de algo que não responde a prazos institucionais.

Talvez seja justamente nessa tensão — entre o tempo da terra e o tempo da universidade — que se localize uma das maiores contribuições formativas do GEABio. A presença de Anselmo naquele período, sua sensibilidade poética e sua capacidade de articular teoria e experiência, ajudaram a consolidar um modo de

fazer Educação Ambiental que não separa crítica e sensibilidade, política e afeto, protesto e cuidado. Um modo de formação que se dá na experiência vivida, narrada e compartilhada — e que, por isso mesmo, nos transforma de maneira profunda e duradoura.

Figura 37 - Imagem do cartaz de divulgação de um mutirão



3.7 **Narrativa de Vanessa**

“Ouvi falar pela primeira vez do GEABio no meu terceiro ano de graduação, enquanto auxiliava a cavar uma fossa na ACORDI em Imbituba. Por ter começado a graduação durante a pandemia tive pouco se não quase nenhum contato com as instâncias estudantis da biologia no início do curso.

Foi em Imbituba, no meio de um mutirão para a construção do Encontro Nacional de Estudantes de Biologia (ENEB), que enquanto dividia a tarefa de cavar a fossa que receberia a água dos chuveiros improvisados do evento, ouvi uma pessoa que fazia parte do GEABio fazer uma crítica à falta de contextualização e prática no currículo do nosso curso, ressaltando a importância de estarmos ali naquele momento.

Me interessei imediatamente pelo grupo e pelas coisas que se propunha a discutir. Até aquele momento, a universidade pra mim cabia dentro de uma caixinha pré montada, eu ia para aula, estudava, fazia provas (esquecia de tudo imediatamente depois) e no meio disso ia atrás de oportunidade de iniciação científica e extensão, para preencher minhas horas. Minha aproximação com as pessoas do GEABio mudou isso completamente.

Estava a recém conhecendo o CABio, a autogestão e as pessoas maravilhosas que estavam construindo esses espaços, e a cada troca e cada mutirão, ficava mais maravilhada com o quanto as pessoas sabiam sobre agroecologia, política e educação e como todo aquele conteúdo teórico que me passavam em sala de aula se transformava quando observado de forma contextualizada e crítica.

Participei do meu primeiro mutirão do GEABio em fevereiro de 2024, no qual ajudei a colher as primeiras batatas plantadas pelo grupo no início de 2023 na horta nova na lateral do prédio novo. Entendi, naquele momento, que o grupo estava buscando se reestruturar após a pandemia e me animei para participar desse processo. Aos poucos fui me situando dentro do grupo e como uma pessoa curiosa, quando tive acesso ao drive fui logo atrás de saber mais sobre a história e as atividades do grupo ao longo dos anos.

Descobri sobre os diferentes projetos que foram tocados, as atividades, as discussões e também os desafios que o grupo enfrentou em diferentes momentos. Lendo atas antigas,

vendo fotos e projetos passados nos inspiramos para dar seguimento ao legado de nossos antigos geabiontes. Ficamos impressionados de como as ideias, os projetos e até mesmo as dificuldades se repetiam atualmente, mesmo com um grupo completamente diferente de pessoas compondo o espaço.

Acho bonito, o fato de um grupo criado e tocado por estudantes, sem processo seletivo e muitas vezes sem auxílio da universidade consegue atrair um grupo de pessoas com inquietações e paixões tão semelhantes e acredito que os princípios da autogestão têm um grande papel nisso. O GEABio é um espaço onde não só nos formamos academicamente, como também desenvolvemos autonomia, pensamento crítico e dividimos anseios e sonhos para atuar ativamente na transformação das questões que nos inquietam, seja no curso, no campus ou na cidade.

Atualmente, voltamos a ter um projeto de extensão com bolsa no GEABio, voltado para a recuperação da área lateral do CCB, localizada ao lado de um pequeno córrego. Esse projeto integra práticas de regeneração ecológica, agroecologia e busca proporcionar um envolvimento e cuidado da comunidade acadêmica com os espaços vivos que nos cercam. Também iniciamos uma composteira no modelo de caixa d'água, que hoje recebe os resíduos orgânicos de todas as instâncias estudantis do centro e tem um espaço garantido nas aulas de introdução à ecologia para introduzir o GEABio aos caloures.

Realizamos mutirões semanais, reuniões e momentos de formação que fortalecem tanto nossa atuação nos projetos quanto nossa formação pessoal e coletiva. Organizamos também reuniões de planejamento, carinhosamente chamadas de "GEASanha", não só porque a primeira edição foi acompanhada de lasanhas, mas porque entendemos que a organização do grupo se dá de forma coletiva e em camadas, como uma lasanha: possui vários elementos sobrepostos, conectadas e fortalecidas uns pelos outros.

As oportunidades que o GEABio oferece são imensuráveis para qualquer pessoa que se proponha a construir um espaço coletivo e horizontal. Sair da lógica institucional que nos cerca e viver na prática uma forma de organização, em muitos sentidos transgressora, leva a uma visão de mundo completamente diferente, pautada no afeto, na corresponsabilidade, na autonomia e na esperança.

Participar do GEABio me fez perceber que a universidade é muito mais do que um lugar de transmissão do conhecimento. É um lugar onde o conhecimento pode e deve ser construído de forma coletiva e está presente nos mais variados lugares: em hortas com as mãos cheias de terra, assembleias, rodas de conversa, manifestações, mutirões, rolês de bike e muito mais…

A narrativa da Vanessa vem neste final de capítulo como o último relato da sequência de narrativas sobre as experiências com o coletivo e das discussões sobre o papel dessas experiências na formação profissional e pessoal das educadoras e educadores que fizeram parte de sua história. Eu me afastei do grupo entre 2019 e 2020, diante da necessidade de focar mais na construção do meu TCC, e posteriormente pelo início da pandemia do COVID, que a partir de 2020 mudou toda a percepção do que entendíamos sobre a vida em sociedade. Neste contexto pandêmico, para além das problemáticas envolvendo milhares de mortes, famílias destruídas e a angústia contínua de se viver diariamente com medo; o isolamento social e a imposição de uma educação remota emergencial atravessaram não apenas o coletivo, mas a própria universidade como um todo, suspendendo encontros, interrompendo rituais, esvaziando corredores e salinhas que antes pulsavam vida. O GEABio não fugiu à regra do intenso esvaziamento dos espaços da universidade e do distanciamento das estudantes e dos movimentos construídos por elas.

Por vários meses entre 2021 e 2022, raramente ouvi ou vi movimentações do coletivo nas redes sociais ou quaisquer outros sinais de atividades puxadas pelo grupo. Até que em meados de 2022 comecei novamente a ver convites e mensagens, posts no perfil do coletivo nas redes sociais com chamados para reuniões, manejos da nova horta no prédio novo da biologia, mutirões de limpeza, a iniciativa incrível da criação de uma composteira como atividade oficial dentro de uma disciplina do curso, além de debates sobre contextos políticos atuais,

chamados para protestos de rua, até cursos de ecologia política, oficina de germinação de sementes, entre várias outras atividades. Foi muito gostosa a sensação de ver que o grupo se mantinha vivo e estava super ativo novamente, se reerguendo após a pandemia e mantendo viva em muitas pessoas a sensação de continuidade naquele sentimento antigo de ser e sentir-se como um *uno*, mesmo sentimento que Nayara havia sentido em 2011 quando idealizou o coletivo, com alguns colegas que buscavam algo a mais do que o currículo oferecia. Assim como Nayara se sentiu feliz por ver o grupo ativo e renovado após seu retorno de viagem, creio que todos os geabiontes se sentiram felizes ao ver que após mais de 15 anos de história, o coletivo segue vivo, apesar de todos os pesares de uma pandemia. Alegres de ver que o GEABio segue tocando e transformando pessoas a partir das experiências de sua construção. O que antes era uma busca por algo além do que o currículo oferecia, me pergunto se hoje podemos dizer que o coletivo se tornou quase que uma parte integrante do currículo do curso.

Vanessa faz parte de uma nova geração que, de forma muito bonita, mantém vivo o legado do grupo, com novas perspectivas e objetivos, mas com a mesma essência criativa, questionadora e insubordinada, crítica e revoltosa, e ainda atravessada de afeto e cuidado. Ela fala sobre o resgate de atas antigas que trazem o reconhecimento de uma história, com dilemas do passado que se repetem no presente, buscando nas memórias coletivas a inspiração para abrir novos trajetos e dar continuidade ao grupo. Esses documentos não são somente relatos de reuniões ou decisões burocráticas, mas carregam em si um pouco da identidade do coletivo na época, as experiências e os sonhos que mobilizavam aquela geração e que, diante de desafios que permanecem atuais, continuam atravessando o agora. O reconhecimento de dilemas recorrentes — a dificuldade de mobilização, os desafios da autogestão, as tensões entre teoria e prática — se colocam ao grupo como possibilidade de aprendizagem. A memória deixa de ser arquivo morto e torna-se território simbólico onde se exploram sentidos múltiplos de uma existencialidade singular-plural[17], como propõe Josso (2004): singular no sentido de que cada

[17] Melhor discutido no capítulo 4, o paradigma do “singular plural”, em Josso (2007), indica que os processos de formação de si são, ao mesmo tempo, singulares e coletivos. Cada sujeito constrói uma história própria, “totalmente original – porque singular –”, mas sempre situada “no seio de uma humanidade partilhada” (ibid., p. 420). Assim, a identidade para si não se constitui fora das relações, pois “não há individualidade sem ancoragens coletivas” (ibid., p. 431). O singular plural permite compreender a formação como invenção de si atravessada por vínculos, pertencimentos, contextos socioculturais e histórias compartilhadas.

geração imprime sua marca, e plural porque essa identidade se sustenta e se transforma em conjunto, no entrelaçamento de suas histórias ao longo do tempo.

Ao mesmo tempo, percebo que algumas das premissas que sempre sustentaram o GEABio, como a agroecologia, a ação política e a prática da pesquisa em educação, seguem sendo o solo sobre o qual o coletivo se constrói. Os mutirões na Horta Baudelaire marcaram profundamente gerações passadas, constituindo-se como experiências formativas que iam muito além do manejo da terra. Hoje, esse espírito de mutirão reaparece como novos sentidos, reivindicando atenção em outros espaços da universidade, em novas leiras abertas, em novas mudas plantadas, com novas discussões em pauta. A horta, que antes ocupava um território específico, se espalhou como rizoma, encontrando outros cantos, novos contextos e novos sentidos.

Sampaio (2005) discute sobre a fabricação de identidades de educadoras, no sentido de que a formação não se dá de maneira linear, como um portal pelo qual se passa e transforma alguém instantaneamente em educador/a ambiental, são fabricações e identidades em trânsito, sem começo ou fim, com vias de acesso múltiplas pelas quais vamos nos inventando e nos reinventando educadores. O coletivo funciona como um espaço que oferece condições para que cada estudante experimente esses modos de ser educadora ou educador. Não há um modelo pronto a ser seguido; há situações que convocam posicionamentos, decisões, responsabilidades. Ao participar de um mutirão, ao organizar um debate, ao se sustentar uma estrutura autogestionada como forma de organização, cada pessoa vai se inventando na prática, construindo sentidos sobre si mesma, sobre o que significa ensinar e aprender. A identidade docente vai sendo tecida na experiência compartilhada, no erro e no acerto, na escuta e no conflito. O GEABio cria brechas para que a prática educadora seja ensaiada, sentida e reconstruída continuamente, não somente para o futuro, mas no presente das vivências.

4. TERRITÓRIO FORMATIVO: NARRATIVAS, APRENDIZAGENS E FABRICAÇÃO DE IDENTIDADES AMBIENTAIS

Durante este processo de caminhada com as narrativas recebidas, algumas perguntas permaneceram comigo. Cada relato ia se somando ao anterior, formando um tecido de memórias, sentimentos e reflexões que trabalhavam juntas na construção de possíveis respostas para as perguntas iniciais e para as que foram surgindo. As perguntas voltavam a cada leitura, a cada memória compartilhada, a cada aproximação entre as histórias narradas, os documentos do grupo e minhas próprias experiências como geabionte. Ao longo do processo de leitura, estabeleceu-se a sensação de que as narrativas abriam caminhos para olhar novamente para aquilo que eu julgava já conhecer.

Ao acompanhar essas vozes, fui percebendo que cada narrativa carrega marcas diferentes da passagem pelo GEABio. Algumas falam de pertencimento, outras de deslocamento, coragem e amizade; muitas falam da descoberta da docência a partir das atividades do grupo. Também retornam com força a agroecologia, a arte, a bicicleta, a horta e os mutirões, junto dos conflitos e cuidados que permeavam essa vivência. Em todas elas, de formas mais ou menos explícitas, o grupo aparece como um espaço que marcou trajetórias pessoais e profissionais, produzindo reverberações na maneira como essas pessoas compreendem a Educação Ambiental, a universidade, a Biologia, a docência, a sociedade e a si mesmas.

Os documentos institucionais, atas, relatórios e descrições objetivas das atividades realizadas pelo grupo registram uma parte importante dessa história. As narrativas, por sua vez, revelam outra dimensão: aquilo que o grupo produziu nas pessoas. Revelam modos de olhar, de agir, de se relacionar, de aprender, de se autorizar como educador/a e de construir sentidos para a própria formação. Nesse sentido, o gesto de narrar a formação de si, como discute Josso (2007), organiza lembranças e permite compreender como determinadas experiências permanecem vivas no modo como continuamos existindo.

Depois de caminhar com as narrativas, tornou-se necessário adensar algumas questões que percorreram este percurso. Este trabalho coloca em discussão a formação a partir do GEABio com a intenção de gerar reflexão sobre alguns temas: como os espaços coletivos não formais de educação podem ser

relevantes na formação de educadoras e educadores ambientais? Como experiências vividas dentro do grupo de educação ambiental autogestionado da biologia contribuem para a constituição de identidades pessoais, profissionais e políticas? E, principalmente, como o GEABio pode ser compreendido como um território formativo no qual identidades de educadoras e educadores ambientais foram sendo fabricadas, narradas, deslocadas e reinventadas?

Pensar essas questões exige deslocar a identidade de um lugar fixo, natural ou evidente. A pergunta deixa de ser apenas “quem são” essas educadoras e educadores ambientais e passa a se aproximar de outro movimento: por quais experiências, práticas, discursos, encontros e disputas certos modos de ser educador/a ambiental se tornam possíveis? Essa mudança de pergunta me parece importante porque afasta a ideia de uma identidade pronta, como se alguém simplesmente “se tornasse” educador ambiental por escolha individual, vocação pessoal ou acúmulo de conteúdos acadêmicos. As narrativas ajudam a mostrar algo mais complexo. Essa identidade vai sendo construída aos poucos, no encontro entre aquilo que cada pessoa traz consigo e aquilo que determinados espaços tornam possível viver, pensar e imaginar. Muitas vezes, só possível a partir do encontro com o outro.

É nesse ponto que a ideia de “fabricação”, discutida por Sampaio (2005), ajuda a pensar o processo formativo vivido no GEABio. Fabricar, nesse contexto, significa compreender que certos modos de olhar, sentir, agir e reconhecer-se são produzidos histórica, cultural e politicamente. A identidade se constitui nas tramas, práticas, discursos e representações que atravessam os sujeitos e os ajudam a se perceber de determinadas maneiras.

Ao discutir a fabricação de educadores/as ambientais, Sampaio (2005) coloca em questão algumas representações culturais[18] que, por parecerem naturais e comuns, acabam escondendo suas próprias condições de produção. O que entendemos por Educação Ambiental, por consciência ecológica, por compromisso com a vida, por cuidado com a natureza ou por transformação social não nasce no

[18] O conceito de representação cultural é utilizado por Sampaio (2005, p. 59) a partir de Stuart Hall, em uma abordagem construcionista na qual “o significado não é inerente às coisas no mundo. Ele é construído, produzido. É resultado de uma prática de significação (...)” (Hall, 1997c apud Sampaio, 2005, p. 59). Desse modo, as práticas culturais que produzem os significados atribuídos às coisas podem ser compreendidas como representações culturais, uma vez que “a linguagem funciona como um sistema de representação” (Hall, 1997a apud Sampaio, 2005, p. 59)

vazio. São representações aprendidas, disputadas, repetidas, tensionadas e recriadas em diferentes contextos.

Por isso, a autora retoma, a partir de Larrosa, a ideia de que “o que todo mundo vê nem sempre se viu assim” (LARROSA, 1994 apud SAMPAIO, 2005, p. 92). Essa frase pode ser interessante para pensar o GEABio, porque o grupo também ensinava[19] a ver. Ensinava a ver a universidade para além das disciplinas, dos laboratórios e dos créditos obrigatórios. Ensinava a ver a Biologia para além da classificação dos seres vivos ou da reprodução de conteúdos científicos. Ensinava a ver a horta como espaço pedagógico, a bicicleta como gesto político, o mutirão como forma de aprendizagem, a reunião como exercício de escuta, a agroecologia como prática social, a arte como intervenção e a Educação Ambiental como algo muito mais amplo do que a simples conscientização ecológica. Aos poucos, aquilo que parecia dado começava a ser deslocado. A universidade deixava de ser apenas o lugar onde se assiste aula; tornava-se também um território de invenção política, pedagógica, coletiva.

Falar em fabricação, no caso do GEABio, aponta para um processo plural. As pessoas chegavam ao coletivo com histórias, medos, desejos, memórias escolares, experiências familiares, vínculos com a natureza, repertórios políticos, expectativas sobre a universidade e diferentes relações com a docência. Chegavam, portanto, já em processo de fabricação. O grupo atuava sobre essas marcas anteriores, com elas e, muitas vezes, a partir delas.

Nas narrativas, esse processo aparece de formas muito diferentes. Algumas pessoas encontraram no grupo uma possibilidade de pertencimento. Outras encontraram coragem para propor caminhos próprios de formação. Outras viveram ali suas primeiras experiências como educadoras. Para algumas, a agroecologia abriu horizontes de pesquisa, militância e vida. Para outras, a horta, a arte, a bicicleta, os mutirões ou a autogestão reorganizaram modos de estar no mundo. Isso mostra que a fabricação acontece de maneira pouco linear e pouco previsível. Cada sujeito atravessa o grupo a partir de seus próprios filtros, e o grupo também é transformado por essas presenças.

[19] Uso aqui o tempo verbal no passado porque, ao refletir sobre o GEABio e seu papel formativo, coloco em evidência minha experiência pessoal e a de colegas que também participaram do coletivo em outros momentos. É possível que essas reflexões ainda encontrem ressonância no momento atual do grupo; no entanto, por construir este trabalho a partir de uma perspectiva (auto)biográfica, optei por situar a análise em um tempo vivido, vinculado às memórias, experiências e sentidos produzidos em um passado recente do coletivo.

No caso do GEABio, havia um repertório comum que aparecia repetidamente nas práticas e nas narrativas. Autogestão, horizontalidade, agroecologia, mutirão, cuidado, coletividade, amizade, resistência, horta, bicicleta, arte, extensão e docência formavam parte dessa gramática geabionte. Essas palavras organizavam modos de agir, de se reconhecer e de pertencer. Eram retomadas em reuniões, projetos, formações, viagens, oficinas, intervenções, conversas e conflitos. Aos poucos, compunham uma gramática aberta, porque nunca pertenceu a uma única pessoa nem produziu um único modo de ser, mas ainda assim foi capaz de criar sentidos compartilhados.

A partir dessa gramática, a Educação Ambiental se expandia. O que antes poderia ser compreendido como tema, disciplina ou prática de preservação passava a envolver corpo, território, política, afeto, convivência, alimento, solo, escuta, linguagem, arte e coletividade. A horta ensinava tanto quanto uma disciplina. Uma reunião podia ensinar sobre paciência, responsabilidade e conflito. Uma oficina com crianças podia inaugurar uma trajetória docente. Uma viagem de bicicleta podia produzir outra relação com a cidade, com o corpo e com o espaço público. Talvez por isso, nas histórias narradas, as atividades do grupo apareçam como vivências capazes de produzir deslocamentos, aprendizados e modos novos de reconhecer-se.

Sampaio ajuda a compreender como certas imagens de educador/a ambiental são produzidas culturalmente e colocadas em circulação. Josso (2007), por sua vez, permite olhar para o modo como essas imagens se inscrevem nas trajetórias, nas aprendizagens e nos processos de formação de si. A passagem de uma autora à outra não abandona a discussão sobre identidade; ela a desloca para dentro dos percursos de vida, onde aquilo que se aprende, se lembra e se narra participa diretamente da construção de quem somos. Para Josso, todo projeto de formação cruza, “à sua maneira e nas palavras de seu autor”, com a temática da existencialidade associada à identidade, compreendida em sua dupla dimensão: “identidade para si, identidade para os outros” (ibid., p. 414).

Essa distinção desloca a identidade para o campo das relações. Aquilo que somos, ou que dizemos ser, se constrói entre os sentidos que elaboramos sobre nós mesmos e os modos como somos reconhecidos, nomeados, interpelados e deslocados pelos outros. A formação, nesse sentido, torna-se um espaço privilegiado para que essas questões apareçam, pois nela se cruzam projetos de

vida, pertencimentos, rupturas, continuidades, expectativas e desejos de transformação.

A narrativa de Nayara ajuda a compreender esse movimento. Quando ela associa a criação do GEABio a uma sensação de falta de pertencimento, e depois narra o grupo como um espaço em que outras pessoas também poderiam se sentir parte de algo, a identidade aparece como experiência de encontro. O vazio inicial se transforma em possibilidade coletiva. Aquilo que era inquietação individual passa a ganhar forma em um grupo, em uma prática, em uma história compartilhada. Nesse movimento, a identidade para si se reorganiza pela experiência de estar com outras pessoas e construir algo em comum.

Em Josso (2007), narrar a própria formação envolve colocar em evidência heranças, rupturas, continuidades, projetos de vida e recursos construídos pela experiência. A narrativa funciona como gesto de revisitação: permite que o sujeito reconheça acontecimentos, nomeie experiências fundadoras e compreenda como determinadas vivências participaram da construção de si. Ao narrar, a pessoa produz sentido sobre o vivido.

Esse movimento aparece com força quando Daniel chama sua escrita de uma “arqueologia de si mesmo”. Ao revisitar sua participação no GEABio, ele reorganiza sentidos presentes no recriar dessas experiências. O Projeto Biodiversidade, as formações no Çarakura, as intervenções artísticas e políticas, as viagens de bicicleta e sua atuação profissional posterior aparecem como partes de uma mesma trajetória. O vivido no GEABio continua “ecoando, ressoando, semeando” em seus trabalhos e movimentos atuais. A experiência passada, ao ser narrada, permanece atuando no presente.

Josso (2007) afirma que trabalhar com histórias de vida permite evidenciar “a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida” (p. 415). Em vez de uma identidade adquirida de uma vez por todas, a autora propõe pensá-la como processo permanente de identificação, diferenciação e definição de si. Nas narrativas recebidas, a identidade do educador/a ambiental vai sendo produzida entre aproximações e estranhamentos, entre experiências práticas e leituras teóricas, entre desejos pessoais e construções coletivas, entre aquilo que cada pessoa já era e aquilo que o grupo permitiu experimentar.

A narrativa de Julia explicita esse deslocamento quando ela afirma que, ao olhar para suas memórias, percebe que buscava “um sentido” e que a graduação

em Biologia ultrapassava os conteúdos aprendidos e as pesquisas realizadas. As formações no Çarakura, as interações fora das paredes da instituição, as invenções artísticas e a viagem de bicicleta aparecem como experiências que ampliaram seus modos de viver, aprender e se relacionar com o entorno. Quando ela reconhece que o GEABio influenciou seu crescimento pessoal e seu autoconhecimento, e que hoje cultiva mudas, horta e filhos em contato com o mato, a formação aparece em continuidade. Aquilo que foi vivido no coletivo se prolonga em práticas, escolhas e modos de habitar o mundo.

Essa continuidade, no entanto, não deve ser confundida com linearidade. As trajetórias são feitas de desvios, pausas, retornos, esquecimentos, permanências e novas leituras sobre o passado. Talvez por isso a imagem da identidade como algo móvel seja tão importante. O GEABio ofereceu experiências, linguagens, práticas, conflitos e pertencimentos que passaram a compor, de maneiras distintas, as trajetórias de quem viveu o grupo.

A trajetória narrada por Rinaldo ajuda a tornar essa ideia mais concreta. Inicialmente, ele se apresenta como alguém que observava de canto, admirando colegas que pareciam ter coragem para propor outros caminhos de formação. A aproximação com os mutirões, com a agroecologia e com a horta produz uma mudança de posição. Daquele estudante que seguia o proposto pela grade curricular emerge alguém que passa a direcionar a própria formação, propor espaços, discutir métodos, desenvolver oficinas, palestras, aulas e projetos. A identidade de educador ambiental aparece, nesse caso, como reorganização progressiva de saberes, práticas, valores e modos de agir na universidade.

É também nesse sentido que a noção de existência singular-plural, trabalhada por Josso (2007), se aproxima das narrativas recebidas. Cada pessoa viveu o GEABio de um modo próprio. As gerações são diferentes, os tempos de participação variam, os projetos lembrados não são sempre os mesmos, as intensidades de envolvimento também mudam. Ainda assim, as histórias se reconhecem umas nas outras. Há marcas que retornam: pertencimento, coletividade, agroecologia, desejo de transformar a universidade, crítica ao currículo formal, descoberta da docência, experiências na horta, convivência, afeto e formação política. Cada narrativa é singular, mas se constitui dentro de uma história compartilhada.

A identidade geabionte, se é possível nomeá-la assim, parece se aproximar dessa composição singular-plural. Ela se faz na linha entre o que cada sujeito viveu de modo único e aquilo que pôde ser reconhecido como experiência coletiva. O GEABio aparece, então, como uma paisagem formativa comum, vista por diferentes janelas.

Nesse quadro, identidade e aprendizagem se constituem mutuamente. Josso (2007) propõe compreender as experiências narradas a partir de aprendizagens existenciais, instrumentais, relacionais e reflexivas. As aprendizagens existenciais dizem respeito ao conhecimento de si; as instrumentais, aos procedimentos e saberes práticos da vida; as relacionais, às formas de troca, comunicação e convivência com o outro; e as reflexivas, à construção de modos de pensar e compreender o mundo. Essa formulação ajuda a perceber que a formação vivida no GEABio ultrapassava a aquisição de conteúdos e alcançava o corpo, a prática, a convivência, a linguagem, os afetos e as escolhas de vida.

A narrativa de Raíza reúne essas aprendizagens de maneira especialmente expressiva. Quando ela afirma que o coletivo lhe ensinou “teoria, prática, cognição e afeto; sensibilidade e respeito”, apresenta uma formação composta por muitas camadas. As aprendizagens instrumentais aparecem no manejo do solo, na escrita de projetos, na organização de eventos, nos mutirões, no projeto Quatro Elementos, nos trabalhos em congressos, na REGA, nas cicloviagens e na docência universitária. As aprendizagens relacionais emergem da escuta, do acolhimento, da conquista da sala, dos acampamentos e das redes de agroecologia. As aprendizagens reflexivas aparecem quando a leitura de Paulo Freire, a crise socioambiental, a questão agrária e os modos de vida passam a tensionar sua compreensão de mundo. E as aprendizagens existenciais se expressam na autoestima fortalecida, na confiança no coletivo e na crença em um tecido social capaz de sustentar mudanças profundas.

No GEABio, essas aprendizagens se cruzavam continuamente. Plantar, manejar a horta, organizar oficinas, escrever projetos ou conduzir reuniões mobilizava saberes práticos, cuidado, escuta, convivência e responsabilidade compartilhada. Em um mutirão, aprendia-se sobre técnicas de plantio e sobre o tempo da terra, o ritmo do corpo e a humildade diante da grandeza das coisas vivas que habitam as entrelinhas do espaço dito humano. Nas oficinas e atividades de extensão, o planejamento e a comunicação vinham acompanhados de um

movimento de autorização de si, no qual cada sujeito começava a se reconhecer também como educador/a. Nas viagens de bicicleta, o traçar da rota, a resistência física, a logística, o medo, a liberdade, a confiança, o território e a disputa política do espaço se entrelaçavam como parte de uma mesma experiência formativa.

5. SEMENTES, CAMINHOS E RETORNOS

Chegar ao final desta dissertação não significa encerrar a história que aqui foi narrada. Depois de caminhar com as narrativas recebidas, revisitar memórias e afetos, verificar documentos e ressignificar experiências que marcaram a história do grupo e a formação de diferentes pessoas, é importante retornar às perguntas que moveram esta pesquisa desde o início. Volto a elas com a consciência de que este trabalho buscou construir um espaço de escuta e reflexão sobre o papel formativo do coletivo, sobre a constituição de educadoras e educadores ambientais e sobre os sentidos produzidos nas experiências vividas em um grupo autogestionado, político, afetivo e em constante transformação.

No início da pesquisa, algumas inquietações me acompanharam como perguntas orientadoras: qual o papel do GEABio na formação dos estudantes de Biologia da UFSC? De que maneiras a participação no grupo é capaz de influenciar a trajetória acadêmica e profissional de quem o constrói? Qual a importância de contar a história do grupo por diferentes perspectivas, em momentos históricos distintos? Ao final deste percurso, compreendo que o GEABio teve, e continua tendo, um papel formativo que ultrapassa os limites do currículo formal do curso de Ciências Biológicas. O grupo se constituiu como um espaço em que estudantes puderam experimentar formas de ensinar, aprender, organizar, decidir, errar, escrever projetos e conduzir oficinas, participar de mutirões e construir intervenções, dialogar com comunidades, sustentar conflitos, cultivar amizades e elaborar sentidos para suas próprias trajetórias.

A participação no GEABio influenciou trajetórias acadêmicas e profissionais porque ofereceu experiências que marcaram, com intensidade, os modos de viver a graduação e imaginar o futuro. Nas narrativas recebidas, o grupo aparece como espaço de primeira docência, aproximação com a Educação Ambiental, formação política, experimentação pedagógica, construção de autonomia e invenção de caminhos próprios dentro e fora da universidade. Algumas pessoas passaram a se

reconhecer como educadoras a partir das oficinas, dos projetos e das atividades com escolas e comunidades. Outras encontraram na agroecologia, na horta, na arte, na bicicleta, nas formações e na autogestão elementos que reorganizaram suas formas de compreender a Biologia, a universidade, a docência, a militância e a própria vida.

Contar a história do grupo por diferentes perspectivas foi essencial para que o GEABio aparecesse em sua pluralidade. Cada narrativa trouxe um tempo, uma paisagem e uma forma singular de habitar o coletivo. Ao organizá-las em ordem cronológica de participação no grupo, foi possível acompanhar transformações, permanências, pausas, retomadas e reinvenções. A história que emerge desse percurso é viva, composta por camadas de memória, sentidos, afetos e modos diferentes de pertencer. Uma história que começa com os primeiros movimentos de criação do grupo e chega às gerações atuais, mostrando que o GEABio se transforma conforme as pessoas que o constroem, sem perder completamente os fios que sustentam sua existência.

Como discutido no capítulo anterior, essas experiências ajudam a compreender que a fabricação da identidade de educador/a ambiental acontece no encontro entre representações, práticas e vivências concretas. As imagens possíveis de reconhecimento, a educadora engajada, o biólogo comprometido com a vida, a professora sensível ao território, o estudante que disputa sua formação, o coletivo que age na contracorrente, todas ganham corpo no cotidiano do grupo. É nesse cotidiano que diferentes modos de ser educador/a ambiental são vividos, testados, tensionados e reescritos.

Por isso, pensar o GEABio como território formativo permanece como uma das principais sínteses deste trabalho. A palavra território carrega a ideia de lugar vivido, disputado, habitado e significado. O GEABio foi território porque produziu pertencimentos, exigiu trabalho, negociação, presença e responsabilidade. Abriu espaço para invenções, lidou com conflitos, cansaços, limites e descontinuidades. Foi formativo porque permitiu que muitas pessoas experimentassem outros modos de ser estudante, biólogo/a, educador/a, pesquisador/a, militante, amigo/a e sujeito político.

As narrativas apresentadas ao longo do terceiro capítulo mostraram que esse território foi vivido de diferentes maneiras. Cada pessoa narrou o GEABio a partir de seu tempo, de seus encontros, de suas marcas e de suas próprias formas

de lembrar. Ao colocar essas narrativas em diálogo, tornou-se possível perceber permanências importantes como a autogestão, a agroecologia, a política, o afeto, a crítica, a arte e a educação. Também apareceram deslocamentos, mudanças geracionais, pausas, retomadas e reinvenções que ajudam a compreender a própria continuidade do coletivo. O GEABio permanece vivo e em movimento; sua história se fez no intervalo entre aquilo que se herdava e aquilo que cada nova geração precisa criar.

Ao final de sua reflexão, Josso (2007) afirma que as práticas de reflexão sobre si, oferecidas pelas histórias de vida centradas na formação, funcionam como “laboratórios de compreensão de nossa aprendizagem do ofício de viver” e colocam em xeque a crença em uma “identidade adquirida”, deslocando-a em favor de uma “existencialidade sempre em obra, sempre em construção” (p. 431). Essa ideia ajuda a reposicionar as narrativas reunidas nesta pesquisa. As narrativas servem como registros de lembranças sobre o GEABio e, ao mesmo tempo, como exercícios de elaboração de si, nos quais o passado vivido no grupo é retomado, interpretado e reinscrito na formação de cada sujeito.

O GEABio nunca ofereceu um caminho pronto, nem uma identidade definida e imutável. A imersão na vivência do grupo oferecia encontros entre seres e práticas, com suas próprias linguagens, que criavam juntos possibilidades novas de aprender e ensinar. Desse encontro foram sendo produzidos modos de existir e educar ambientalmente. Modos que permanecem em movimento, nas histórias narradas, nas escolhas profissionais, nas práticas cotidianas, nas hortas cultivadas, nas aulas dadas, nas pesquisas escritas e nas formas como cada geabionte continua, à sua maneira, transformando-se com os outros.

No início desta pesquisa, existia a expectativa de levantar reflexões de diferentes sujeitos acerca do papel formativo e da história do GEABio, tanto para as pessoas participantes quanto para quem viesse a ler este trabalho. Acredito que essa expectativa foi alcançada em parte importante. As narrativas recebidas permitiram refletir sobre a potência de espaços outros, para além dos currículos formais dos cursos, na formação de educadoras e educadores ambientais. Também permitiram compreender como experiências vividas em coletivos autogestionados podem influenciar trajetórias acadêmicas, profissionais, políticas e pessoais pela força dos encontros, das responsabilidades assumidas e dos sentidos produzidos coletivamente.

Entendo, ainda, que esta dissertação passa a compor um acúmulo teórico, histórico e afetivo para o próprio GEABio. Ao reunir narrativas de diferentes gerações, memórias pessoais, documentos e reflexões sobre sua história, este trabalho pode servir como material para oficinas, formações, conversas futuras e processos internos do coletivo. Espero que ele contribua para que novas pessoas que chegam ao grupo possam reconhecer que entram em uma história longa, contraditória, bonita e ainda aberta. Uma história feita por quem veio antes, por quem caminhou ao lado e por quem continua fazendo o grupo existir e resistir.

Ainda assim, reconheço que nem tudo pôde ser desenvolvido com a profundidade que eu gostaria. Algumas questões apareceram ao longo do caminho e mereceriam mais tempo, mais fôlego e mais espaço de análise. Gostaria de ter estabelecido um diálogo maior com documentos, imagens, atas, cartazes, fotografias e outros registros do coletivo, compondo uma dimensão visual e documental mais forte da história do GEABio. Esses materiais aparecem em alguns momentos, porém poderiam ter recebido uma atenção mais cuidadosa, permitindo compreender melhor as estéticas, linguagens, símbolos e formas de comunicação que também constituíram a identidade do grupo ao longo dos anos.

Algumas discussões também poderiam ter sido ampliadas, como as relações entre autogestão e formação política, as tensões nos períodos entre continuidade e esvaziamento do grupo, ou ainda a presença da arte, da bicicleta, da agroecologia e da educação não formal como elementos formativos mais específicos dentro da cultura do coletivo. Essas vontades e objetivos não alcançados surgem do entendimento de que o processo de escrever uma dissertação é também lidar com as condições concretas da vida. Durante esse percurso, precisei equilibrar pesquisa, trabalho, prazos, cansaços, incertezas e as demandas de sobrevivência em uma sociedade que muitas vezes não oferece as condições necessárias para que a produção acadêmica aconteça com o cuidado, o tempo e a profundidade que ela exige.

Carrego a alegria e a satisfação de ter realizado um trabalho profundamente importante para mim, mas também reconheço que muitas sementes lançadas aqui ainda precisam de outros tempos para germinar. Entre essas sementes, uma das mais importantes é o desejo de transformar parte desta pesquisa em um memorial online do GEABio. A escrita final desta dissertação mostrou a necessidade de organizar, preservar e compartilhar a memória do grupo para além deste texto

acadêmico. Por isso, pretendo construir um blog ou site colaborativo, reunindo textos, imagens, áudios, vídeos, documentos, relatos e comentários de geabiontes de diferentes gerações. A ideia é que esse memorial seja um espaço vivo, aberto à colaboração de quem fez e faz parte do coletivo, possibilitando que novas narrativas continuem sendo acrescentadas à história do grupo. Quando estiver em construção, será entregue à gestão mais atual do coletivo, para que continue sendo cuidado, ampliado e reinventado pelas pessoas que hoje mantêm o GEABio vivo.

Creio que esse material final talvez seja uma das melhores formas de retorno desta pesquisa ao próprio GEABio. Se o trabalho nasceu do desejo de contar uma história construída por muitas mãos, faz sentido que ele se desdobre em um espaço que permita a continuidade dessa construção coletiva. Que esta dissertação possa, então, servir como acúmulo teórico, histórico e afetivo para o grupo e como convite para que outras pessoas também se reconheçam como parte dessa memória e continuem sua construção.

Ao final deste percurso, não encontro uma conclusão fechada, encontro um reconhecimento. O GEABio foi, para mim e para tantas outras pessoas, um espaço de formação, pertencimento, invenção e esperança. Um território onde se aprendeu a fazer Educação Ambiental de diversas formas, mas, principalmente, vivendo coletivamente os desafios de construir outro modo de estar na universidade e no mundo. Um espaço onde a agroecologia, a política, o afeto, a autogestão, a arte e a amizade se misturaram na formação de sujeitos que continuam levando consigo marcas desse encontro.

Assim, encerro esta dissertação com a sensação de ter caminhado por uma história que não termina aqui. As narrativas reunidas, as memórias revisitadas e as reflexões construídas reafirmam a continuidade do GEABio como experiência viva. Que este trabalho possa devolver ao grupo um pouco daquilo que ele me ofereceu, e ainda oferece a tantas pessoas: sentido, pertencimento, inquietação, responsabilidade e esperança. E que, como uma semente lançada em solo fértil, ele continue encontrando outros caminhos, outras mãos e outros tempos para continuar germinando.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Arnaldo. **O buraco**. In: ANTUNES, Arnaldo. Acústico MTV. São Paulo: Sony Music, 2011. 1 faixa musical.

BARZANO, Marco Antonio Leandro. **Cartas autobiográficas de formação e profissão: experiências de um professor-pesquisador-extensionista de Educação Ambiental**. Quaestio: Revista de Estudos em Educação, Sorocaba, v. 22, n. 2, p. 375-390, 2020.

BENJAMIN, W. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: _____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOLÍVAR, A. **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru: EDUSC, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Coordenação de Educação Ambiental. **Implantação da Educação Ambiental no Brasil**. Brasília: MEC, 1998.

CAMARGO, Daniel Renaud. **Lendas, rezas e garrafadas: educação ambiental de base comunitária e os saberes locais no Vale do Jequitinhonha**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CASTRO, Bruno Guimarães Queiroz de. **Escrevendo memórias: a leitura e escrita de cartas como uma vivência pedagógica de Educação Ambiental sobre ambientes naturais da Ilha de Santa Catarina**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

COSTA, Rafael Nogueira; MONTEIRO, Bruno; SÁNCHEZ, Celso. **Refletindo sobre as relações entre cinema e educação ambiental: vou para o sul saltar o cercado**. In: SÁNCHEZ, Celso; MONTEIRO, Bruno; COSTA, Rafael Nogueira (org.). Educação Ambiental desde El Sur. Macaé: NUPEM/UFRJ, 2020. Disponível em: https://geasur.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/03/livro_geasur.pdf . Acesso em: 17 nov. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

FOLADORI, Guillermo. **Limites do desenvolvimento sustentável**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

FONSECA, Alessandra Larissa et al. **Escolas à Beira-Mar: memórias e percepções**. 1. ed. Florianópolis: Autores do Brasil, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GALEANO, Eduardo. **Quatro frases que aumentam o nariz do Pinóquio.** Outras Palavras, 17 maio 2011. Disponível em: https://mst.org.br/2011/05/16/quatro-frases-que-fazem-o-nariz-do-pinoquio-crescer/. Acesso em: 30 mar. 2025.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 1999.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, São Paulo. **Proceedings online**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2006a. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 12 jan. 2026.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006b. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 12 jan. 2026.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas: Papirus, 1996.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso et al. (org.). **Ecologias inventivas: conversas sobre educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

IARED, Valéria Ghisloti et al. Educação Ambiental pós-crítica como possibilidade para práticas educativas mais sensíveis. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 3, e104609, 2021.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007.

KASSIADOU, Anne. **Potencialidades e desafios pedagógicos dos conflitos ambientais: tecendo relações entre educação ambiental e ecologia política**. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Para onde vai a Educação Ambiental? O cenário político-ideológico da Educação Ambiental brasileira. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 398-421, ago./dez. 2012.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **Mapeando as macrotendências político-pedagógicas da Educação Ambiental contemporânea no Brasil.** In: ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 6., 2011, Ribeirão Preto. Anais [...]. Ribeirão Preto: EPEA, 2011. p. 1-15.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 23-40, jan./mar. 2014.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 53-71, jan./abr. 2013.

LEAL, M. L. **A formação para educação ambiental dos agentes comunitários do Projeto Revolução dos Baldinhos:** uma análise a partir da perspectiva crítico-transformadora. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 145-163, jan./abr. 2009.

MAKNAMARA, Marlécio. Tornando-me um professor de biologia: memórias de vivências escolares. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, p. 501-528, 2016.

PARAÍSO, Marlucy A. **Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 34, n. 122, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 fev. 2026.

PARO, César Augusto; VENTURA, Miriam; SILVA, Neide Emy Kurokawa e. Paulo Freire e o inédito viável: esperança, utopia e transformação na saúde. **Trabalho,**

Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, e0022757, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00227.

PELACANI, Bárbara et al. Educação ambiental de base comunitária e a luta pela água. **Praxis & Saber**, Tunja, v. 12, n. 28, p. 152-167, 2021.

POIRIER, Jean et al. **Histórias de vida: teoria e prática**. Tradução de João Quintela. Oeiras: Celta, 1999.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas: Graf. FE, 2005. cap. 2, p. 47-62.

PREVE, Ana Maria et al. (org.). **Ecologias inventivas: conversas sobre educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

SAMPAIO, Shaula. **Notas sobre a fabricação de educadores/as ambientais: identidades sob rasuras e costuras**. 2005. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Bárbara Baccin dos. **O movimento estudantil e seu papel formativo: um estudo a partir do Centro Acadêmico de Biologia da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2025. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

SANTOS, Lázaro Araújo; SANTOS, Ana Marta Araújo. Principais desafios no diálogo entre academia e população: uma abordagem com base nos artigos publicados na última década no Brasil. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**, Medianeira, v. 12, n. 31, p. 34-43, 2022.

SANTOS,L.A. SANTOS, A.M.A.**Principais desafios no diálogo entre academia e população: uma abordagem com base nos artigos publicados na última década no Brasil** R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, v. 12.n 31, p. 34- 43, set/dez, 2021 Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit>. Acesso em: 11 set. 2025.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lucia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, Bragança Paulista, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

SOUZA, Jessé. **Brasil dos humilhados: uma denúncia da ideologia elitista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

ZANCO, Janice. **Dona Generosa e as crianças disparam...: outros modos de ver a Lagoa do Peri**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.